A ARTE DOS CONTOS

25 ANOS MultiRio

A Arte dos Contos veio transformar em tinta e mistério o que é pura imaginação.

São quadros imaginários em telas invisíveis, pendurados no ar.

Tudo verdade, tudo mentira.

Exercer essa possibilidade é um presente que nos damos e aos outros, sempre com generosidade.

Quem lê o que inventamos vira fada, duende, caminho, dúvida, lobisomem, saci. Nunca mais a mesma pessoa.

Esse é o objetivo deste livro coletivo: quem ensina sonha e reinventa tudo.

É necessário sermos eternamente mutantes.

Caique Botkay
Diretor-Presidente da Empresa Municipal de Multimeios Ltda. – MultiRio

A ARTE DOS CONTOS

A ARTE DOS CONTOS

Rio de Janeiro

MultiRio · Empresa Municipal de Multimeios Ltda.

2018

MARCELO CRIVELLA
Prefeito da Cidade
do Rio de Janeiro

TALMA ROMERO SUANE
Secretária Municipal de
Educação – SME

CAIQUE BOTKAY
Diretor-Presidente da
Empresa Municipal de
Multimeios Ltda. – MultiRio

MULTIRIO

ASSESSORIA DE ARTICULAÇÃO PEDAGÓGICA
Simone Monteiro

DIRETORIA DE MÍDIA E EDUCAÇÃO
Eduardo Guedes

EDIÇÃO
Regina Protasio

REVISÃO
Andrea Boechat
Gustavo Fonseca

ASSESSORIA DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO
Cyntia Motta

NÚCLEO DE ARTES GRÁFICAS E ANIMAÇÃO
Marcelo Salerno

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS
Ana Cristina Lemos

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Daniel Nogueira

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

SUBSECRETARIA DE ENSINO
Maria Nazareth Machado
de Vasconcellos

GERÊNCIA DE LEITURA E AUDIOVISUAL
Heveny Costa Mattos
da Cunha

COORDENAÇÃO DO PROJETO DAS ESCOLAS DE TURNO ÚNICO
Mônica dos Santos Mello

ILUSTRAÇÕES
Rafael Monteiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

A786 A arte dos contos [volume 1] / org. MultiRio. – Rio de Janeiro : MultiRio, 2018.
264 p. : il. ; 23cm.

ISBN 978-85-60354-38-2

1. Contos. 2. Literatura Brasileira. I. MultiRio - Empresa Municipal de Multimeios. II. Título.

CDD B869.93

UM NOVELO DE HISTÓRIAS

A vida é um grande conto, rodeado de contos miúdos. Uns entrelaçados em outros, presos por fios de histórias. Linhas planas, curvas, mixadas, nós, cortes... Fios embolados e trançados formam um novelo que agrega as pessoas, os casos e os acontecimentos.

Ler contos é se aproximar da vida inventada. Viver é se reinventar todo dia. E contar histórias é renascer em palavras. Precisamos dessas pequenas doses de fantasia para alimentar nosso imaginário e lidar com o real. A realidade e o sonho estão próximos, representados nos instrumentos simbólicos, como a literatura.

O projeto A Arte dos Contos, idealizado por Caique Botkay, diretor-presidente da MultiRio, semeia a literatura nas escolas. A partir de rodas de conversa literárias, contos de consagrados autores são lidos e discutidos por professores, bibliotecários, gestores, coordenadores pedagógicos, funcionários de apoio e responsáveis pelos alunos. Posteriormente, nasce uma escrita, quando cada leitor-autor se expressa e dá corpo aos afetos que surgiram com a discussão literária.

Machado de Assis, João do Rio, Lima Barreto, Dalton Trevisan, Manoel de Barros, João Ubaldo Ribeiro, Sérgio Sant'Anna, Clarice Lispector e Adélia Prado foram alguns dos autores cujos textos foram compartilhados e geradores de novas tessituras de palavras.

Esta coletânea é uma iniciativa pioneira, fruto da parceria da MultiRio com a Coordenação do Projeto das Escolas de Turno Único e a Gerência de Leitura e Audiovisual da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, que, desde 2017, vem semeando em diferentes escolas da nossa cidade o gosto pela literatura dos grandes escritores brasileiros, clássicos e contemporâneos.

Parabéns à equipe coordenadora da empreitada! Parabéns aos escribas que participam do livro! Que suas histórias e palavras espalhem sentidos múltiplos, cheios de musicalidade. Com a literatura, certamente ouvimos as vozes dos educadores, dos profissionais das escolas, dos alunos e suas famílias.

NINFA PARREIRAS
Escritora e psicanalista

SUMÁRIO

O casaco vermelho 9
A professora loura do banheiro 15
O baú era antigo 23
A menina dos cabelos vermelhos 29
Choros de uma alma 31
Amizade não naufraga 33
A casa ao lado 39
Laura 43
A triste vida de João 47
Mem de Sá, 175 51
Periguete literária 55
Sensações 59
Jogada de mestre 71
Incêndio 75
Coisas da Vivinha 79
Viagem de férias ou carma coletivo? 83
Uma realidade, um sonho 91
Experimento 97
Uma manhã de domingo 101
Andar 57 103
Uma lição de amor 115
O moço dos olhos verdes 119
Matemática, uma química perfeita 123
O Patronato 125
Conto de periferia 135
A aula 139

Tesouros 143
Por debaixo dos panos 147
Cicatrizes 149
Uma estrelinha 153
O sobrado cor-de-rosa 157
Aconteceu comigo... 161
Luci 163
Amizade perdida 167
A menina gloriosa 171
Ocorrência policial 175
Aventuras rumo à Central do Brasil 181
Uma experiência surpreendente 187
O operário 191
A rua ao lado 195
Embriagado Mari Magno (filosofia de botequim) 199
Uma Julieta chamada Beatriz 207
O bilhete 213
E se eu ganhasse na Mega-Sena? 219
Norte e sul 223
O acidente 227
Histórias de dona Lalá 233
A realidade de um sonho 237
Uma manhã de desventuras 239
Parafraseando a vida 245
O pé de galinha 251
A menina-mulher sonhadora 255
Conto sobre a vida 259
O poder de sonhar 261

O CASACO VERMELHO

RAFAELLA GARCIA

De uma casa de portões de ferro, muro amarelado de tamanho mediano, com cacos de vidros nas extremidades a fazer a segurança, caquinhos de azulejos a cobrir o chão do pequeno quintal, um vaso cheio de espadas-de-são-jorge num canto, localizada no subúrbio mais subúrbio, desse lar saía Catarina. Uma mulher que estava de férias. Dias muito estimados por ela, que já não aguentava mais a agitação apática do escritório em que trabalhava. Tantos quadrados riscados em xis no calendário, tanta ansiedade. Finalmente.

Andava pouco de sua casa até o ponto de ônibus, metade de um quarteirão. Acordou, se banhou, se vestiu, tomou só um café forte na sua xícara vermelha. Tirou os chinelos vermelhos, colocou os sapatos e saiu. Trancou a porta de madeira, colocou água e comida para Pablo, seu cachorro, um vira-lata clássico que tinha a pelagem preta e branca, mas com porte nobre.

Empurrou o portão de saída, ouvindo o maldito barulho daquele portão de ferro rangendo, que, quando abria, fazia com que ela se lembrasse de que precisava consertá-lo. Mas logo esquecia quando batia o portão.

Em um dia frio naquela cidade, lá vinha aquela figura robusta, mas doce, uma robustez singela. Caminhava de forma milimetricamente descompassada e charmosa pela rua. Era jovem e séria. Seu lado mais divertido era um privilégio para os poucos e bons.

Vinha ela, Catarina de casaco bordô. Como é bonita, eles diziam. Porém incompleta, eles diziam. Parecia que sempre lhe faltava algo, ela dizia. Mas já aprendera a lidar com tal fato, a própria falta preenchia

o que faltava, ela dizia. Carregava suas angústias como se fossem um adorno, um belo chapéu de confusão, ela pensava todo dia, quando olhava seu reflexo no espelho da porta de saída de sua morada.

Catarina gostava de vermelho, de livros, compota de berinjela, relógios e música. Estava a caminho do centro da cidade, indo comprar um casaco novo, pois o último, além de puído, não era vermelho, era bordô. O bordô era como se fosse a avó do vermelho, dizia ela, cheia de manias e esquisitices. O quase é o fim para alguém cheio de manias íntimas, e Catarina era dessas. O casaco bordô, tinha ganhado de presente de sua irmã Raquel, uma loira que parecia modelo. E como, naqueles tempos, estava mesmo precisando de uma boa roupa de frio, ficou com ele, mas queria mesmo um casaco vermelho.

Desde pequena tinha um desvio para essa cor: a cor do vestido da sua boneca, a cor do cabelo da madrinha, as tulipas no jardim da antiga casa em Madureira, a capa do caderno em poá vermelho e branco, a armação dos óculos da professora Rute, a geladeira na casa da vó Helena, as unhas da mãe pintadas com o esmalte seta vermelha, maçã, sua fruta favorita, o letreiro da locadora que tinha na rua da esquina, a vitrola que tinha na casa de dona Mirtes, antiga vizinha, a blusa do America de seu pai, seu primeiro batom vermelho que nunca esquecera, a menarca, o sangue líquido vital, as pimentas da feira, o licor de cereja, o tão sonhado casaco vermelho. Enfim, uma verdadeira obsessão afetiva.

Catarina não gostava de fígado, de pessoas gritando, de insetos, de abridores de lata e de telejornal. Ele mata a perseverança da gente, ela dizia.

Ao adentrar o ônibus, aquelas pessoas desconhecidas, mas muito próximas dentro de si, ela analisava, e pensava nas histórias. Nas histórias das pessoas. O que aquele senhor careca de casaco preto teria comido no café da manhã? Uma média na padaria – ele tinha cara de quem tomava café na rua, definitivamente, pensou ela. E a

mulher de cabelo preso e jaqueta jeans? Que música estava ouvindo com seu fone de ouvido? É uma estação de rádio! Definitivamente, ela escuta uma estação rádio específica, pensou ela. E aquele homem bonito de barba grande que provavelmente estaria indo trabalhar, trabalha onde e fazendo o quê? Tinha cara de professor de História – se pegasse o primeiro turno chegaria um pouco atrasado, pensou ela, olhando para o relógio de pulso que marcava dez e treze da manhã.

Gostava também de observar aqueles que pegavam no sono na viagem, ou aqueles que oscilavam entre cochilos primorosos; se cativava pelo sono alheio. Às vezes, até externava uma risada discreta de canto de boca, se sentia um pouco culpada, mas o que podia fazer se achava beleza no cansaço?

Quando deu por si, já estava na metade do caminho; nesse horário o engarrafamento era menor. Pensava muito e esquecia a realidade. Estava a pensar agora em seu novo casaco; este tinha que ser vermelho, pois o bordô já durava anos, e ela não aguentava mais vesti-lo. O casaco vermelho dos sonhos, aquele que iria reconfortá-la nas manhãs mais frias e embalá-la nas noites. Seu melhor amigo de pano, de flanela ou algodão – de moletom pouco combina, e lã é muito para o clima desta cidade. Casaco de couro, não – vermelho, então, muito chamativo. Blazer é muito formal. Estampado, não; queria algo mais sóbrio, monocromático, mas poderia ter botões, botões pretos para combinar: vermelho com botões pretos seria o ideal.

Já estava no centro da cidade, tinha até passado do ponto, a Catarina. Estava na Rua Evaristo da Veiga. Ela tinha que ter saltado na Avenida Presidente Vargas, mais precisamente próximo à Saara, onde a variedade visual e capital eram maiores. Desceu do ônibus, esbaforida, e foi andando depressa, bufando, com raiva de sua própria distração. Parecia uma pedra preciosa bruta rolando uma ladeira abaixo, sua robustez incompreendida e doce fazia expressões faciais comicamente infantis, expressando a raiva de estimação naquele momento. Acabou tropeçando nos pés de um morador de rua que estava deitado embaixo de uma das marquises – e que levantou tão depressa que só deu tempo de reparar que as meias sujas do coitado

eram vermelhas. Não era a primeira vez que perdia o foco porque se distraía com seus pensamentos. Isso sempre acontecia com Catarina: perdia a precisão por colocar seu chapéu de confusão na cabeça.

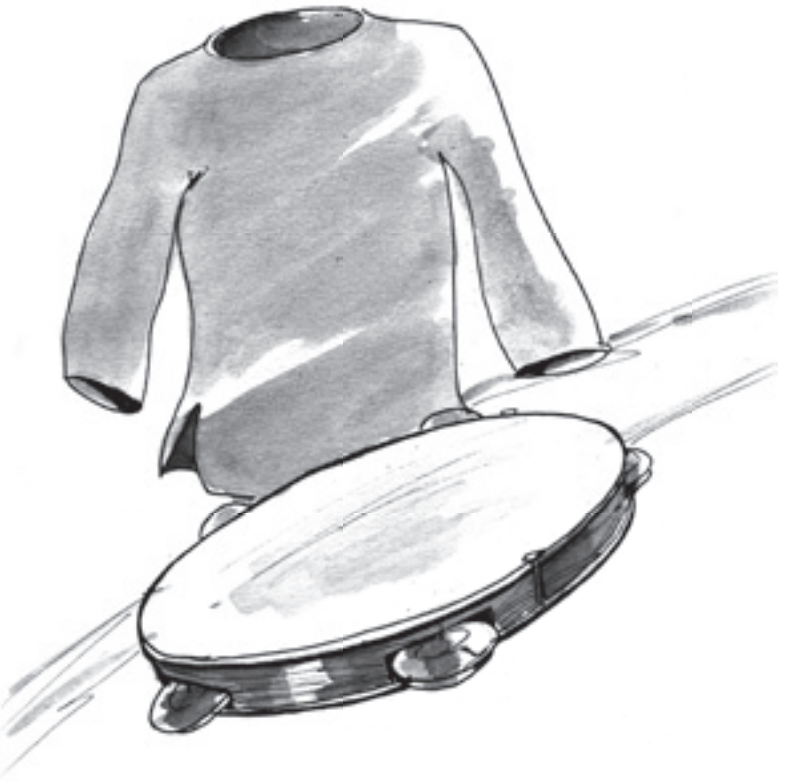
Andava, andava e andava, tão rapidamente que até transpirou. Foi caminhando por aquela rua sem pensar muito, uma ação mecânica, robotizada, pra não se deixar levar por nada que tirasse sua atenção. E até que lá estava ele, lindo, sutil, mas elegante, versátil, combinava com tudo, pensou ela. Estático, numa vitrine da Rua da Carioca. Como um cão que espera o dono, ele esperava por Catarina. Era ele: um pandeiro vermelho com platinelas vermelhas. O círculo perfeito, sua pele forrada com um adesivo vermelho cintilante que lembrava o Carnaval, a base na cor preta e as platinelas de aço todas pintadas de vermelho. O objeto mais lindo que Catarina jamais pensara em ter. Foi amor à primeira vista!

Arrebatada pela paixão, foi logo entrando na loja de instrumentos musicais e perguntou ao vendedor quanto custava aquele objeto, seu maior sonho de consumo daquele minuto. Cem reais, ele disse. Catarina tinha cento e trinta, dez para a volta, vinte para comer algo, e cem para o seu pandeiro de platinelas vermelhas. É o acaso, ela disse; mas eu nunca toquei pandeiro, ela disse também.

– Posso tocar? – disse ao vendedor.

– Mas é claro – ele prontamente respondeu. Disse a ele que queria o instrumento que estava na vitrine. E assim foi feito.

Naquele minuto em que o vendedor foi pegar o instrumento, aquele minuto que parecia uma eternidade, Catarina pensou que nunca pensou em tocar um instrumento antes, muito menos aquele, de bater. Pensou que combinava mais com um instrumento de corda, talvez. Um violino seria pequeno demais; um violão poderia ser bom; uma guitarra, não, apesar de gostar da sonoridade; um contrabaixo, não; talvez um violoncelo. Aquele grande combinaria com ela, grande.



– Ó aqui, senhora, o seu pandeiro. Pode tocar – ele disse. Um, um, dois, dois, um, um, dois... Um, um, dois, dois, um, um, dois... Catarina tocou um samba de partido-alto como se tivesse nascido fazendo tal ação. Reconhecia aquela levada, claro, todo domingo tinha roda de samba em algum lugar pelo bairro. E quando batia suas mãos grandes no pandeiro, seu coração batia junto de alegria. Não pensava em mais nada, somente ritmava as batidas e sorria. Esquecera a compota de berinjela, os livros, o fígado, os gritos, os insetos, o telejornal, as pessoas, o casaco. Quando batia no pandeiro – seu instrumento mágico, a descoberta da pólvora –, o seu chapéu de confusão se desfazia.

A música também era uma das coisas de que ela mais gostava e das poucas que lhe traziam paz interior. Como não tinha pensado nisso antes? – perguntava a si mesma enquanto conversava com o pandeiro. Não se preocupava com nada e ninguém, somente em sentir o som do seu toque no pandeiro. Olhou-se no reflexo de um

dos espelhos da loja, com aquela preciosidade vermelha nas mãos, e se amou, se viu transformada. Uma nova ótica tomou conta de sua íris, se vira nova, altiva, cheia de alegria por aquele objeto barulhento e adorável. Sentiu-se completa. Seu casaco puído bordô lhe pareceu simples, bonito e confortável, com um ar vintage que parecia estiloso. Uma imagem pitoresca, o pandeiro da felicidade, conexão barulhenta entre ela e o instrumento. Alegria faz barulho.

– Vou levar, moço. Pode embrulhar pra presente, por favor – disse ao vendedor, que logo lhe trouxe um embrulho num papel azul-celeste. Um prato de som para uma pessoa com fome de boas-novas.

Numa tarde fria daquela cidade, no centro daquela cidade, uma mulher saíra de uma loja de instrumentos musicais da Rua da Carioca. Mas não era uma mulher qualquer. Era Catarina, com sua robustez doce, com um casaco bordô confortável e seu pandeiro de platinelas vermelhas.

RAFAELLA GARCIA
PI de Artes na E.M. Mano Decio da Viola / 7ª CRE

A PROFESSORA LOURA DO BANHEIRO

DAVID BERKOWICZ

Começou a estranhar o comportamento da turma. As crianças pararam de pedir para ir ao banheiro. A princípio, tivera que ser bastante criteriosa, pois, a uma concessão para ir, se seguiam outros e outros pedidos. Agora, a situação mudara completamente. E qual seria a razão? Indagava-se. Comentou com uma colega na sala dos professores:

– Meus alunos pararam de pedir para ir ao banheiro... No início era a toda hora... Agora... Não é estranho? – perguntou para a colega, enquanto se servia de café.

Esta fez uma expressão pensativa e respondeu:

– É mesmo... Agora que você falou... Verdade! Ninguém pede para ir ao banheiro.

Outras professoras se juntaram à conversa e confirmaram o mesmo comportamento em suas turmas.

O assunto não retornou junto com a rotina dos intervalos diários para um breve descanso e um café na sala dos professores. Parecia que não se sentiam incomodadas pela mudança de comportamento. Não ter alunos pedindo para ir ao banheiro a toda hora permitia que se concentrassem mais nos estudos. O assunto parecia esquecido.

Aquela simpática escola fazia parte de um projeto de escolas pré-moldadas, construídas para atender a uma demanda crescente. Foram apelidadas carinhosamente de "Escolas Lelé".

Iniciara sua careira como professora da Rede Municipal em uma "Escola Lelé". Ali, encontrou o ambiente ideal de trabalho e a realização profissional junto a seus alunos.

Continuava preocupada com o inusitado comportamento das crianças. Além disso, estava tomada por um sentimento que tanto tem levado a humanidade a novas descobertas, boas e ruins: a curiosidade. Por que, afinal, as crianças não pediam mais para ir ao banheiro durante as aulas?

Passou a observar o comportamento dos alunos durante o recreio. Era o momento em que iam ao banheiro, mas em grupos. Ninguém entrava no banheiro sozinho, meninos ou meninas.

Tentou falar com seus alunos, que se mostraram reticentes. Não queriam falar sobre a repentina mudança de comportamento, pareciam um pouco envergonhados, assustados até, quando a professora tocou no assunto.

Não insistiu. Assuntos dessa natureza, a que os adultos não costumam dar muita importância, podem ganhar uma grande repercussão na mente infantil, pensou. Era necessário que os alunos falassem do assunto naturalmente, sem pressões. Teriam que contar a sua história, ou histórias... Quais seriam?

Depois das aulas procurou sua colega responsável pela Sala de Leitura. Um espaço amplo, bem-cuidado, com um bom acervo de livros, todos catalogados. Era um local da escola bastante frequentado pelos alunos e professores.

– Estou procurando alguns livros com histórias fantásticas para trabalhar com meus alunos – disse para a colega que, prestativa, a levou para uma das prateleiras, onde estavam vários livros do gênero. Passou a olhar um por um, a folheá-los, enquanto a colega fazia a resenha dos livros e falava sobre os autores, para que fizesse as escolhas adequadas.

Sua intenção era trabalhar algum tipo de literatura fantástica para que seus alunos se familiarizassem com o tema e pudessem encarar seus próprios medos, falar sobre eles. Deteve-se no livro *Contos de assombração*, uma coletânea de histórias do imaginário latino-americano.

Continuou percorrendo os corredores da Sala de Leitura formados pelas estantes de livros. Encontrou um livro de mitologia grega adaptado para crianças. Afrodite, Cupido, Hércules, Zeus e tantos personagens traduzidos para a linguagem infantil. Decidiu-se pelos dois livros.

Contar histórias não era novidade em suas aulas, mas pretendia inovar nos gêneros, aguçar a imaginação, criar um clima de suspense, aquele frio na barriga, sensações próprias das histórias fantásticas. Também utilizaria as histórias da mitologia, destacando o sentido da palavra. Afinal, parecia haver algum mito a ser desvendado naquela escola.

Naquela semana, os alunos da turma 301 fizeram um "passeio" pela América Latina. Antes de ler os contos de cada país, a professora lhes mostrava a localização em um grande mapa e falava um pouco sobre a realidade de cada um, a história, suas características. Depois dessas introduções, as histórias fantásticas.

Do Equador vinha a história *Maria Angula*, a mulher que tudo sabia... Da Guatemala, *Sombreirão*, um duende pequenino com seu enorme sombreiro... Da Argentina, *A sombra negra e o gaúcho valente*, a história de um homem que saiu pelo mundo em busca de riqueza... Do Brasil, *Caipora, o pai do mato*, o protetor da floresta e dos animais. Tantas histórias, tantos mistérios...

Depois da primeira semana dos contos de assombração, que mantinham vidrado nela o olhar de cada aluno, pensou em tocar no assunto da ausência de idas ao banheiro.

Como pretexto, pediu a um aluno que fosse ao banheiro pegar um pedaço de papel-toalha, para enxugar a mesa onde derramara água de propósito. Para sua surpresa, o aluno saiu e voltou com o papel. Perguntou:

– Pegou no banheiro dos alunos?

– Não, pedi para a tia no refeitório.

– Por que você não pegou no banheiro, como eu pedi?

O menino calou-se. Ainda não estavam preparados para contar...

Na semana seguinte, passou a contar as histórias da mitologia grega. Explicou que, por meio desses mitos, os gregos antigos explicavam a origem do Universo, a sua própria origem. De forma bem simples, levou seus alunos a perceberem que a palavra mito estava relacionada a uma crença que uma sociedade supõe verdadeira e que, por isso, não deve ser vista com preconceito. Era a sua maneira de ver as coisas, explicar o seu mundo.

Acharam interessante a história de Narciso, que se encantou com a própria imagem. Pôde explicar que, do mito de Narciso, nasceu a palavra narcisismo, um comportamento típico de quem não sai da frente do espelho...

Eros, que, não podendo ver consumada sua paixão por Psiquê, parou de lançar suas flechas do amor sobre os mortais, que, sem amar e ser amados, foram tomados de tamanha melancolia que já não tinham ânimo e forças para fazer nada... Até que Eros reencontrou o seu amor, lançou de novo suas flechas e as pessoas voltaram a sorrir, felizes por amar.

Porém, a história que mais intrigou seus alunos foi *A caixa de Pandora*. Enquanto a professora narrava, mantinham-se concentrados em cada palavra, curiosos para que o mistério da caixa fosse revelado. A professora levou uma caixa para a sala de aula e, enquanto lia a história, a manuseava.

Até que a abriu e, de uma forma bem teatral, fez "sair" da caixa os monstros que atormentam a humanidade: a inveja, a ganância, as doenças. Seguiu-se um debate. Estaria Pandora certa em abrir a caixa?

Alguns acharam que não deveria ter desobedecido; outros, que teria o direito de saber o que a caixa que estava em seu poder continha, que a curiosidade usada para o bem é algo positivo, leva a novos aprendizados. A professora dialogava com sua turma de alunos tão jovens, mas que já refletiam sobre questões fundamentais da vida.

O medo. Concluíram que Pandora não teve medo, enfrentou o desconhecido e lutou para manter o monstro mais perigoso na caixa, o que permitiu que todos continuassem vivendo e tendo esperanças.

Então a professora se dirigiu à turma.

– E vocês, possuem algum medo? Algo que gostariam de enfrentar?

– Sim... – disse uma aluna, no fundo da turma.

A professora percebeu que aquele era o momento em que, enfim, se desvendaria o mistério, com os alunos abrindo a sua caixa de Pandora.

– É alguma coisa sobre ir aos banheiros durante as aulas?

– Sim – respondeu a aluna, demonstrando toda a confiança necessária para falar sobre o assunto.

– É por causa da loura do banheiro.

– Como assim? – insistiu a jovem professora da turma 301. E sua aluna continuou explicando que havia um fantasma feminino, uma mulher loura que assombrava os banheiros da escola.

Conteve o riso. Mesmo conhecendo a história de outros tempos, perguntou:

– Alguém já viu a "loura do banheiro"?

– Não sei. Ela mora dentro dos espelhos. Se olhar para o espelho e falar o nome dela três vezes, ela aparece.

Chegou o dia da reunião pedagógica. Aulas suspensas, professoras reunidas para discutir o planejamento bimestral. Resolveu tocar no

assunto, o que desencadeou uma sucessão de piadas e risos, até que a diretora propôs uma solução.

– A loura do banheiro não mora nos espelhos? Vou mandar tirar os espelhos e guardar na minha sala. A "loura" vai ficar na minha sala comigo. E a história acaba com o tempo. Depois que esquecerem, mando recolocar os espelhos no lugar.

A retirada dos espelhos não era tarefa tão simples. As molduras estavam chumbadas nas paredes. O marido de uma das professoras (o filho estudava na escola e não queria mais ir ao banheiro) se ofereceu para retirar os espelhos. Faria o serviço na semana seguinte.

A caixa de Pandora.

A professora se perguntava sobre como aquela lenda urbana havia ressurgido em sua escola. Não... Não entraria no banheiro dos alunos depois das aulas e pronunciaria o nome do fantasma três vezes... Não faria... Seria ridículo! Ainda que ninguém estivesse vendo, não faria...

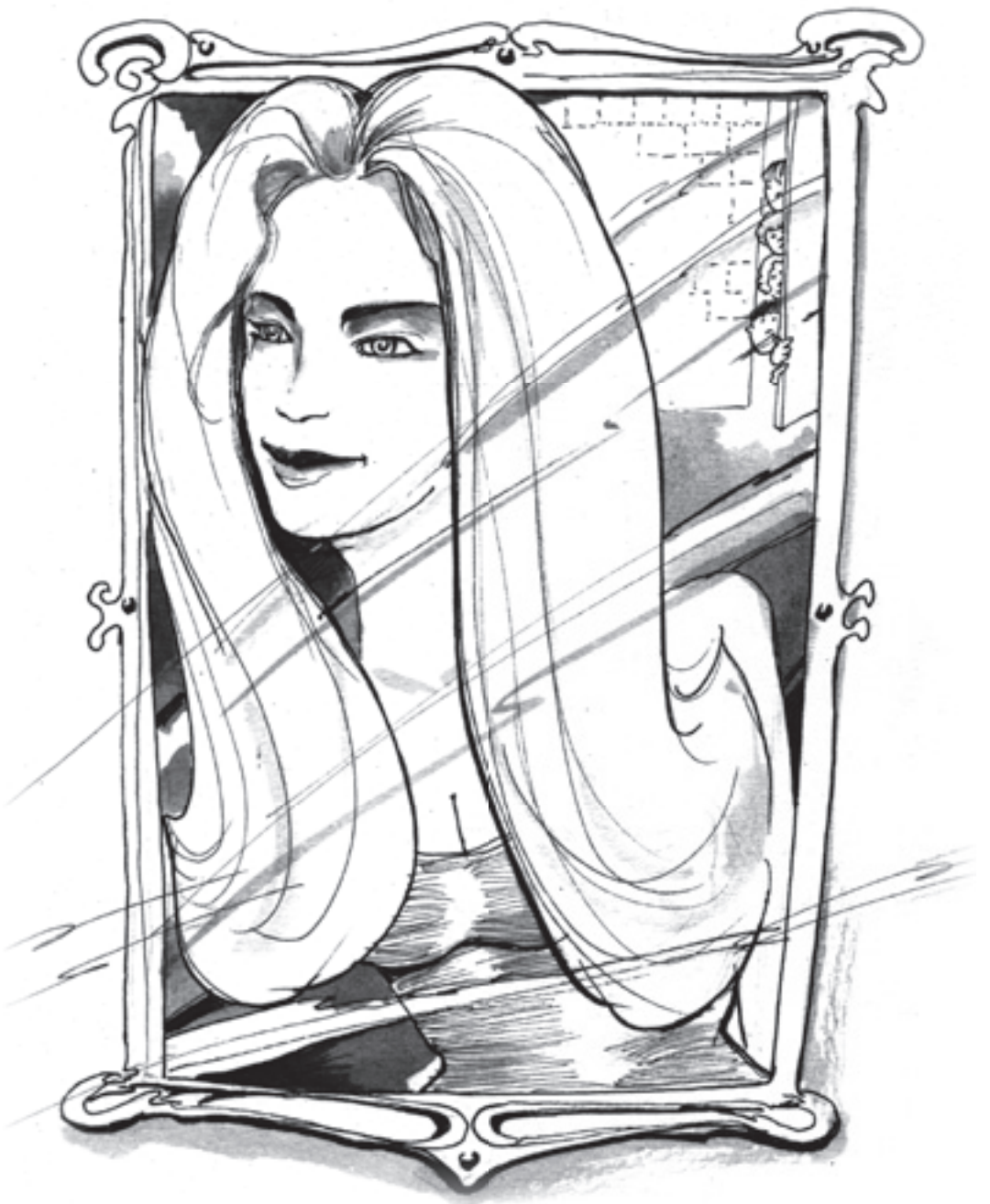
O sinal, estridente, tocou, anunciando o fim das aulas naquele dia. Fazia frio. Um vento gelado atravessava o pátio da escola, por onde os alunos se dirigiam ao portão, até que a escola ficou vazia. Não... Não faria aquilo, mas... A caixa de Pandora. Dirigiu-se ao banheiro, e, postada diante do espelho, olhou-se por algum tempo.

A claridade atravessava o basculante e fazia resplandecer seu cabelo longo, cheio e cacheado, louro, de um tom dourado que a pintura retocada toda semana realçava.

Não... não falaria o nome da mulher do espelho três vezes...até que...

– Enele... Enele... Enele...

Ao pronunciar o nome do fantasma três vezes, teve uma súbita revelação. O nome que corria entre as crianças era o seu próprio nome ao contrário, Enele, Enele!



Continuou olhando-se no espelho, refletindo como mudara seu cabelo de liso e preto para cacheado, cheio e louro, de uma tonalidade tão forte que quase ofuscava. A partir de então, a lenda ressurgira. Era ela, Elene, a professora loura do banheiro!

No dia seguinte, compareceu à escola de cabelo curto, preto, como da primeira vez que se apresentou em sua "Escola Lelé".

As crianças, em pouco tempo, voltaram a sua rotina de idas ao banheiro, onde os espelhos permaneceram.

Mas ninguém se atrevia a entrar ali e dizer Enele... Enele... Enele...

DAVID BORGES BERKOWICZ
PI de História na E.M. José Piquet Carneiro / 8ª CRE

O BAÚ ERA ANTIGO

LUIZ PAULO RIBEIRO LIMA

O baú era antigo, uma herança de família que não continha tesouros materiais, mas possuía histórias e lembranças que fazem com que o passado se realize no instante de minhas memórias.

O belo objeto, do começo do século XX, pertenceu à tia-avó Conceição, mineira de nascimento e carioca de alma. Pessoa de muita vaidade e de uma beleza singular, mesmo na primavera da vida, ainda era elegante e bela lá pelos idos de 1990.

Seus cabelos eram da cor lilás, pois gostava de pintá-los com rinsagem. Boca e unhas estavam sempre pintadas, e a roupa era limpa e bem passada, parecendo sempre nova.

Adorava contar suas histórias, que iam e vinham como sua cadeira de balanço, e eram tão açucaradas como seus doces de abóbora, suas cocadas de sol e seu olho de sogra com recheio de cajá. Uma dessas histórias era a do seu baú, trabalhado em madeira nobre, vinda de Portugal, que foi presente de felicidade e de infortúnio, lá no começo de 1921.

Na época, era acompanhante de dona Pequenina, a senhora mais rica da cidade, e gozava dos privilégios de sempre ter as melhores roupas, ir às melhores festas e estar cercada da elite da pacata cidade de Juiz de Fora. Assim ia a vida, entre chás e passeios. Titia era a filha que dona Pequenina não tinha.

Mas deverá você estar se perguntando: qual seria a história deste baú? Guardara um corpo, pois seria a doce senhora uma psicopata? Teria

sido um depósito de ouro? Não. O baú fora dado como presente de casamento por sua madrinha e protetora, pois montara seu enxoval mesmo antes de ter noivo. Pretendentes, ela possuía vários, mas nenhum lhe apetecia, e sua dinda não a deixaria casar com qualquer um; era preciso aprovação.

Numa tarde de sol de um janeiro bastante quente, Conceição se arrumou para sair com as amigas e receber de volta o irmão mais velho de Cotinha, sua amiga e confidente.

Colocou o vestido branco de renda, vindo de Paris, o chapéu de abas largas, o colar de pérola, se olhou no espelho, passou batom e ruge e usou o melhor perfume.

O ritual de saída era sempre o mesmo:

– Bença, madrinha, já vou tomar um geladinho com minha amiga!

– Deus te proteja e te guie. Quero você em casa antes das 19h.

– Sim, senhora.

E lá ia ela, toda serelepe, passear pela Rua Halfed. Mas queria o destino pregar-lhe uma peça, pois, ao colocar os pés na rua, viu o seu príncipe encantado com o cavalo branco.

Tudo bem que o cavalo era um carro último modelo, e o príncipe não era um verdadeiro nobre, mas era o rapaz mais belo que ela vira em toda sua vida. Moreno, espadaúdo, com um terno branco e um chapéu panamá, olhos cor de mel, traços bem feitos e, ainda por cima, com aquele belo carro.

Foi nesse instante que nasceu a paixão, pois ela olhou para ele e o oposto também se deu, quase causando um grande acidente. Quem seria ele? Não era dali, pois conhecia todos os principais partidos da cidade. Iria vê-lo novamente? Teria sido um sonho?

Um tanto atordoada, seguiu para a casa de chá, sem perceber o mundo a sua volta. Passou pelo Manoel da padaria, por dona Clotilde e pelo vereador Arnaldo, sem os perceber. Chegou ao seu local de encontro, buscou uma mesa e aguardou ansiosamente a amiga e o irmão. Minutos pareciam horas, mas seu pensamento não deixava aquele Packard 1921 e, principalmente, seu chofer.

A porta enfim se abriu e era sua amiga, o seu irmão João e, logo atrás, o príncipe encantado. Ficou gelada, a Terra se abriu sob seus pés, sentiu vertigem e desmaiou.

Acordou com os olhos de sua fulminante paixão nos seus, o que a fez desmaiar mais uma vez. Ah, o amor! Esse rapazinho de fraldas que fica a lançar suas flechas para todos os lados acabara de fazer mais duas de suas vítimas.

Daí por diante não podia ser diferente. Namoraram, noivaram e casaram. Ela teve o mais rico enxoval dado por sua madrinha, que vinha sendo feito muitos anos antes.

Havia baixela de prata, jogo de chá e de jantar vindos da Inglaterra, jogo de cama, mesa e banho vindos da Ilha da Madeira. Era um riquíssimo enxoval, de fazer inveja à rainha da Inglaterra, dizia dona Conceição.

Já seu marido era um homem de posses. Engenheiro, com um belíssimo carro, uma propriedade lá para os lados de Botafogo. Conhecia pessoas ricas e influentes, mas seu melhor e maior atributo era ser carinhoso, elegante em seus modos e suas maneiras.

Feliz, dona Maria da Conceição Ribeiro da Silveira fez sua lua de mel em Campos do Jordão, no melhor hotel e com todos os acepipes que uma moça de família, bem-educada e religiosa, deveria ter.

As minúcias do relacionamento carnal não eram contadas; ela só dizia que a camisola usada era branca, como sua pureza – que, confesso, não fazia nenhum sentido para mim, que era um garoto inocente.

A vida transcorreu bem até o primeiro mês:

– João, você viu a chave do baú?

– Não. Quer que ajude a procurar?

– Não precisa, eu tenho uma chave reserva.

O silêncio e a palidez tomaram conta de João:

– Nostra Madona!!! João, fomos roubados!!!

Ele abaixou a cabeça e começou a chorar. Isso assustou muito minha tia, que dizia nunca ter visto um homem chorar daquela maneira, mas o que realmente a afligiu foi o enorme vazio de seu baú. Foi, contudo, apenas o primeiro baque.

A revelação do vazio veio depois, quando ele disse que havia vendido os objetos do baú para pagar uma dívida de jogo. Perdera tudo na roleta, até o carro, que ele dizia estar há uma semana no mecânico. Havia retirado os objetos do baú quando o trouxe, um mês antes, de Juiz de Fora para o Rio.

– Mas por que você não usou da sua fortuna?

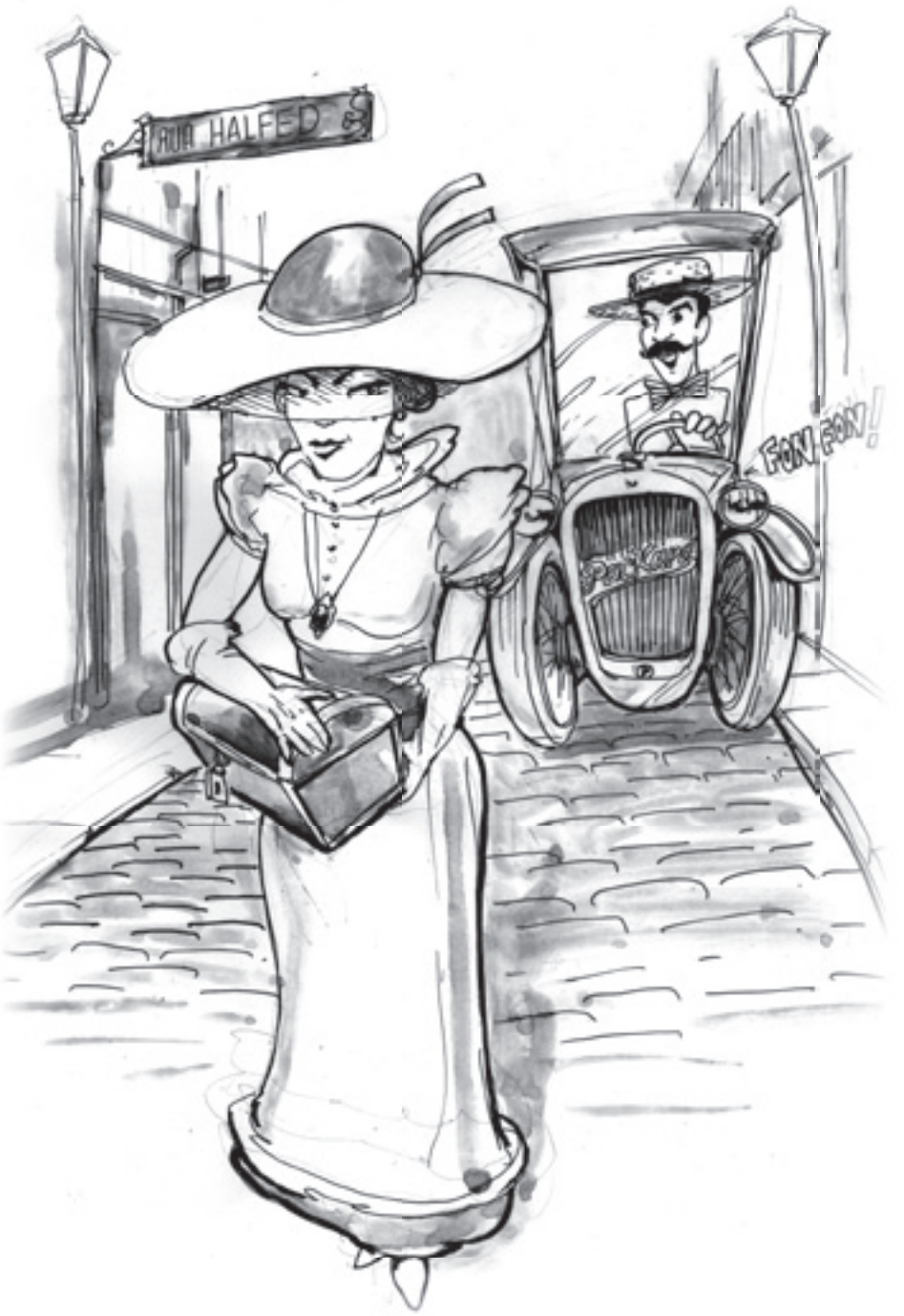
– Fortuna? Que fortuna? A única pessoa rica aqui é você.

– Eu? Sou uma pé-rapada...

– Mas e sua tia, a dona Pequenina? Ela é rica, dona da fábrica de tecidos em Juiz de Fora, pertencente à família Baptista de Oliveira.

– Sim, ela é rica. Eu só era sua dama de companhia, ela não era minha tia! Era minha madrinha, muito querida, mas não faço parte dessa família. Minha mãe era governanta e morreu quando eu tinha 9 anos!

Isso fez com que tanto ele como ela descobrissem que nenhum dos dois era realmente rico. A pobreza batia à porta de dois iludidos que se casaram por amor e também por dinheiro.


RUE HALFED
FOU FOU!

Saber que ele era viciado em jogo e que perdeu tudo só somou ao que veio depois, pois tiveram que mudar de casa, o salário de engenheiro não dava e ele continuou com sua amante, dona Jogatina, até um ano depois, quando veio a falecer.

E, assim, este foi um conto de fadas às avessas, pois o príncipe se transformou em um sapo do brejo mais lamacento e fétido. Do casamento, poucas coisas materiais ficaram, além do baú.

A alegria de viver permaneceu, pois esta história é contada por tia Conceição de forma engraçada. Hoje ela está no baú de minhas lembranças e, como diria minha tia:

– Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra.

LUIZ PAULO RIBEIRO LIMA
PI de História na E.M. Ceará / 3ª CRE

A MENINA DOS CABELOS VERMELHOS

LUANA TORQUATO SIQUEIRA

Era uma vez uma menina lindíssima, mas muito estranha, de longos cabelos vermelhos, finos como fios de cobre. Ela era pobre e não tinha nem mãe nem pai. Morava sozinha, perto da floresta, e tecia num tear de franjas, onde confeccionava franja para tapetes bordados. Um dia, um rapaz brutamontes, que era filho do carvoeiro, tentou forçá-la a namorar com ele, e ela, numa tentativa para se livrar dele, o presenteou com uma mecha de seu cabelo vermelho cobre.

Ele, no entanto, não sabia ou não se importou em saber se o cobre que ela lhe dera tinha algum valor, seja monetário ou espiritual. Assim, quando tentou trocar o cabelo por mercadorias, no mercado, as pessoas zombaram dele e o consideraram louco.

Furioso, ele voltou, ao anoitecer, à casa da menina, matou-a com suas próprias mãos e enterrou o corpo junto ao rio que passava nos fundos da casa. Por muito tempo, ninguém notou sua ausência, pois ela morava sozinha e muito afastada da cidade. Ninguém se interessava por sua casa, seu trabalho nem por sua saúde. Na sua cova, porém, seu cabelo vermelho cobre não parava de crescer. Aquele lindo cabelo abriu um grande buraco no solo e foi crescendo cada vez mais, em arcos e volteios, crescendo tanto até que sua cova se cobriu de fios de cobre, de um vermelho esplendoroso.

Alguns moradores da cidade, quando estavam caçando pela floresta, avistaram aquele junco e decidiram cortá-lo para ajudar na produção do artesanato local. Resolveram fazer flautas e, quando foram tocá-las, as flautinhas de cobre começaram a cantarolar sem parar: "Aqui é a menina dos cabelos vermelhos assassinada e enterrada, morta pelo filho do carvoeiro porque tinha vontade de viver e não de namorar com ele".

E foi assim que o rapaz brutamontes, que havia tirado a vida da menina dos cabelos vermelhos, foi descoberto e levado à Justiça, para que quem vive nas florestas afastadas da cidade, como muitas pessoas ainda vivem, pudesse mais uma vez estar em segurança.

LUANA TORQUATO SIQUEIRA
PEF no Ciep Gregório Bezerra / 4ª CRE

CHOROS DE UMA ALMA

SABRINA GUEDES DE OLIVEIRA

As luzes cintilavam ao redor da cidade. Todos corriam, apressadamente, para suas casas, em busca do presente e da ceia da última hora. Eu, porém, vagueava, olhava, debruçava-me nas frias vitrines, e me encantava com o brilho que delas resplandecia.

Eram quase oito horas da noite e apenas um pedaço de pão duro tinha enganado meu estômago. Essa era a minha rotina desde que havia fugido da minha cidade e ganhado o mundo, há quase cinco anos. Perambulava, pedia e até ganhava um troco, mas a saudade que tinha de casa, nessa época do ano, matava o meu orgulho de filho pródigo.

Já com 12 anos, não me recordava, em nenhum momento, de ter recebido presente ou afeto por ocasião de qualquer comemoração. Queria conter as lágrimas, mas a emoção enchia meu semblante, e desabei ao som dos toques de felicidade que insistiam em apunhalar minha alma. Era uma noite em que todos comemoravam, mas eu...

As luzes resplandeciam o alvoroço e o burburinho das casas em festa. Todos lá dentro a cantar, embalados pela alegria de celebrar a chegada do ano novo que já se aproximava. Com meu olhar aguçado e ávido por um instante de felicidade, ficava do lado de fora, espreitando os que iam e vinham de todos os cantos e lugares. Todos estavam arrumados, muito bonitos, e eu me achava indigno de pensar que poderia passar um instante que fosse de paz.

Minha miséria era muito grande. Queria poder compartilhar esse momento tão belo e significativo, sair da minha sujeira e ter um lar. Tentava acompanhar os cânticos e movimentos, mas a voz embargava e minha presença parecia fantasmagórica. Sem que eu percebesse, enquanto chorava o que tinha sido minha pequena pobre vida até aquele instante, aproximou-se de mim uma senhora. Levantando-se do conforto do banco de seu automóvel, veio ao meu encontro e me resgatou do meu sofrimento, levando-me para dentro dele e partilhando comigo o encanto do que todos celebravam.

Foi o melhor ano-novo que tive, pois não foi apenas um dia de celebração, mas, muito mais do que isso, passei a ter um lar, uma família, alguém que pude chamar de mãe e que me mostrou o verdadeiro sentido dessa data: o amor entre os semelhantes.

SABRINA GUEDES DE OLIVEIRA
Coordenação Pedagógica na E.M. Josué de Souza Montello / 1ª CRE

AMIZADE NÃO NAUFRAGA

JULIA MARIA TELHEIRO FONTES

O relógio marcava 21h40. Olhávamos para o mar e nem sinal da barca, ainda que, diante daquele nevoeiro de uma noite de inverno, talvez fosse realmente mais difícil avistá-la.

Sentia uma necessidade imensa de ir ao banheiro. Já havíamos caminhado desde o campus do Gragoatá debaixo de uma fina chuva. O vento assobiava em meus ouvidos, as sapatilhas estavam encharcadas. Tudo parecia contribuir com a sensação de bexiga cheia. Aquele percurso que sempre fazíamos conversando tranquilamente e nem sentíamos a hora passar, naquela noite parecia ter ficado três vezes maior. Não lembro de trocarmos muitas palavras pelo caminho. Ambas estávamos cansadas e o frio e a chuva pesavam ainda mais sobre nosso cansaço.

Fátima era uma amiga querida com quem dividia meus dias de universitária. Mas não apenas isso. Havíamos nos conhecido na Escola de Formação de Professores e, durante aqueles três anos, tive nela uma grande amiga. Sabe aquelas amigas que tudo ouvem, sobre tudo podem opinar, que mesmo que discordem algumas vezes (e ela discordava muitas), você sempre as escuta porque sabe que há algo mais forte que nos une a elas? Não era uma amizade qualquer. Era um amor fraterno profundo. Era a certeza de que nela eu tinha a amiga sincera, a irmã com quem sempre poderia contar.

Só havia uma coisa que me incomodava nessa amiga: uma timidez talvez maior que a minha. Fátima não gostava de aparecer, fazia questão de falar pouco na apresentação dos trabalhos acadêmicos. Era inteligente, mas sempre muito sucinta. Conseguia resumir o que queria em poucas palavras e odiava se expor além do estritamente

necessário. E eu tinha plena consciência disso. Eu também era uma pessoa tímida, mas, quando se fazia necessário, me expunha sem maiores dramas. Respirava fundo e pensava: é preciso! Ainda que meus pés estivessem gelados, minhas mãos, trêmulas e minha voz demonstrasse meu flagrante nervosismo.

E estávamos lá. Estação de barcas Niterói-Praça XV. Cansadas, loucas por chegar em casa, com frio e fome. E eu com a bexiga cheia quase além do suportável. Olhava pro mar e nem sinal da barca. Mas ao olhar para o mar e sentir aquele vento gelado, a necessidade de ir ao banheiro se tornava insuportável. Foi quando, num ímpeto de desespero, entreguei minha bolsa e meu caderno para Fátima e corri para o sanitário feminino. Ou faria aquilo, ou passaria a maior vergonha da minha vida.

Não me lembro de falar nada. Lembro-me apenas daquela necessidade crescendo dentro de mim. Aquela sensação de desespero que toma conta e você não tem muito a pensar. Deixei minha amiga ali, com todos os meus pertences e, sem falar nada, corri. Sentia-me aliviada por atender essa necessidade do meu corpo, mas havia segurado por tanto tempo que parecia que nunca mais sairia daquele banheiro. Sentia como se houvesse tomado um porre de água de coco. Não sei por quanto tempo fiquei no banheiro, mas com certeza um tempo maior do que o normal.

Estava tão absorta que acho que não ouvi o sinal da barca, mas tinha certeza de que ela estaria lá pelo tempo que se passara. Lavei as mãos e saí. Para minha surpresa, o portão da plataforma de embarque estava aberto e havia duas barcas atracadas, ambas já lotadas. Foi quando escutei o sinal de que iriam partir. Bateu-me um desespero. Eu, como constante usuária da barca, sabia que nesse horário das 22h partia uma última barca para o Centro e outra para Paquetá. Caso eu entrasse na barca errada poderia ir parar em Paquetá. E o pior, sem documentos, sem um tostão no bolso, já que havia deixado tudo com a Fátima na ânsia de correr para o banheiro.

Não havia muito tempo para pensar e nem opções do que fazer. Imediatamente corri em direção a dois funcionários que ficavam na plataforma e tentei explicar a situação enquanto ainda havia tempo.

– As barcas não podem sair. Ela está com minha bolsa, meu dinheiro, tudo meu!

Eu não consegui entrar em detalhes, não havia tempo pra isso. E em meio a minha falta de jeito para explicar a situação, um dos funcionários gritou:

– Segura aí! Não libera as barcas! A moça foi roubada!

O desespero tomava conta de mim. Ele havia entendido tudo errado! Mas ao menos as barcas ainda estavam ali! Quando me dei por conta, estava cercada por vários funcionários que tentavam de alguma forma ajudar.

– Eu não fui roubada! Minha amiga que estava com minha bolsa embarcou enquanto eu havia ido ao banheiro. Mas não sei em qual barca ela está. E não tenho dinheiro para ir de ônibus caso as barcas saiam sem mim.

O rapaz, muito solícito, com uma prancheta em mãos, me perguntou:

– Qual o nome de sua amiga?

Dei o nome completo de Fátima. Naquele momento eu já nem me dava conta de que era só perguntar qual era a barca que seguiria para a Praça Quinze. Entraria nela e teria todo o tempo da viagem para encontrar minha amiga. Mas, em meio a tanta confusão, minha cabeça não funcionava bem. Sentia medo de ficar ali à noite, sem dinheiro e sem documentos. É bom lembrar que naquela época não tínhamos celular. Não me lembro se já existiam no Brasil, mas, se sim, deveriam ser de alto custo.

Então, um dos funcionários que tentava ajudar me conduziu à entrada de uma das barcas. Nesse percurso eu podia observar os

olhares de interrogação e de insatisfação de vários passageiros. Afinal, eu estava atrapalhando o retorno de todos. Quando adentro a barca, ouço em alto e bom som, pelo microfone da mesma:

– Fátima Maria Machado Fonseca, favor compareça à proa de embarcação. Sua amiga a aguarda.

Eu entrei e caminhei por todo o primeiro piso da barca, acompanhada por um funcionário que não parava de falar:

– Como é sua amiga? Ela já deve aparecer. Fique calma.

Calma... Uma palavra que não fazia o menor sentido naquele momento. Eu olhava pra todos aqueles rostos. Alguns com olhar curioso, outros um tanto furiosos, mas nenhum era o de Fátima. Entrei em desespero por precisar encontrá-la e ao mesmo tempo preocupada com aquelas pessoas, não apenas nesta barca em que eu estava, como também na outra, ao lado, que também havia sido impedida de partir. Escutava um burburinho. Vozes, muitas vozes. Não identificava o que diziam. E isso pode ter sido bom.

Depois de ir até o fundo da barca, entrando pela esquerda dos bancos e retornando pela direita, tinha certeza de que Fátima não estava ali. E aquele terrível microfone continuava repetindo insistentemente:

– Fátima Maria Machado Fonseca, favor comparecer à proa de embarcação. Sua amiga a aguarda.

O rapaz que me acompanhava continuava tagarelando em meus ouvidos. Não me lembro de tudo que ele falava.

– Moça, tem certeza de que sua amiga está nessa barca? Vamos subir e depois tentamos a outra.

Subimos a escada que dava acesso ao segundo pavimento da barca. E eis que assim que coloco os pés no último degrau vejo aquele rosto carrancudo como nunca. Ela me visualizou no mesmo instante. Olhou para os lados e fingiu não me ver. Não havia como negar que,

apesar de aborrecida, a imagem era muito engraçada. Fátima sentada, com duas bolsas e alguns livros e cadernos e uma expressão difícil de explicar. Como minha mãe diria, ela estava bicuda.

A barca nunca lotava nesse horário. Havia um lugar vago ao seu lado. Dirigi-me em sua direção. Sentei-me ao seu lado. Ela levantou-se e, sem nada falar, colocou minhas coisas em sua cadeira. Caminhou para o fundo da embarcação, onde permaneceu até a chegada à Praça Quinze.

Eu imaginava o quanto ela estava chateada por ter seu nome aclamado dentro de uma barca que utilizávamos todas as noites. Entretanto, era difícil me conter ao ver a cena. Eu acreditava que também tinha motivos para ficar chateada. Afinal, por que raios ela resolveu entrar na barca sozinha? Por que não me esperou retornar do banheiro? E se eu passasse mal?

Mas, apesar de ter passado todo aquele desespero, apesar do medo de ficar sozinha e sem dinheiro em Niterói, apesar da vergonha que passei por estar, eu sim, sendo exposta por tudo que havia feito... apesar disso tudo, eu achava engraçado. Talvez porque pra mim tudo acabou bem. Já na cabeça de Fátima esse acontecimento a enchia de vergonha.

Chegamos finalmente à Praça Quinze. Caminhamos silenciosamente até o Castelo. Pegamos o ônibus que costumeiramente pegávamos para nossas casas. Nesse trajeto sentei ao seu lado e tentei conversar, mas ela estava tão zangada ainda. E seu olhar bravo, suas atitudes inflexíveis, só me faziam sentir mais vontade de rir. E eu a conhecia suficientemente para saber que isso a deixava ainda mais brava.

O jeito foi parar de falar e tentar controlar minha irresistível vontade de rir de tudo aquilo. Resolvi aguardar pelo dia seguinte, quando teríamos que retornar à faculdade e ela certamente estaria mais tranquila.

O dia seguinte chegou e Fátima não foi à aula. Liguei para sua casa, ela estava ainda muito incomodada. Imaginava haver na barca colegas da faculdade; e certamente havia.

Resolvemos passar um tempo indo para Niterói de ônibus. Até que, passadas algumas semanas, tudo voltou ao normal.

Muitos anos se passaram e eu e Fátima somos amigas até hoje. Além de amigas, viramos comadres. Ainda somos confidentes e conversamos sobre tudo; quer dizer, quase tudo. O episódio da barca virou nosso único assunto proibido. Mas o mais importante é que nossa amizade não naufragou.

JULIA MARIA TELHEIRO FONTES
Professora de Sala de Leitura no Ciep Olga Benário Prestes / 11ª CRE

A CASA AO LADO

VERA BASTOS

Olhar-se no espelho começou a ser algo torturante. Ver, no fundo dos olhos, as pessoas amadas que um dia se foram, deixando no rosto as marcas de sua história, doía demais. E que história! Marcada por amores e perdas. Ao todo foram sete amores, sete esposas e a viuvez. Muita dor para um coração só.

Renato sempre soube renascer, apesar dos pesares. Acreditava que o dia seguinte era sempre um novo dia. E que Deus era bom; afinal, o amor sempre surgiu numa esquina qualquer, quase sem querer. Quando via, estava enredado em suas teias. E feliz seguia, ouvindo o canto dos pássaros.

Sua vida resumia-se num misto de alegria absoluta e profunda tristeza. Era como se pudesse alcançar o céu e, de repente, descer ao inferno. A primeira esposa partiu num piscar de olhos. Saiu para uma consulta médica de rotina e ficou no asfalto quente de uma terça-feira apressada. A segunda, durante as férias do casal, partiu com passagem somente de ida, após a glote fechar ao comer deliciosos e irresistíveis camarões. Deixou nele aversão ao crustáceo até hoje.

Com a terceira esposa, permaneceu feliz por mais tempo. Chegou a pensar que tinha se livrado dessa sina. Porém, ela adoeceu e o deixou, fazendo-o experimentar a partida lenta com direito a lágrimas a prestação. Dor infinita... Não sabia o que poderia ser pior: a perda repentina ou aquela em que o gosto amargo durava mais tempo. E por durar mais tempo, demorou a aceitar a situação. Afinal, ficar viúvo por três vezes, tendo que cuidar de três filhos que lembravam as respectivas mães, era ferida aberta. Por ser temente a Deus, a esperança e a fé deixavam-no de pé. E o destino colocou em seu caminho uma nova mulher para lhe trazer de volta o colorido da vida que cismava em desbotar.

A quarta mulher foi quase um presente.

Também viúva e com dois filhos, apaixonou-se assim que o conheceu. Para ser mais exata, antes disso mesmo. Ao ouvir a triste história sobre o pobre viúvo, condoeu-se e se entregou. Foram dois anos de pura felicidade. Entendiam-se muito bem, eles e os cinco filhos.

Era bonito ver a harmonia que reinava naquele lar. Até a desgraçada das gentes chegar, se abancar e escolher quem ela queria levar. Adivinhem quem escolheu? De um tropeço abrupto no último degrau da escada que dava ao segundo andar, enquanto levava a mamadeira para o sexto filho do casal, escorregou, rolou os degraus e a pancada na cabeça foi fatal.

Renato com seus seis filhos mudou-se para uma casa sem escadas. Contratou uma babá, duas empregadas e foi vivendo a vida, sem vontade. Mas precisava trabalhar, pagar as contas e curar a dor. A babá era bonita que só. Atenciosa, cuidava do bebê e do Renato.

Ele a apreciava; no entanto, começou a nascer dentro dele um enorme monstro que o amedrontava insistentemente.

A babá percebeu que Renato demonstrava certo interesse por ela, mas a evitava. Não entendia bem o porquê. Acreditava que o tempo o faria esquecer a última esposa, como esqueceu as outras. Bastava esperar e o teria em seus braços e em seu coração. O luto prolongou-se. Durou dois anos. Não porque não quisesse enredar-se de novo. Renato não nascera para viver só. Era o monstro que o dominara, fazendo-o acreditar que a babá poderia ser a próxima vítima. Sentia-se culpado antes de consumar o fato.

Numa noite de lua cheia, à beira da piscina, ao fim de uma festa familiar, os dois se olharam, as crianças dormiam e foi inevitável. O casamento sucedeu em semanas. Os noivos estavam felizes, os filhos também. Cerimônia simples, com poucas pessoas, bolo, champanhe. Alguns comentavam: "Pobre Renato! Quanto tempo durará esse casamento?". Ou, ainda: " A noiva sabe quanto tempo de vida lhe resta?". Perguntas, claro, que eram feitas disfarçadamente, entre amigos apenas.

Após a lua de mel, a notícia foi bombástica. Acidente de carro. Quebrou o pescoço. Não chegou viva ao hospital. Renato, dessa vez, não quis ver ninguém. Recusou-se a ir ao enterro, a receber visitas, telefonemas, ou quaisquer sinais que pudessem fazê-lo lembrar sua sina.

Foram meses assim, até a família intervir e obrigá-lo a retomar a vida. Por intermédio de uma prima próxima, aceitou ir a uma psicóloga para tirar da cabeça a maluquice que botara em sua mente: era um assassino em potencial, mesmo sem querer. Como ser feliz carregando esse fardo?

A psicóloga, com fala mansa, firme, convenceu-o de que ele nunca teve culpa de nada que acontecera. Tudo obra do destino. Ele a convidou para jantar. Ela aceitou e, em dois meses, caíram de amor um pelo outro. Por via das dúvidas, decidiram juntar os trapos, sem casamento, sem cerimônia, sem comentários maldosos.

Ano perfeito! Casal feliz! A mulher fazia-lhe todos os caprichos, mimos, dengos. Sentia-se amado, nas nuvens. E lá mesmo aconteceu o que temia. A mulher viajou para um congresso fora do país. Acidente de avião. Nenhum sobrevivente.

O viúvo não quis mais saber de camarões, terças-feiras, doença, escadas, carro, avião. A cada dia, menos possibilidades. Respirar talvez fosse muito. Engordou, enfeiou, envelheceu. As crianças cresceram e puderam ajudar o pai a superar as perdas. Aceitou o destino. Foi vivendo até conhecer Maíra, mulher de meia-idade, sem graça, sem nada, vizinha ao lado. Aparecia de vez em quando. Levava um bolo quentinho, recém-saído do forno. O coração não acendeu, e o desejo, muito menos. Amor, nem pensar. Entretanto, foi aceitando os agrados. Os filhos, ocupados, iam levando suas vidas. Renato passou a apreciar as visitas, sentir falta das conversas, da companhia.

Como bons amigos, ele confidenciou sua vida a Maíra, que escutava, segurava suas mãos, dizia que sentia muito e entendia tudo pelo qual havia passado. A mulher tornou-se boa confidente e companheira. As visitas ficaram cada vez menos espaçadas. E, quando deram por si, realizavam as refeições juntos. O bolo da tarde tornou-se café da manhã. E Maíra mudou-se para a casa ao lado; ou melhor, para a casa de Renato.

E, antes que ficasse viúvo pela sétima vez, num domingo ensolarado, com café da manhã maravilhoso, bolo quentinho, pães, geleias, frutas e um chá com estricnina, Renato deixou Maíra só.

VERA BASTOS
PI na E.M. Nelson Prudêncio / 11ª CRE

LAURA

ALINE NARDACCI DOS SANTOS

Quando ainda bebê, Laura perdeu seus pais e cresceu sem saber o que seria ter uma família para amá-la. Tinha suas avós, que a tratavam muito bem e tentavam suprir todas as suas necessidades. Ela se sentia muito grata, mas sempre sentiu esse vazio que nunca foi preenchido.

Laura cresceu, tornou-se uma mulher forte e determinada e queria construir a própria família. Ela sonhava com um príncipe encantado, mas sabia que esse homem perfeito não existia. De qualquer forma, não iria se entregar para qualquer um, pois seu objetivo era se casar e ter um filho para amar; ela queria ter uma família feliz.

A moça trabalhava muito e decidiu que deveria tirar férias para conhecer cada parte do Brasil. Comprou uma passagem e foi para o Rio de Janeiro. Quando chegou ao aeroporto, ficou encantada; a vista era extraordinária e o dia estava lindíssimo!

O primeiro lugar que Laura conheceu foi o Jardim Botânico. Caminhando entre as belas palmeiras imperiais, avistou um enorme chafariz. Curiosa, foi ver bem de perto. Ao se inclinar para ver mais detalhadamente as imagens nele, o lenço que estava em sua cabeça voou para dentro do chafariz.

Ao tentar pegá-lo, ela se desequilibrou e quase caiu, mas, imediatamente, sentiu mãos fortes a segurando e puxando, evitando que ela caísse. Atônita e envergonhada, agradeceu e mal olhou para o homem que a salvou. Seguiu sua caminhada.

No dia seguinte, decidiu conhecer algumas praias. Mais uma vez ficou deslumbrada com tanta beleza, e seguiu para as pedras do Arpoador. Ao subir pelo caminho de pedras, percebeu que um jovem a olhava com um olhar curioso; ficou confusa, distraída, deu passo em falso, escorregou e caiu.

O rapaz, prontamente, a ajudou a levantar-se. Agradecida, perguntou se eles se conheciam, e foi então que ele a lembrou do episódio daquela outra manhã no Jardim Botânico.

O rapaz, ao avistá-la, não sabia como falar com ela novamente, mas o destino se encarregou disso. Seu nome era Jorge, aquele que o destino havia reservado para ela.

Eles ficaram ali nas pedras do Arpoador até o pôr do sol. O entardecer estava mágico e parecia que eles se conheciam há uma eternidade. Durante as férias de Laura, eles se viram todos os dias, até que chegou a data de ela voltar a sua cidade. Jorge a levou até o aeroporto e se despediram com a promessa de que jamais iriam se perder.

Laura e Jorge mantiveram contato diariamente, mas, com a distância, estava cada vez mais difícil, doía na alma a ausência um do outro. Laura decidiu voltar ao Rio de Janeiro e viver esse grande amor. Casaram-se. Laura vivia seu próprio conto de fadas.

Mas nem tudo aconteceu como ela esperava. Laura descobriu que não poderia gerar o filho que tanto queria; seu mundo havia ficado sem cor, seus sonhos estavam perdidos.

Jorge, vendo a aflição de sua amada, não hesitou em tranquilizá-la. Segurou suas mãos e disse que, para serem felizes, bastava que ela acreditasse no amor deles e que, por ela, ele faria de tudo; afinal, eram o destino um do outro.

Durante alguns meses, sempre aos domingos, Jorge saía de sua casa pela manhã e, ao voltar, se mostrava muito feliz. Pediu a Laura que tivesse paciência, pois logo ela saberia o que estava acontecendo. Laura ficou muito intrigada, mas resolveu aguardar.

Em um desses domingos, Jorge pediu a Laura que se arrumasse, pois iriam sair e esse seria um dia muito especial. Eles foram até

o final da rua em que moravam, avistaram uma enorme casa, de onde se ouviam muitas gargalhadas. Tocavam uma música alegre. O casal entrou, e no quintal algumas crianças brincavam. Jorge convidou Laura para que se sentassem próximo às crianças.

Laura percebeu que havia alguma familiaridade entre seu amado e aqueles pequenos. Jorge contou a ela que aquela foi a casa em que ele havia crescido e que há alguns meses tinha resolvido ser voluntário no lugar. Laura perguntou por que só naquele momento ele decidiu levá-la até lá. Foi então que, na porta, apareceu um lindo menininho, que veio correndo em direção a eles e abraçou Jorge com muita força.

Ao mesmo tempo, lágrimas saltavam dos olhos de Laura e cruzavam com as de seu amado. Naquele momento, ela se deu conta do motivo pelo qual estava ali: aquele vazio estava prestes a ser preenchido, e foi preenchido por um lindo menininho chamado Davi.

ALINE NARDACCI DOS SANTOS
PEF no Ciep Olga Benário Prestes / 11ª CRE

A TRISTE VIDA DE JOÃO

MARGARETH CUNHA DE SOUZA

João nasceu em um bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro, no ano de 1970. Era o filho caçula de uma família de seis irmãos. Não se alfabetizou e, aos 10 anos de idade, foi levado para uma instituição que abriga menores infratores. Sua mãe foi convencida por uma assistente social de que a instituição era um lugar onde seria bem tratado, poderia estudar e aprender uma profissão.

Devido aos maus-tratos sofridos naquele lugar, fugiu inúmeras vezes, entrou para o mundo das drogas e começou a cometer pequenos delitos. Todos acreditavam que ele não tinha mais solução, seria mais um caso perdido.

João não tinha o menor interesse em aprender nada, pois se achava um injustiçado pelo sistema. A todo momento, perguntava-se: "Por que nasci? Por que tenho esta vida miserável e outros têm uma vida tão boa? Por que não tenho o direito de ser feliz como toda criança deveria ser?". Essas perguntas não saíam da cabeça do menino e isso o deixava mais e mais rancoroso com todos, com ele e com a própria vida.

O adolescente, agora com 13 anos, analfabeto, rancoroso com tudo e com todos, só tinha um único objetivo: planejar a próxima fuga. Foi quando, numa manhã fria de outono, surgiu na instituição um professor que ensinava Ética e Cidadania.

O professor, ao tomar conhecimento da história de João, tentou se aproximar para ajudá-lo em sua crise existencial. O menino foi bastante arredio ao primeiro contato, mas o professor não desistiu e,

aos poucos, foi ganhando a confiança de João. Nunca ninguém tinha se dedicado tanto a ele quanto o professor André.

Com isso, João conseguiu ser alfabetizado e gostava das aulas do professor André, em quem passou a se espelhar, até que um dia alguns adolescentes da instituição chamaram João para uma fuga. Mas o menino pensou em não aceitar, pois, pela primeira vez, ele parecia ter encontrado um amigo, que não só o criticava e castigava, mas que o ouvia e com quem dialogava.

Os outros adolescentes da instituição não lhe deram ouvidos, começaram a zombar e chamá-lo de covarde, coisa que João não era. Então aceitou, para provar aos outros que ele tinha coragem, que nada o faria temer nessa vida tão ingrata.

Chegou o dia da fuga; os adolescentes conseguiram algumas drogas – segundo eles, para ficar mais alegres e espertos. João também usou e realmente entrou em um estado de euforia, pois iria enfim ganhar o mundo em liberdade total, para fazer o que quisesse sem ninguém para ditar regras.

Conseguiram fugir dentro do caminhão que recolhia o lixo da instituição. Ao chegarem à rua, esconderam-se num beco escuro à espreita de pessoas para assaltar e conseguir algum dinheiro.

Enquanto esperavam, mais drogas consumiram. Foi aí que, de repente, ouviram passos. Alguém se aproximava. João, então, colocou uma máscara e, com um grande salto, pulou sobre o homem, que não esperava e veio a cair ao chão. O menino pedia dinheiro em grande tom ameaçador, visto que em suas mãos empunhava uma enorme faca. O homem disse não ter, que era um professor e ainda não tinha recebido seu salário. João não acreditou, pois o homem vinha com uma sacola tendo um embrulho de presente.

João, aos berros e ensandecido pelo uso das drogas, gritou mais uma vez pelo dinheiro. Como a resposta do homem foi a mesma, ele não

teve dúvidas: enfiou várias vezes o enorme punhal na barriga do homem, que caiu sem vida. O menino, então, pegou o embrulho, abriu, e era um livro com uma dedicatória.

"João, quando tinha a sua idade, também fui parar numa instituição, pois fiquei órfão. E como este livro me ajudou bastante, espero que também o ajude a seguir o caminho do bem. Com carinho, do seu professor André."

O menino, ao ler essa dedicatória, se voltou para o corpo do homem e, sob o reflexo da luz que entrava no beco, viu que tinha acabado de matar a pessoa que o ajudou, que parou para dialogar com ele, enfim, o único amigo de verdade que conheceu em sua tão triste e miserável vida.

João, aos berros, pedindo perdão sobre o corpo do amigo professor, desferiu um único golpe certeiro em seu próprio coração, com o mesmo punhal que tinha ceifado a vida do seu único amigo.

MARGARETH CUNHA DE SOUZA
PEF na E.M. Paraguai / 5ª CRE

MEM DE SÁ, 175

ÉRIKA DA SILVA PEREIRA E RAFAELA ALVES LUZIA DA SILVA

Era sexta-feira de muito calor no centro do Rio de Janeiro. Roberto, apesar de só poder sair do trabalho às cinco da tarde, já havia encerrado seu expediente particular na hora do almoço, quando pediu um chope garotinho, sem colarinho e estupidamente gelado, ao Marajá. Este, nascido Alex, exercia a função de garçom mais antigo do Bar das Quengas, e já fazia 21 anos que era o responsável por abrir as portas daquele tradicional bar do bairro da Lapa. Oriundo do Ceará, o mais novo de uma família de muitos filhos, Marajá desempenhou diferentes funções desde que chegou à Cidade Maravilhosa para tentar a vida. Já fora porteiro da Zona Sul, vendedor de disco gospel, ajudante de pedreiro, ambulante da Central e motorista da Kombi 910, que ia de Madureira ao Bananal, na Ilha do Governador.

Mas foi só quando começou a trabalhar como garçom que Marajá se encontrou. Ali, naquele espaço com calcinhas penduradas no teto e confusão garantida, dia sim e outro dia também, ele ganhou uma profissão, o apelido que virou nome, amigos e muitas histórias para contar. E ele as contava como ninguém.

Roberto usufruía de toda essa vivência do Marajá emendando diferentes assuntos em uma lógica que só fazia sentido para os dois. Iam da invencibilidade do Corinthians no Campeonato Brasileiro ao sucesso internacional da cantora Anitta, passando, é claro, pela situação política do país. O que não faltava era assunto para esse enredo. Não faltava também o chope, milimetricamente tirado pelas mãos habilidosas do Marajá, a graxa ideal para molhar a palavra.

Às 17h em ponto, Roberto desligou o computador já ocioso. Sua semana estava encerrada, e nem o maior dos sinistros que poderia acontecer na seguradora em que trabalhava abalaria sua procrastinação semanal, religiosamente cultivada nas tardes de sexta. Ele é desses homens metódicos, um legítimo virginiano.

Afrouxando o nó da gravata e o sorriso, o assistente administrativo desceu a Rua da Assembleia, aprumando o cabelo, na esperança de encontrar Viviane, a guarda municipal que habitava seus pensamentos já fazia algum tempo.

De longe, Roberto ouviu o som do apito, que só poderia ser dela, e diminuiu o passo para prolongar esse encontro. Entre uma mesa e outra, Marajá sentiu o coração bater mais rápido quando ouviu o mesmo som: o apito da Vivi. Era quase impossível segurar o riso de canto de boca quando ele se lembrava daquela mulher em seu uniforme. Linda e concentrada, ela nunca tinha cedido às investidas de nenhum transeunte. Marajá não ousou tentar. Roberto muito menos.

Embora falassem até de suas mães, os dois amigos jamais tinham tocado no assunto Viviane. Se por medo de que o outro descobrisse sua paixão ou por um respeito quase sólido em relação à musa, não saberemos. Fato é que, como que num acordo involuntário de cavalheiros, a guarda nunca foi pauta de suas explanações.

Mas o destino gosta de expor aquilo que está escondido, e, naquela sexta de calor infernal, enquanto discutiam sobre a novela das oito, algo os calou ao mesmo tempo. Era ela, Viviane AB+, como constava em seu uniforme, passando com seus colegas. Aparentemente, o turno tinha acabado, porque ela já havia soltado seu longo cabelo do boné que o mantinha preso num coque militar.

Como nos desenhos animados, Roberto e Marajá só se deram conta de que estavam abobalhados pela mesma mulher quando seus olhares se cruzaram novamente, depois que ela dobrou a esquina. Era isso. Aquele amor platônico e intangível era compartilhado pelos dois. Roberto coçou o queixo, Marajá pigarreou bem alto. Um clima de se cortar à faca tomou conta do ambiente. O cliente pediu a conta e foi embora aborrecido, sem deixar gorjeta. O garçom quebrou vários copos no resto da noite.

Dali, seguiram-se outras sextas atípicas. Roberto procurou outros bares para afogar as mágoas, mas nenhum chope era gelado o

suficiente. Marajá até puxava assunto com outros fregueses, mas ninguém entendia suas conexões. Apenas uma coisa permanecia inabalável: ela, a guarda voluptuosa, que continuava a apitar como se nada tivesse acontecido. Na verdade, a diaba parecia até saber da tristeza dos dois, pois se apresentava ao trabalho cada vez mais radiante. "Deve estar amando", pensaram cliente e garçom, cada um em sua casa, separados pela presença, mas unidos nos devaneios.

Roberto nunca mais passou em frente ao Bar das Quengas, para evitar avistar o antigo amigo. Marajá não tinha escapatória; não poderia deixar de trabalhar, mas passou a atender as mesas de dentro do local, ficando o mínimo possível nas calçadas. Mas o destino, ah, o destino! Seguindo a escrita de não deixar nada oculto, lhes preparou outra surpresa.

Numa sexta-feira de muita chuva no Centro, com direito a manifestação, algumas ruas estavam interditadas. Roberto foi liberado mais cedo, como se já não tivesse se liberado ao meio-dia, como de costume. Era tanta gente, tanto carro buzinando, que não dava para identificar o apito dela. No meio da confusão, quando Roberto se deu conta, estava abrigado da chuva e do spray de pimenta na calçada do famigerado bar.

Sem se virar, para não dar de cara com Marajá, ele se distraiu olhando a correria da rua quando a avistou. Viviane AB+. O uniforme molhado da chuva a deixava ainda mais bonita e lhe dava um ar selvagem. Ela andava a passos firmes, quase correndo, de mãos dadas com... Uma outra mulher. Roberto não podia acreditar no que estava vendo. Como se o universo pudesse ler sua mente e, para não deixar qualquer tipo de dúvida, elas se beijaram na frente dele. Meu Deus!

Quando dobraram a esquina, Roberto se virou e mais uma vez seu olhar encontrou o de Marajá. Então, ele também viu a cena. Ele também sabia. Como se voltassem no tempo, o mesmo clima de tensão da fatídica sexta-feira calorenta se instalara novamente, mas dessa vez não durou nem meio segundo.

Roberto se sentou e, quase que instantaneamente, Marajá lhe trouxe o chope mais gelado que ele já tinha bebido na vida. Sem tocar em uma única palavra sobre o ocorrido, começaram a falar sobre o preço exorbitante do feijão e a possibilidade de existir um Big Brother 19 (ou seria o 20?). Afinal de contas, antiguidade é posto, conexões desse tipo são raras e chope bem tirado nessa cidade é algo que deve ser cuidadosamente conservado.

ÉRIKA DA SILVA PEREIRA E RAFAELA ALVES LUZIA DA SILVA
PII no Ciep Gregório Bezerra / 4ª CRE

PERIGUETE LITERÁRIA

SABRINA MARTINS DA ROCHA

Mesmo discreta em seu jeito de ser, por onde passava ela "causava", como diz a garotada.

Não causava por ser bela, nem por vestir-se de acordo com a última moda, ou por possuir algum defeito físico/psicológico que chamasse atenção. Era até insossa demais.

A estranheza sempre surgia, como que num passe de mágica, assim que os vizinhos avistavam a dita-cuja que, por onde quer que fosse, sempre carregava sua imensa bolsa.

Havia aqueles mais intrigados que se questionavam, a todo instante, sobre as saídas (sabe-se lá para onde) e os regressos (sabe-se lá de onde) e, atrelado a isso, o fato de ela sempre voltar para casa com mais bolsas ainda, e o mais misterioso: sorriso largo no rosto, semblante pleno e uma respiração que – dava a entender – tinha pressa de retornar à residência. E, depois disso tudo, ainda tinha por hábito passar um longo período enfurnada dentro de casa... Quarentena? Coisa mais esquisita...

Alguns chegavam a comentar que talvez sofresse de intensa solidão, coitadinha. Saía em busca de amigos, mas era tão sem sorte, tão incapaz, que sempre retornava só. "Tão jovem e com uma vida inteira pela frente, isso era lamentável, tadinha."

Para os mais fuxiqueiros, com suas imaginações altamente férteis (sempre para o lado negativo, é claro), o conteúdo das bolsas, que tornava visível a felicidade da mulher, talvez fosse roupas caras, que

ela insistia em esconder, ou alguns acessórios de vodu; de repente, coisas sem utilidade, que catava pelas ruas do bairro, ou, vai saber, lá dentro poderia estar uma "outra pessoa"...

"Outra pessoa..." Como assim?

Pensavam aqueles mais despreocupados com a própria vida e mais interessados na vida alheia (que se assemelham ao capim: existem em todos os cantos e se reproduzem com uma rapidez fora do comum!): "Com certeza ela não é quem parece! Nada de recatada, trabalhadora e de boa família. Deve se fazer de santa, mas aquelas bolsas não enganam: ela tem vida dupla! É mulher da vida! É periguete!".

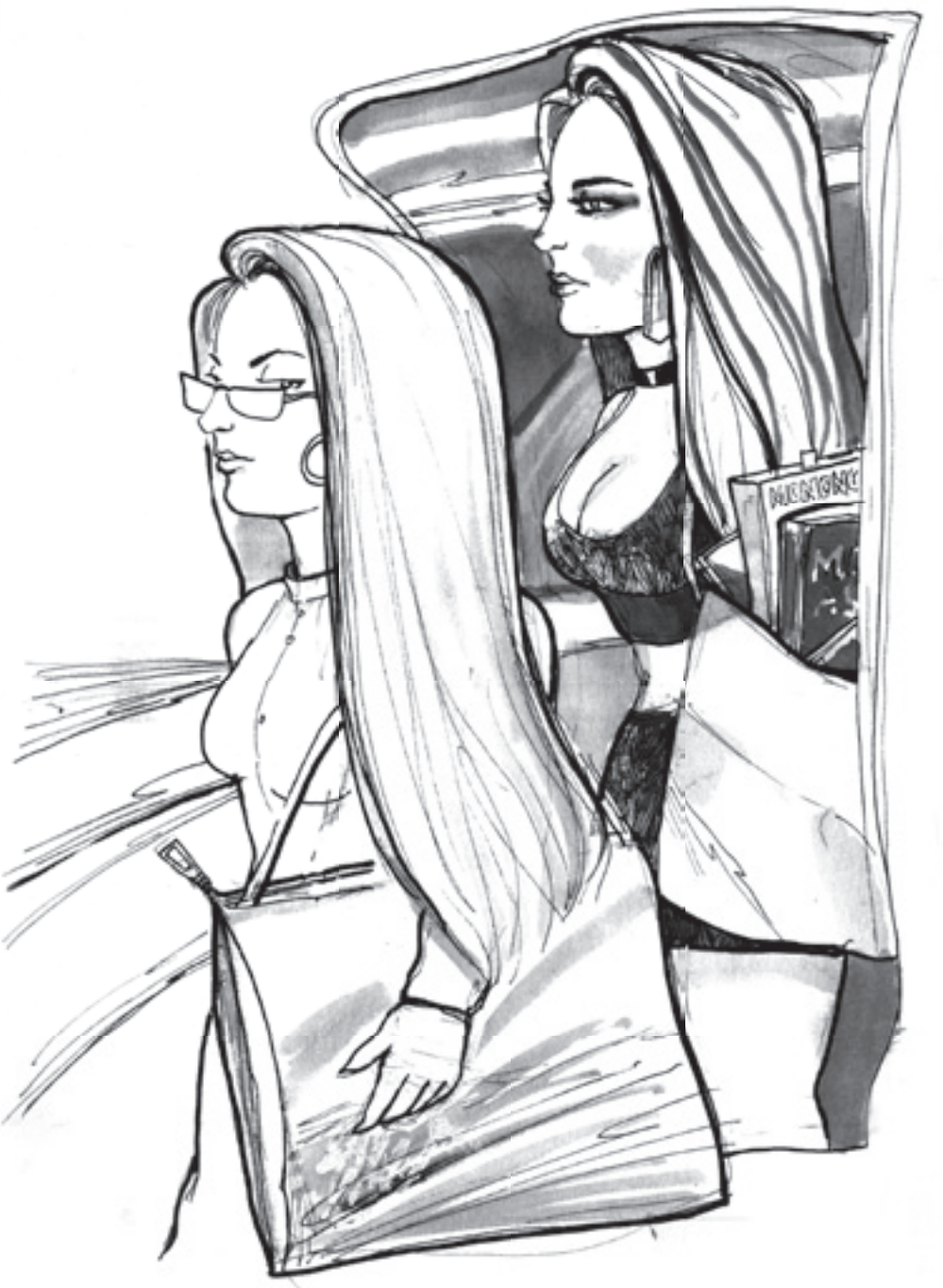
É, caríssimos, o "estranho caso das bolsas" chegava a esse patamar. O porquê de não ter virado capa de jornal, noticiário de TV ou mesmo denúncia policial até hoje é desconhecido.

E o imaginário da vizinhança não tinha fim. Aliás, se tem uma coisa que podemos afirmar, categoricamente, é que tão infinita quanto as combinações numéricas é a imaginação dos vizinhos.

E mesmo sendo sua vida o foco de interesse de tantas pessoas, de diferentes faixas etárias, trabalhadores e coçadores de saco (até as mulheres, que não os tendo, se imaginavam com um), a verdade é que aquelas pessoas viviam à mercê justamente de fiscalizar a vida alheia – no caso, a dela.

Mas com sua inteligência e sagacidade, pois de boba nada tinha, deixava fluir pelo imaginário coletivo as especulações de suas múltiplas facetas, sem se importar, na maioria das vezes rindo sozinha e até mesmo chegando a anotar determinados comentários ouvidos em seu caderno. Tinha um plano para ele no futuro...

Uma coisa tinha que admitir: era uma periguete, sim! Se lhe soava estranho assumir-se assim? Jamais!



Suas bolsas traziam sonhos, lugares, pessoas, informações, cultura, entretenimento...

O conteúdo destas apresentava novos amigos (personagens), lugares aos quais nunca tinha ido (mas já havia, de certa forma, "viajado" por muitos deles), notícias que aumentavam seu vocabulário e a atualizavam, as histórias de povos da Antiguidade e da atualidade (que parecia conhecer frente a frente) e uma forma prazerosa de estar sozinha, em pleno silêncio, porém rodeada de encantos e de amigos.

Suas bolsas continham uma riqueza que ninguém poderia ousar tirar dela, por mais que tentasse: os livros, o conhecimento.

Se era periguete? Era, sim, senhor! E com um orgulho gigantesco!

Era e seria eternamente uma periguete literária!

SABRINA MARTINS DA ROCHA
Diretora adjunta no Ciep Graciliano Ramos / 4ª CRE

SENSAÇÕES

CHRISTIANE GOMES MEDEIROS BUARQUE

Novamente aquele sonho. Não fosse tão bom estar na presença dele, eu poderia dizer que estava incorrendo em pesadelo. Ele vem me seguindo pelas ruas, eu sinto sua presença, mas não consigo vê-lo. De repente, ele passa por mim e me segura os braços, me impedindo de prosseguir. Eu não consigo ver seu rosto, uma sombra me priva dos detalhes.

Em seguida, faz carinho no meu rosto para me mostrar que é um amigo e que quer apenas me proteger de algum mal à frente. Então, eu acordo. Nessa hora, vem a angústia. Eu não consigo descobrir do que ele quer me livrar. Por que me parar? Quem ele é? Eu apenas acordo, vazia e confusa.

Isso já estava se tornando tão doentio que vinha procurando psiquiatras com esperanças de poder encontrar a resposta para esses sonhos. Mas sempre vinham as mesmas perguntas sobre meu passado. Eu já andava pelas ruas assustada, esperando o dia em que esse sonho se tornaria realidade e um homem atravessaria a minha frente e me seguraria. Chegava ao cúmulo de parar, de vez em quando, minha caminhada e olhar para trás, esperando ver alguém.

Mirtes, a nova psiquiatra, me sugeriu procurar um lugar tranquilo para passar minhas férias, longe da cidade. Até que a ideia me atraiu; quem sabe, assim, eu poderia relaxar e parar de pensar nessas perseguições. Talvez tudo isso venha do medo que vivo nessa cidade que me assusta.

Eu nasci e vivi toda a minha vida em Monte Verde, uma cidade bem calma perto da divisa de Minas com São Paulo. Depois que vim pro Rio, consegui um emprego relativamente bom e, três anos depois, casei com meu chefe. Casamento que durou menos de dois anos, mas deixou fruto.

Quando Júlia nasceu, eu já estava separada. Na verdade, Álvaro não assinou o divórcio até hoje, cinco anos depois. Eu também não cobro. Temos um relacionamento muito bom; apenas não podemos juntar os chinelos embaixo da mesma cama. Vivemos bem melhor assim, cada um no seu canto.

Ele diz que papéis são formalidades, mas quando nos casamos foi ele quem quis formalizar a relação. Enfim, eu não insisto. Não tenho ninguém, não pretendo ter ninguém, e mesmo que tivesse, acho que ele não me incomodaria. Posso dizer que tenho um casamento aberto. Ele não quer perder contato com a filha e a supre em todos os aspectos. Eu não poderia ter escolhido um pai melhor para ela. Ela sabe disso.

Faz dez anos que saí de Monte Verde, em Minas Gerais. Não gosto de me lembrar daquela época. Fico deprimida. Deixei para trás muitos sonhos, para realizar outros tantos. Fiz uma escolha que me atormentou por bastante tempo: Alexandre.

Já namorávamos há seis anos, mas o conhecia desde a infância, quando estudamos juntos. Ao dizer que viria pro Rio, foi como se estivesse lhe dando um tapa na cara. Nunca pensei que ele fosse encarar as coisas de forma tão triste. Não brigou, não reclamou; apenas me perguntou se era brincadeira e, posteriormente, se eu realmente sabia o que estava fazendo.

A parte mais difícil foi explicar por que estava desistindo de nós. Se ele pudesse vir comigo, estaria tudo resolvido. Mas não podia abandonar a mãe e a irmã, que praticamente dependiam dele. E eu também não queria uma família atrás de mim; eu precisava cavar minha independência financeira, mas que agência de publicidade do país iria se interessar por mim, recém-formada? Mas foi o que aconteceu.

O trabalho não era muito bem remunerado, admito, mas era uma chance única. Desconfio que meu professor de Artes Gráficas tenha tido alguma influência nessa minha conquista; afinal, foi ele que deu

o e-mail para onde eu deveria mandar o currículo. Como eu poderia recusar? Meu pai, na mesma hora, se propôs a ajudar financeiramente até que eu me estabilizasse. Então, precisei fazer uma escolha. Também não foi fácil para mim, mas fiz.

Eu pretendia mesmo voltar, e quem sabe me casar, como planejávamos. Cheguei a falar isso, mas Alexandre, por mágoa ou tristeza, disse que não me esperaria. Um emprego como aquele iria me consumir integralmente; ele me conhecia. Eu me apaixonei mesmo e não voltei mais.

Ele não me esperou; casou-se um ano depois com uma amiga nossa lá em Monte Verde. Eu entendi; afinal, não poderia cobrar nada dele, principalmente escolher sua companheira. Mas confesso que fiquei com ciúmes. Fingi que não, mas fiquei, sim.

No fundo, eu achava que ele viria atrás de mim, mas não foi o que aconteceu. Há pouco tempo, Vânia, sua irmã, me atualizando das fofocas, por telefone, disse que eles nunca pensaram em ter filhos. Uma surpresa; ele mudou muito mesmo.

A imagem que tenho dele até hoje é a mesma de quando namorávamos. Eu me lembro dos carinhos, da voz rouca, dos beijos sensuais. Lembro-me do olhar castanho e faminto, quando me pegava às sextas-feiras para sair, da pele morena que nenhum mineiro tem, só ele, dos cabelos lisos, do sorriso largo e das mãos...

Nossa, adorava aquelas mãos. Uma vez tirei fotos delas. O violão e as músicas do Skank e dos Titãs. Um nostálgico de marca maior. Romântico, como não se vê mais por aí, e dançava mal pra caramba. Nada é perfeito.

Bem, não sei se Mirtes está certa ou não, mas depois de me sugerir a viagem, comecei a pensar muito em voltar a Monte Verde. Júlia está com 5 anos; seria uma ótima oportunidade de levá-la para conhecer o lugar onde eu nasci.

Meu pai já veio ao Rio duas vezes, e eu nunca mais voltei lá. Ele iria adorar vê-la tão grande. Acompanha o crescimento dela pela internet, que só agora aprendeu a usar com autonomia.

Conversei com Álvaro sobre levar Júlia comigo. Eu sabia que ele não se oporia, mas pediu-me que reduzisse o tempo para duas semanas em vez de três. Queria também que eu fosse de avião, mas expliquei que demoraria mais, pois teria que embarcar para São Paulo, para depois seguir até Monte Verde. De ônibus, seria menos cansativo. Então, contei à Júlia sobre nossa viagem. Ela recebeu a notícia com muita alegria. Estava muito curiosa, pois seria a primeira viagem de ônibus e, assim que eu falei, a ansiedade explodiu.

Uma enxurrada de perguntas me assoberbou. Quase me arrependi, mas depois de alguns minutos já estava até achando graça. Mas uma coisa eu não podia negar. De repente, estava pensando muito em Alexandre. Muito mesmo, muito tipo o tempo todo. Como ele estaria? Será que o veria? Claro que o veria, mas ele falaria comigo? O que acharia de mim? Será que ainda tinha algum sentimento naquele coração? Eu estava quase assustada com minhas próprias emoções. Mas, enfim, não desistiria. Mesmo que eu tivesse uma decepção, Júlia iria se divertir.

A semana seguinte passou rápido, mas meus sonhos continuavam me acordando e me deixando exausta para começar o dia. Nessa semana, cheguei a acordar chorando de angústia. Por que isso não acaba? O que posso ter feito com meu inconsciente para ter esses sonhos tão incompletos, tão frustrantes?

Na sexta-feira, depois que Júlia tomou seu banho e se arrumou para que eu a levasse à escola, o telefone tocou. Vânia me ligava pra saber da novidade. Meu pai havia comentado com Alexandre que eu o visitaria. Cidade pequena é bem isso mesmo. Mas por que meu pai tinha que falar logo para ele? No fundo, gostei, mas queria que fosse surpresa. Interessante ele ter contado à família que eu estaria lá.

Confirmei com Vânia minha viagem, que seria no dia seguinte e que eu ficaria as duas semanas. Apressada e atrasada, fiz o percurso normal que fazia todos os dias e cheguei ao trabalho.

Álvaro me esperava na minha sala, com uma papelada monstruosa. Havíamos conseguido uma conta que estávamos aguardando há séculos. "Pronto", pensei, "não viajarei mais". Mas não: ele, na verdade, tinha para quem direcionar a campanha e queria apenas marcar uma comemoração para o final do dia. Tudo certo, então.

Voltei do trabalho, deixei Júlia na casa da Marcella, minha vizinha – que tem uma filha da mesma idade e sempre quebra meus galhos –, chamei um táxi e saí. Estávamos terminando o jantar, estranhamente romântico, num restaurante bem aconchegante na Barra da Tijuca, quando meu telefone tocou.

Vânia, do outro lado da linha, tinha a voz trêmula e rápida. Não conseguia entender bem o que ela dizia. Havia acontecido algo com Alexandre, mas eu não estava entendendo. Álvaro pegou o telefone da minha mão e atendeu, acalmando a voz do outro lado da linha. Afastou o telefone do ouvido e perguntou:

– Quem é Alexandre?

Fiquei um pouco tensa.

– Alexandre é irmão da Vânia, crescemos juntos em Monte Verde. Mas o que houve? – perguntei.

– Ele veio pro Rio hoje e sofreu um acidente agora há pouco. Parece que não tem ninguém aqui e foi encaminhado para um pronto-atendimento na Zona Sul. Ela está vindo para cá, mas queria saber se você poderia ir ao hospital, enquanto ela não chega. Parece que a situação é grave; o acidente foi de carro e ela vai demorar a chegar.

Depois que meu corpo voltou à temperatura normal, comecei a pensar no que deveria fazer... Alexandre no Rio? Álvaro me olhava e dizia:

– Vamos?

Fomos. Quando chegamos ao hospital, entrei na frente, enquanto Álvaro estacionava o carro. A recepcionista comunicou que ele estava inconsciente e seria operado, mas que, infelizmente, seu estado era bem crítico. Perguntou meu nome e eu me identifiquei. Queria logo notícias. Álvaro chegou e eu olhava para ele, apertando os dedos, tentando não deixar transparecer nenhum sentimento exagerado, mas meu peito estava se rasgando. De repente, estava preocupada demais. Minhas pernas estavam fracas e eu me encaminhei à recepção; precisava de um café.

No desespero para ficar sozinha, sugeri que Álvaro voltasse para casa e pegasse Júlia na casa de Marcella, pois ficaria muito tarde. Ele concordou, e eu morri de pena por estar mentindo e descartando aquele homem que não merecia uma traição nem em pensamento.

Ele, então, me deu um beijo na testa, confessou que planejava comemorar um pouco mais no meu apartamento, mas que deixaria para outra ocasião. Pediu que eu tomasse cuidado; afinal, não sabíamos a hora que Vânia chegaria nem a que horas e operação acabaria. Prometi que assim que tudo se resolvesse eu ligaria para que ele viesse me pegar.

Eu não sabia bem o que estava acontecendo comigo, mas sabia que nunca estivera tão desesperada para ver alguém. Uma urgência me consumia e nada de notícias.

Mil coisas passavam pela minha cabeça: o que disse a ele no passado, o que não disse nunca, os motivos pelos quais eu nunca mais o procurei, a raiva e a mágoa que ele devia sentir a meu respeito. Álvaro, Júlia, Vânia, meu pai...

Passava um pouco da meia-noite quando a médica veio ao meu encontro e perguntou se eu era Vânia. Expliquei que ela estava a caminho, mas não entrei em detalhes. Ela disse que só poderia falar

com um parente. Pronto, era a minha deixa: agora eu era a namorada dele e merecia uma explicação. Ela hesitou e acabou concordando em falar comigo. Eu não sabia no que aquilo ia dar, mas precisava saber o que estava acontecendo.

A cirurgia havia terminado, como era previsto, mas o estado dele era delicado. Depois das notícias, a enfermeira ficou, pediu alguns dados e me surpreendi quando percebi que sabia todos: nome completo, idade, data de nascimento, filiação, tipo sanguíneo, alergias e estado civil... menti, de novo.

Vânia chegou algumas horas depois e ficamos conversando. Falei sobre a mentira que contei, já pedindo desculpas, pois não queria causar problemas para ele, nem para a família. Mas outra surpresa: Vânia disse que ele não estava mais casado havia algum tempo. Então eu poderia ser a namorada dele, sim, por que não?

Soube também que ela tentou me ligar para avisar que ele viria me buscar e nos levar de carro para Monte Verde. Por isso, estava no Rio. Dormiria num hotel e me pegaria em casa de manhã.

Álvaro me ligou às 2h, às 4h e às 5h da manhã, para saber notícias. Eu já não sabia o que dizer. Ele não era burro e desistiu de questionar o porquê de eu estar lá até então. Pediu que, quando quisesse voltar, ligasse para que viesse me pegar.

Por volta de uma hora da tarde, a enfermeira veio avisar que Alexandre acordara e que a médica havia permitido que nós entrássemos. Vânia foi na frente e segurou a mão de Alexandre.

Assim que ele me viu atrás da irmã, percebi seu peito inflar, como se estivesse respirando com dificuldade, e o monitor cardíaco indicava uma leve aceleração dos batimentos.

Sorri com cautela. Vânia começou a contar nossa saga. Ele sorriu, mas não disse nada. De vez em quando, fechava os olhos

lentamente, como se estivesse cansado. Sua aparência continuava a mesma; não havia mudado nada. Com exceção dos arranhões na testa e de um corte atrás da orelha, seu rosto ainda era impecável. O corpo estava coberto, tórax e abdômen enfaixados.

De repente, falou, com o queixo trêmulo, que sentia saudade. Vânia interrompeu suas palavras, colocando o dedo em sua boca, pedindo que não falasse, poupando-o do esforço. Ela, então, começou a falar por ele, me disse que tinha planos de parar no teleférico de Campos do Jordão, para que Júlia conhecesse o lugar. Não sei se ela sabia que nós íamos muito para lá...

Viajei no tempo nesse momento. As sobrancelhas dele se ergueram demonstrando expectativa. Eu apenas sorri e disse que seria um ótimo passeio e que eu esperaria ansiosa por isso.

– Não esqueça de que ela é casada, irmão – Vânia disse, em seguida. E ele, mais que depressa, respondeu em voz baixa, apertando os olhos e olhando diretamente nos meus:

– Era – e começou a sorrir para mim. Como ele sabia? De repente, parou e disse, lamentando:

– Sinto muito!

Tive vontade de chorar por ele achar que tinha estragado o passeio. A enfermeira entrou no quarto e comunicou o final da visita. Ele esticou o braço na minha direção, querendo pegar minha mão. Dei a mão a ele e não perdi a oportunidade:

– Queria muito te ver – disse. Ele fechou os olhos e os abriu. Estavam molhados. Mordeu, então, os lábios e assentiu com a cabeça. Falei novamente:

– Preciso saber se você me perdoa. Se nós poderíamos... sabe... – não conseguia explicar o que queria.

Ele falou, a voz baixa:

– Sempre – e engoliu em seco, tremeu, apertando os lábios, como se estivesse sentindo dor e frio. Puxei o cobertor até seu pescoço e o cobri.

Respirei fundo e saí, conduzida por Vânia. Ela me tranquilizou e resolvemos voltar à cantina para tomar mais um café. Saímos com a certeza de que estava tudo bem. Descemos as escadas e eu pensando no que faria em seguida.

Escutamos, então, alguém chamar os médicos pelo interfone; havia uma emergência médica na UTI. Acho que pensamos a mesma coisa. Voltamos. Um movimento estranho no corredor. Médicos saindo e entrando, aparelhos que não sabíamos para que serviam. Em mim, o medo, a dúvida, a esperança... A porta se abriu minutos depois, um médico se identificou e começou a falar... Então veio o frio, o vazio, a dor, o caos...

Acabara tudo. Fiquei vazia. Fiquei gelada. Muito frio, muito frio, eu tremia de frio. Queria arrombar a porta, agarrar e gritar para ele esperar. "Como assim não resistiu?" "Como assim não havia mais o que fazer?" Eu queria uma explicação plausível. Ninguém entendia...

Vânia sentou-se e não fazia um movimento sequer, os olhos parados no nada, e eu andando, abraçada a mim mesma, de um lado pro outro. Minhas pernas tremiam, meu corpo todo tremia, mas eu não conseguia parar de andar e de me abraçar para conter o frio.

Já eram quatro horas da tarde quando Álvaro conseguiu deixar Júlia na casa de uma amiga e chegar ao hospital para nos ajudar a resolver o que fazer. Nem eu nem Vânia sabíamos por onde começar. Mais do que nunca, eu precisava daquele homem, mas não consegui disfarçar minha tristeza imensurável quando ele chegou e, é claro, percebeu, de cara. Ali, tinha mais do que uma simples amizade, pelo menos de

minha parte. Mas não se importou. Resolveu tudo da melhor e mais rápida forma possível.

Foram seis horas de viagem até Monte Verde, acompanhando o corpo para o velório. Álvaro me abraçou muito naquele dia. Eu quase não dormi. Ele percebeu o tamanho da minha perda, e disse apenas:

– Espero que eu mereça o mesmo tratamento quando chegar a minha vez.

Não gostei da piada, mas também não discuti.

A viagem não foi como planejamos.

Mas houve uma surpresa atenuante. Quando deixamos Vânia e dona Belinha, mãe do Alexandre, em casa, ela deu um urso enorme à Júlia. Disse que era presente.

Depois, quando estávamos a sós, me contou que Alexandre havia comprado o urso para dar a minha filha quando estivesse lá. Ele queria agradar a menina. Queria que eu entendesse que não havia mágoa, nem revolta. Queria que eu o visse como um grande amigo e, quem sabe, um dia o perdoasse por ter sido tão egoísta.

Álvaro voltou ao Rio no domingo mesmo, Júlia e eu ficamos na casa do meu pai por uma semana. No domingo seguinte, voltamos pro Rio.

Uma noite, 15 dias após o acidente de Alexandre, Júlia acordou de madrugada e foi se deitar ao meu lado. Ela parecia que ainda dormia, quando disse:

– Mãe, sabe aquele moço que me deu o urso?

Ainda com sono, respondi:

– Não foi um moço, filha, foi uma moça.

– Não, mãe, foi um moço e ele veio aqui – ela disse.

E eu estanquei na cama olhando para ela, que ainda mantinha os olhos fechados:

– Ele disse que não vai voltar mais, acho que ele virou estrelinha, mãe.

Hein? Como assim? Eu não acredito nessas coisas. Mas, de repente, me ocorreu que, desde a morte dele, eu nunca mais sonhei com meu perseguidor.

Ele não existia mais. Eu estava curada.

Ou será que nunca estive doente?

CHRISTIANE GOMES MEDEIROS BUARQUE
PII de Educação Física na E.M. Jean Mermoz / 3ª CRE

JOGADA DE MESTRE

PRODUÇÃO COLETIVA

Cinco e vinte da manhã, ainda escuro, um novo céu resplandecendo com o raiar do dia. Saio do paraíso e entro no pesadelo, segunda-feira. Pra variar, dei uma topada no pé da cama. Ao ligar o chuveiro, água fria – o chuveiro queimou. Será que acordei com o pé esquerdo e não percebi? Teria percebido se prestasse atenção aos latidos de Meg na madrugada. E eu pensando que sonhava.

Um cheirinho de café invadiu minha casa. Percebi que vinha da vizinha: a Michelle, professora de Ciências. Caminhei em direção à cozinha, com a barriga roncando, e me deparei com o motivo dos latidos da Meg: cocô no meio da sala!

Muita raiva! Muita pressa! Muita fome... Bom, isso passou mediante o aroma e a situação. O jeito era limpar tudo rapidinho. Foi aí que percebi que não dava mais tempo de tomar o café, pois já estava atrasada. Então me vesti correndo, ao som de Michael Jackson. Fui para a garagem carregando todo o material separado na véspera: ao todo, três bolsas e uma mochila. Teria sido muito bom a partir daí, se a chave da garagem não emperrasse. Tentei abrir com paciência, mas, ao final, serenamente quebrei a chave.

Enfim, parti para o plano B e corri para o ponto. Perdi a Kombi do horário (surpresa!). Depois de muito esperar, consegui pegar uma van. O motorista mais parecia um guia turístico; pura lentidão. Ao chegar à rodoviária, também perdi o ônibus do horário. Oba! Ao menos consegui tomar um café. Já eram sete horas!!!

A viagem, para variar, foi tranquila: dormi quase o tempo todo. Engarrafamento monstro, assim me dizia o colega da poltrona ao lado, quando abria o olho e mudava um pouco a posição. Mas como me preocupar, se o pior ainda estaria por vir?...

Ao avistar a escola, ainda equilibrando minhas bolsas, vi uma careca lustrosa que logo identifiquei: era o diretor. Ele olhou para o relógio. Acho que acabei de ganhar uma impontualidade. Seria um suave "bom-dia" do gestor?

Entrei no meu ambiente de trabalho. A caminho do pátio, passei pela inspetora, toda sorridente e me recebendo com um feliz "bom-dia!".

Logo à frente, os alunos começaram a perguntar:

– Ahhhh, você veio, professora? Por que você não ficou em casa? Você nunca falta?

Meu aluno incluído corria pelo pátio atrás dos pássaros e borboletas. Antes mesmo de chegar à sala, Paulo, o incluído, parou de correr e começou a rir, apontando para meus pés. Foi aí que percebi que havia colocado uma bota de cada par. Nossa! Acho que estou enlouquecendo! E o dia mal começara!

Na sala, após a revolução da chamada, dei início a minha aula diferente. Afinal, passei o final de semana planejando aquela aula. Fui até a secretaria para pegar o equipamento necessário: data show, caixa de som, notebook, extensão, adaptador, cabos...

O diretor foi procurar o que pedi. De primeira, já não havia nenhum computador disponível. Depois de muito procurar, acabei pegando o da secretaria. Cheguei à sala e percebi que tinha esquecido a extensão. Voltei para a secretaria; não tinha extensão disponível... Tive que trocar de sala.

Em meio à euforia da turma, tive a grata surpresa de que havia esquecido, na escrivaninha de casa, o pen drive com o conteúdo que programei. Creio que foi o momento entre o cocô da Meg e o canto do Michael Jackson, meu galo.

As pessoas ficam assustadas quando falo que tenho um galo de estimação. Mas existe uma história muito real e significativa dele. Em uma época da minha vida, tive uma depressão muito forte, ia me aposentar e me sentia muito só. Caminhando distraída com meus pensamentos, ao passar na frente de uma granja, não resisti: entrei e fui olhar os pintinhos.

Senti uma vontade irresistível de levar todos pra casa, mas tive que escolher. Então fui ao encontro dos mais frágeis e quietinhos: Britney e Brigitte (que são gêmeas), Lady Gaga, Madonna e Michael Jackson (o único menino). Eles eram tão fofinhos!!! Uma alegria no meu lar.

Quando cheguei em casa com eles escondidos dentro de uma caixinha, fui direto para o meu quarto. Nem minha mãe, nem meu marido poderiam ver, pois me chamariam de louca. Mas eu tinha um propósito: ia me aposentar e começar a criar galinhas. Porém, quando meu esposo e minha mãe souberam, o céu veio abaixo, e acho que até hoje ainda não voltou ao normal.

Tentei fazer uma chocadeira no armário, pois queria ver as galinhas com os pintinhos, tipo a família completa, mas não consegui. Meu marido descobriu, os ovos não chocavam e quase botei fogo na casa. Não saiu minha aposentadoria, e, agora, quem cuida do galinheiro, mesmo sem querer, é o meu marido.

Voltando ao meu dia de professora criativa e feliz, adivinhe o que fiz após toda a saga tecnológica na escola? Contei essa história! Meus alunos ficaram encantados com a história de Michael Jackson, queriam elegê-lo como mascote, desenharam, pintaram, escreveram e começamos um projeto baseado nas experiências com os animais de estimação.

Depois dessa história positiva, percebo que a vida ensina e a gente aprende a todo tempo. Por causa do projeto, tive muitas alegrias e narrativas de sucesso. Quem diria, meu galinho amado seria o protagonista da mudança de minha jornada na escola. Enfim, um dia que achei que seria um desastre foi o primeiro de muitas realizações.

MARCELLE SANTOS SCALECIO / PI de Língua Portuguesa · **MARIANA GOMES DA SILVA SOBRAL** / PII e coordenadora pedagógica · **MÁRCIA ALMEIDA CADENGUE** / PI de Sala de Leitura · **MARCO ANGELO BARBOSA DOS ANJOS** / PEF · **MARIA ELISABETE DINIS VIDINHA** / PI de Teatro · **MICHELLE RAPOSO DA SILVA** / PI de Ciências · **ROSANI FERNANDES VIEIRA DA SILVA** / PII · **SIDNEY ROCHA BUENO** / PI de Geografia · **VIVIANE BALZI SANTOS** / PI de Língua Portuguesa
E.M. São Paulo / 4ª CRE

INCÊNDIO

DIEGO KNACK

Eram lastros vermelhos e vivos como a dor das horas. Lustravam agora o céu, antes insosso, sem qualquer novidade. Eram verdadeiros, feitos de pedras catapultadas em guerras antigas. Ao mesmo tempo, eram incertezas, pois pouco se sabia da luminosa chaga aberta entre deuses e galáxias.

Que eram aqueles filetes que ceifavam enfurecidos a imensidão do grande teto? Que eram? Naquela cidade de interior, já no fim de mais uma noite de domingo, agora só se falava disso.

Um amante juntara suas coisas quando viu, de sua janela, tal clarão. Finalmente entendeu. Toda a chama de suas paixões havia, enfim, rompido o peito, como tanto, e por tantas horas e dias anunciara.

Não mais habitava suas veias, seus nervos, seu estômago revirado, sua carne e os ossos em pé. Tampouco ocupava os reluzentes olhos castanhos de sua amada, dita mais bela de todas. Ou a liberdade fria – e ilusória – das horas de ausência.

Seu calor não povoava mais seus edredons em comichões e desentendimentos impertinentes de que sofria, constantemente, em seus olhos íntimos. Nem mesmo a trôpega fala que costumava aquecer e umedecer ouvidos por aí. Não mais. Agora possuía a imensidão. Era hora de libertar a fúria maior de sua incompletude. Era o momento da entrega.

Era outro lugar. Um homem pio despertou esperançoso, pois era chamado. Encontraria, finalmente, Deus, tal como Abrão fez. Só podia ser. Vestiu-se do mais belo e sincero encanto. Pôs roupas, suas melhores. Perfumou-se. Arrumou suas filhas e lambuzou seus cabelos com um creme qualquer.

Desengavetou os mais frondosos bibelôs e, afobado, distribuiu-os por entre as pequenas cabeças que nada entendiam. "Papai, papai, para onde estamos indo?" A esposa, Maria, de tão poucos dentes e sonhos, também expressava a mais pura e grata felicidade, pois experimentaria, enfim, o amor, o mais verdadeiro e original. O primeiro.

E nem pensava em seu pai, ou em sua mãe, de pouca fala, que nunca lhe haviam dito que a queriam bem. Era algo que estava acima, que acompanhara suas rezas e algumas poucas alegrias pelos passos que deu.

Maria também escolheu sua mais bela peça e se enfeitou. Estava junto de seu marido. De banho tomado, pensaram canções que poderiam entoar, nas palavras que deveriam dizer ao grande juiz. E assim foram.

Um louco no meio da rua repetia dizeres ofensivos; alguns pornográficos, para atormentar os de escuta mais frágil. Era perfeitamente harmônico naquele cenário dantesco, de modo que não causava medo ou espanto.

Passavam tantos em torno dele e parecia que, finalmente, entendiam tudo aquilo que antes soara como papo de manicômio. Se tivessem percebido o bom senso apocalíptico de suas profecias, talvez soubessem o que fazer. Se tivessem assistido a seus sermões, rigorosamente desordenados, teriam alguma resposta naquela babel de gente descontrolada.

Subiam e desciam ruas, tudo era pânico. Sem mais, o doido varrido se entregou serenamente ao sono. Recostou em um canto qualquer, mas fugido dos pisões apressados, e adormeceu. Ali perto, prostitutas galhofavam de sua própria desgraça, de sua presente falta de sorte. Naquela noite, era casa vazia: todos se voltavam para aquele tom rubro do céu que só fazia lembrar o rubro de suas primeiras noites no bordel da localidade.

Riam alto e chafurdavam em ilícitos, pois em meio a tanto mal, deveria de haver algo que fizesse bem. Trabalhavam mais facilmente, esqueciam desgraças. Mas naquele momento, nada disso.

E se fosse o fim? Que diriam? Que fariam? Ou pior: se ninguém mais visitasse aquele decadente casebre do centro? Como manteriam seus filhos e angústias? Que fariam de suas dores?

Os bombeiros não chegavam. Chamem o prefeito. Esse que, dizem, já apagara alguns fogos de moças por aí. Haveria de saber fazer algo entre uma tosse e outra. Entre um charuto e outro, havia de surgir uma solução. Chamem-no.

Na direção da luz, iam também as crianças, pois queriam porque queriam saber o que era aquilo que bailava no céu feito pipa. Queriam saber. "O que é aquilo no céu? Olha lá!" Os mais velhos, que já mal ouviam e enxergavam, também se dirigiam às grandes luzes. Não podiam ou deveriam, e talvez o médico expressasse clara recomendação contrária.

Mas tanto fazia. Adiantaram os horários, até então sagrados, de suas jantas e, logo, de seus remédios, para ver o que era. Queriam ter o que comentar no dia de amanhã. Isso se o vivessem, talvez tenha pensado algum entre eles. Queriam falar de algo que fosse além da devoção a novelas, algo que fosse novo.

Também alguns animais passavam, desordenados, e debandavam. Pareciam ir na direção contrária: não era com eles aquilo, não era. Algumas aves até ousavam chamuscar suas penas na projeção aleatória das labaredas e tencionavam mostrar algo, mas que ninguém realmente compreendia. Aves não pensam, repetiam os atrevidos. "Que querem mostrar?", confundiam-se os sábios. E os bichos alados teciam volutas descontroladas.

Uma hora chegaram. Era o grande armazém do século passado. Ali, onde horas antes se cruzavam silhuetas transitórias. Ali, se ria e se comentava a vida alheia, bem como se encontravam amigos. Ou, então, aquelas pessoas que são estranhas para nós, mas que alimentam uma boa prosa, ainda que pouco promissora.

No grande frontão do edifício, ruía o testemunho de outra época. Uma gigantesca tocha. Lado a lado, todos contemplavam aquele fim tão devagar quanto certo. Não havia o que dizer; entreolhavam-se. Viam; o verbo era inútil. Mas viram, também, no ventre do fogo, as cinzas de suas próprias desilusões. Nada entenderam.

Muito mais tarde, com o grande evento enfim liquidado, dedicaram-se a tornar aquilo esquecido. Precisavam viver. E, para isso, às vezes é necessário apagar incêndios, sufocar chamas.

E foi dessa forma mesmo que a especulação imobiliária conquistou seus mais novos exemplares de terrenos vagos naquela antiga, porém promissora, cidadezinha.

DIEGO KNACK
Professor de Sala de Leitura na E.M. Anísio Teixeira / 11ª CRE

COISAS DA VIVINHA

JENY MOYA ARANTES

Vivinha, menina franzina, de cabelos pretos encaracolados, olhos cor de mel, doce, meiga e encantadora. Mora numa pequena cidade interiorana, com poucos habitantes. É uma menina muito esperta, falante, alegre, muito sapeca, cheia de sonhos e ama aventuras. Na escola, estava sempre entre os alunos mais eloquentes, participativos e, muitas vezes, na sua turma, mantinha-se em evidência nas tarefas.

Entre uma levadice e outra, sua vida em casa era cumprir as tarefas da escola e ajudar sua mãe em alguns afazeres domésticos, como cuidar dos irmãos menores. Também gostava muito de brincar com os amigos e amigas no lago que ficava a cerca de uns 20 minutos, a pé, de sua casa. Enfim, fazia coisas de criança, mas também um pouco de coisas de adulto. Um dia algo inusitado acontece:

– Vivinha? – disse sua mãe. – Amanhã vamo num lugá diferente e longe de nossa cidade. Mais num vô dizê onde é, não!

Vivinha, curiosa e cheia de ansiedade, mal conseguiu dormir durante a noite. Passou boa parte dela imaginando, desenhando e escrevendo em seu diário de capa rosa – cheio de lantejoulas, que havia ganhado da filha de dona Zélia, em seu aniversário – os possíveis acontecimentos do dia seguinte.

Ao amanhecer, antes de todas as pessoas da casa acordarem, antes até de o galo de estimação da família, o Ataliba, cantar, Vivinha já estava de pé, pronta para o evento tão aguardado. Dona Zélia veio de carro buscar toda a família para o passeio, e logo que a pequena ouviu o ronco do motor do automóvel, saiu correndo porta afora e dizendo em voz alta:

– Té que enfim! Bora gente! Pé na estrada! Num guento mais esperar!

Adentrou o carro rapidamente, temendo que os irmãos roubassem o assento da janela. Enfim, todos da casa saíram e deram boas-vindas à professora Zélia, acomodaram-se no automóvel e, finalmente, partiram. O caminho até o local planejado para o passeio pareceu, para a menina, uma eteeerniiidaade! Mas compensava toda a demora do trajeto ouvir a maravilhosa música que soava no rádio do carro. Era música instrumental, que se escutava entre um comentário e outro de dona Zelinha sobre a peça.

Diga-se de passagem, dona Zélia, chamada carinhosamente por todos de Zelinha, era uma das professoras de Vivinha. Por razões bem específicas, Zelinha apegou-se à menina pelo ótimo desempenho em suas aulas. Inclusive, aulas particulares gratuitas eram oferecidas a ela, porque a família não tinha condições de pagar.

Ao chegar ao local, a menina espoleta correu para a roleta, para ser uma das primeiras a entrar, e logo descobriu que estava no zoológico. Vivinha ficou encantada com tudo o que via, pois nunca havia estado ali.

– Que bicho é esse? – perguntava a menina falante.

Muito animada, fazia todo tipo de comentário sobre o que observava, o que ouvia, imitava. Estava deslumbrada com os animais de espécies diferentes que não havia visto antes. Toda hora parava, fechava os olhos e ouvia todos os sons possíveis do zoológico. Apreciava as peripécias, acrobacias e sons emitidos pelos macacos, os sons das aves de várias espécies, os sons do papagaio, da arara, do elefante, da girafa, de todos ao mesmo tempo, e pensava:

– Nossa! Que bonito! Nunca vou esquecer esse dia!

A andança pelos vários setores do zoológico tornava-se cada vez mais interessante para a menina. Até que, de repente, Vivinha ficou paralisada e perplexa ao observar a belíssima zebra que estava bem na sua frente. Imediatamente, seus pensamentos foram transportados para outro universo. De súbito, lembrou-se da música instrumental

que havia escutado no carro durante o trajeto para o zoológico e logo, criativa e sonhadora como era, imaginou-se tocando aquela peça no corpo preto e branco da zebra.

– Um instrumento vivo! Cheio de teclas brancas e pretas!!! Ou pretas e brancas??? – indagava ela. E tocava... e subia... e descia... no preto, no branco... no branco, no preto... no corpo da zebra.

– Uau! Que máximo! – pensava ela.

O dia, realmente, ficou gravado na mente da pequena menina.

Anos depois, Vivinha, agora não mais uma menina, resolveu interpretar de outra maneira aquele belo dia, e passou horas e horas debruçada, escrevendo sobre as lembranças da visita ao zoológico. E algumas semanas depois...

– Vivinha!? Viviane? – indagou a professora Zélia.

– Oi! – respondeu Viviane.

– Sua vez! Boa sorte!

– Obrigada, Zélia! Sem sua ajuda, professora, nada disso estaria acontecendo.

E, com passos lentos e elegantes, Viviane, ao som de muitos aplausos, entrou na sala de concertos, em direção ao lindo piano de cauda preto, colocado bem no centro do palco. Arrumou sua partitura, cujo título era *Os sons do zoológico*, sua mais nova composição moderna e contemporânea, recheada de sons dissonantes. Nela havia melodias, arpejos e acordes de teclas brancas... teclas pretas... brancas e pretas... pretas e brancas, frutos da lembranças de infância de um dia maravilhoso no zoológico.

JENY MOYA ARANTES
PI de Música na E.M. José Piquet Carneiro / 8ª CRE

VIAGEM DE FÉRIAS OU CARMA COLETIVO?

MÔNICA MARIA SARAIVA PEREIRA

Imagine três professoras, completamente exaustas do trabalho com adolescentes, acalentando o doce sonho de uma saída de férias para conhecer a serra gaúcha. Friozinho, chalés, vinho, fondue e absoluta leveza. Nada com o que se preocupar, somente conversar, conhecer lugares, pessoas; um sonho realmente.

Embaladas por esse sonho, eu, Mônica, Joana e Lúcia com seu filho, Pedro (nomes fictícios), fomos à empresa de turismo para contratar a viagem, e de lá saímos felizes e sonhando com a tal viagem – roteiro fantástico em ônibus de alto luxo, em hotéis confortáveis e preços convidativos a serem pagos em cinco vezes.

Os dias de trabalho que se seguiram (trabalhávamos juntas) foram de puro êxtase, de planejamento e ansiedade para que o dia chegasse. Preparativos, malas, planos, enfim, tudo o que uma viagem merece. Eis que chega o dia. Fomos para o Méier, subúrbio do Rio de Janeiro, para embarcar no ônibus. Quando lá chegamos, vimos um ônibus superluxo, daqueles cujo retrovisor parece um chifre, começamos a nos despedir dos meus pais e dos amigos para embarcar.

Ali, começou errado: o grupo que ia viajar começou a ser chamado e somente nós quatro sobramos. Foi quando vimos chegar um ônibus meia-boca, cor vinho, janelas abertas indicando que nada de ar-condicionado. Aquele era o nosso. E logo nos revoltamos e fomos questionar o representante da empresa de turismo.

Então, nos foi dito que iríamos naquele ônibus até a cidade de Registro, em São Paulo, pois o veículo na qualidade luxo tinha tido

problemas e nós iríamos naquele como plano B; lá, embarcaríamos e nos juntaríamos ao grupo de viagem. Não deveríamos ter embarcado, mas fomos mesmo assim. E fomos nos equilibrando nos bancos meio quebrados, os cabelos voando enlouquecidamente e, ainda assim, mantivemos intacto o sonho da tal viagem. Mal sabíamos que aquilo tudo seria "fichinha" perto do que ainda passaríamos.

Quando finalmente chegamos à cidade de Registro, fomos ao banheiro, lanchamos e fomos apresentados ao grupo do qual fazíamos parte. E todos também desembarcaram do ônibus bonitão, pois nos juntaríamos num ônibus de luxo e seguiríamos viagem. A espera foi torturante; uma "conexão" que seria de uma hora passou a ser de três horas de espera.

Eis que surge "O Ônibus" e, para descrevê-lo, faltam-me palavras. Quem é carioca pode fazer o link com o "piratão" Caxias-Barra. Um ônibus velho e sujo. Luxo jamais foi o seu nome.

Formou-se um tumulto entre os passageiros e ninguém queria embarcar, mas isso atrasaria ainda mais a viagem para a primeira cidade, Curitiba. Em assembleia, resolvemos embarcar no ônibus que parecia ter acabado de chegar de uma excursão escolar sem limpeza.

Depois de 40 minutos de estrada, mais especificamente na Rodovia Regis Bittencourt, conhecida como "rodovia da morte", o ônibus parou e o mais bizarro aconteceu: o motorista saiu do ônibus com uma barra de ferro e foi acompanhado com olhos assustados por todos os passageiros.

De repente, começamos a ouvir pancadas no motor, o que fez com que três passageiros saíssem e fossem acompanhar, de perto, aquela agressão ao motor, que mais parecia uma moenda de cana. Depois disso, todos os passageiros começaram a falar, reclamar, e o motorista explicou que o "carro" estava com problemas. Ficamos tensos e a moenda de cana retomou a viagem.

BETO CARRERO WORLD
REGISTRO
DE LUXE

Após mais meia hora de "viagem", veio o momento mais perigoso do percurso: o pneu do ônibus furou numa banguela, e somente estou aqui para contar a história devido à habilidade do condutor, pois o mesmo teve que ter muita técnica para segurar a situação "no braço".

A partir desse momento, achei que estava realmente correndo perigo de morte, pois estávamos na Regis Bittencourt, parados, sem sinalização, quase meia-noite, um frio de doer os ossos, o telefone celular não pegava, e, para nossa "alegria", não havia pneu extra, macaco... E a bateria arriou. Estávamos imperceptíveis num acostamento, sem iluminação.

Todos desembarcaram e entraram em pânico. Foi necessário que alguém pegasse a liderança do grupo, uma vez que o guia (mais conhecido, posteriormente, como Mister Magoo) nada fazia a não ser fumar um cigarro atrás do outro.

Uma senhorinha, com seu neto, começava a dizer, de forma frenética, que aquela estrada era muito perigosa, que ouviu muitas histórias de assaltantes que perseguiam os ônibus de turismo, roubavam os pertences, matavam todos e deixavam os corpos estendidos no chão.

Essa era a "melhor" história que ela contava, o que foi colocando os outros passageiros em pânico. Uns começavam a chorar, outros, a correr em direção ao nada. Até que alguém mandou que ela calasse a boca.

Precisávamos nos fazer notar na estrada. Foi quando alguém teve a ideia de colocar fogo num pneu. E assim foi feito. Perdi minha luva, pois foi usada para fazer esse fogo. Parecia um beco sem saída, pois sem pneu extra, sem bateria, sem celular, no meio do nada, era o fim.

Cumprindo a "profecia" da senhorinha, aproximou-se uma caminhonete com dois indivíduos e parou junto ao grupo, que, a essa altura, estava completamente aterrorizado. Perguntaram o que tinha acontecido e se poderiam nos ajudar. Naquele momento, a liderança

do grupo foi assumida por Levi, um passageiro que tinha experiência com viagens e se manteve equilibrado, pois o guia suava em bicas, tremia, fumava e nada mais fazia.

Formou-se uma comissão de três passageiros, com destino a outra cidade, para tentar contato com a empresa, a fim de providenciar outro ônibus para nos resgatar. Os que ficaram tinham um sentimento de medo, pois quem eram aqueles homens que levaram nossos colegas de viagem? Seriam eles bandidos? Nossos colegas voltariam? E, ainda, a insegurança de estar na estrada, sem telefone, sem luz, temperatura baixíssima e sem notícias de nossos amigos.

Uma de minhas amigas começou a chorar copiosamente, se dizendo arrependida de estar ali, que gostaria muito de estar na sua casinha. Nós dizíamos que ninguém gostaria de estar naquela situação, mas que tínhamos de enfrentá-la com certo equilíbrio. A cada caminhão que passava fazendo balançar o ônibus, todos gritavam, corriam e pediam para que não se afastassem do veículo. Essa espera durou três horas.

Quando o outro ônibus chegou para nos resgatar, olhamo-nos e pensamos: "Sim, pode ficar pior". As condições péssimas, limpeza inexistente e a grosseria do novo motorista fizeram com que uma passageira dissesse, em tom enfático: "Jamais entrarei nesse ônibus". O grupo, que estava fazendo o transporte da bagagem de um ônibus pro outro, olhando-a, disse: "Ok, essa vai ficar...". E continuamos a fazer a transferência da bagagem.

Quando já estávamos sentados dentro do ônibus, as bagagens guardadas e a porta do ônibus já fechando para seguir, ela grita: "Genteeee, eu vou, me esperem!!!!". Foi impossível segurar a gargalhada geral.

Chegamos a Curitiba quatro horas depois do esperado. E, para a nossa surpresa, o hotel havia cancelado nossas reservas, pois o

guia não havia avisado o motivo do atraso. A madrugada foi de negociação para que pudéssemos, pelo menos, tomar um banho e nos alimentar.

Na manhã seguinte, muitos queriam desistir da viagem, pegar um voo de volta ao Rio, inclusive eu, mas o grupo havia se unido diante da dificuldade. Resolvemos seguir viagem em outro ônibus que a empresa enviou, sem luxo, porém limpo e com somente um motorista. Cabe ressaltar que a viagem era longa, serra gaúcha e as várias cidades; seriam 13 dias de viagem.

O destino era Caxias do Sul e, já no primeiro momento, sentimos que o guia e o motorista não conheciam o caminho, absolutamente. O ônibus percorria a estrada, à noite, e somente alguns passageiros estavam acordados. Foi quando eu percebi uma "paisagem" que me chamou a atenção: uma cadeira vermelha.

Como a vi várias vezes quando o ônibus passava, pensei: "Cadeiras vermelhas estão na moda". Foi a quarta vez que a cadeira vermelha apareceu. Olhei para outra passageira e começamos a rir, pois nos demos conta de que estávamos andando em círculos. Ela levantou-se e falou: "Parem esse ônibus, quero comprar aquela cadeira vermelha" e, de novo, a gargalhada foi geral. Levi, que era o guia interino – afinal, demos um impeachment no guia da excursão –, pediu que o motorista estacionasse num posto para que pedíssemos informações a fim de continuar a viagem.

Em todas as cidades que visitamos, tivemos problemas com a hospedagem, pois já chegávamos um dia atrasados e acompanhados de várias situações, no mínimo, inusitadas.

A viagem era, para mim, uma possibilidade de relaxar, estar com as amigas e, ainda, conhecer alguns amigos virtuais, pois tinha um grupo de amigos com os quais teclava todas as noites. Em 2012, as salas de bate-papo tinham sua época mágica, e foi com esse intuito que pedi ao guia que passássemos na cidade de Itajaí, tendo em vista que queria conhecer um amigo virtual. Ele disse que era

impossível, pois não estava no roteiro. Minhas amigas e eu dissemos que se tratava de um caso de amor e que eu não poderia perder a oportunidade de ver um amor. Todo o ônibus ficou emocionado e fizemos "pressão" para que parássemos lá.

Entramos na cidade de Itajaí, a caminho de Balneário Camboriú. Fiquei ansiosa porque já havia falado a meu amigo que estaríamos no porto. Esperamos por 30 minutos e ele não apareceu. O ônibus já estava na saída da cidade quando avistamos um carro e ouvimos um grito: "Mônicaaaaa!!!!!!!". Infelizmente não foi possível parar, pois já estávamos na estrada. Todos vieram me consolar pelo "amor perdido no porto".

Cada cidade por nós visitada tem uma história interessante, e a energia dos passageiros foi o que fez valer a pena.

Quando visitamos as vinícolas em Bento Gonçalves, as senhorinhas que faziam parte da viagem resolveram provar de todos os vinhos oferecidos. O resultado foi muita gargalhada na estrada, com os "idiomas" que passaram a falar. Não conseguíamos entender palavra alguma que falavam.

Estávamos ansiosos pelo Beto Carrero World, e ao chegarmos (atrasados), depois do primeiro momento de negociações dos ingressos, encontrei com Cristina, uma amiga que é guia de turismo e estava ali com um grupo.

Ela logo me contou que havia um ônibus chegando com um grupo que havia se amotinado e tirado o guia e que fizera a maior confusão com a empresa. Permaneci olhando para ela sem nada falar. Foi quando ela disse: "Mônica, não me diga que é o ônibus em que você está?!!!!!". Sorri e ela entendeu que sim, era o meu grupo e, de novo, a gargalhada foi geral.

Em cada passo dessa engraçada e torturante viagem, fotografamos os restaurantes em que íamos almoçar, as cidades, os pontos turísticos

fechados, o ônibus sem manutenção e destacamos um grupo para fazer o diário da viagem, pois tínhamos a intenção de processar a empresa de turismo. Nas dificuldades diárias, desenvolvemos um instinto de grupo muito bacana.

Cuidamos uns dos outros, escutamos histórias de cada um e conseguimos nos divertir muito. O motorista "Barbosinha", um manezinho da Ilha de Florianópolis, ficou nosso amigo e tornou a viagem um pouco menos perigosa.

A viagem, que duraria 13 dias, devido aos atrasos foi feita em 15. E, ao chegar ao Rio de Janeiro, agradecemos a Deus todo o livramento, pois poderíamos, sim, ter morrido. Nós nos articulamos para processar a empresa de turismo que nos vendeu o pacote. Dessa forma, todos conseguiram todo o dinheiro de volta.

Meses depois, soubemos que a mesma firma falira.

MÔNICA MARIA SARAIVA PEREIRA
Diretora na E.M. Governador Carlos Lacerda / 7ª CRE

UMA REALIDADE, UM SONHO

JOCELIA OLIVEIRA CHAGAS

As escunas chegavam abarrotadas. De gente e de esperança. Era intenso o alvoroço das pessoas, principalmente das mulheres e crianças. Não se podia distinguir se o balançar dos seus corpos era por causa da música alegre ou pelos movimentos das ondas do mar. O alarido dos seus animais de estimação também contagiava. Era uma alegria incontida, um borbulhar de esperança. A alegria do retorno compensando todas as turbulências da ausência, do exílio forçado.

Depois de séculos separados de seus familiares e de sua terra natal, negros e negras, anciãos, adultos, jovens, crianças voltaram ao aconchego da Mãe África. Sim! Estávamos de volta e a emoção do reencontro era indizível.

Era incrível como o tempo parecia não ter passado para nós, retirantes forçados que fomos outrora. Arrancados do seio de nossa terra covardemente, cruelmente, sem chances de enfrentamento e de impedimento de tal atrocidade.

Todos retornávamos aos nossos reinos, às nossas terras repletas de plantações, riquezas, animais, comida farta, relações amistosas com nossos pares, orgulho e união entre os povos. Apenas Amandla mantinha-se calada num canto da embarcação.

Era uma jovem, ainda bem menina, nariz largo, lábios grossos, cabelos crespos, olhos negros. Apesar desses lindos traços negroides, sua pele era bem mais clara que a de seus parentes e amigos. A menina sempre questionara sua mãe sobre o motivo de sua pele ser assim e soubera por ela que seu pai era branco.

O homem abandonara a família, há muitos anos, e Amandla não tinha sequer uma fotografia sua. Não conhecia seu rosto, nem tinha curiosidade de conhecer. Melhor mesmo não ter nenhuma lembrança daquele homem de caráter frouxo, que não representava sua fibra de ascendência guerreira africana e cuja ausência nunca fora empecilho para a felicidade de mãe e filha.

Contava as horas para reencontrar seu povo, sua coroa e seus ricos trajes de princesa, conforme lhe prometera a mãe, sua deusa de ébano. Mas, ao mesmo tempo, lembrava-se da casa humilde na favela do Rato sem Rabo, onde viviam em harmonia antes de decidirem pelo regresso à África.

Amandla (sobre)vivia feliz naquela casinha humilde construída com o suor da mãe diarista, às margens do valão que cortava a favela. Antes, contava sua mãe, a família era unida e feliz, apesar de ela sofrer preconceito dos familiares do marido, que não a aceitavam por causa da cor de sua pele, e, apesar das adversidades financeiras, o amor os alimentava mesmo que a comida fosse rara na mesa.

Sua mãe nunca se deixara abater diante dessa suposta supremacia dos brancos sobre os não brancos. Quem dera que aquela união entre uma mulher negra e um homem branco fosse tão normal entre toda a humanidade, quem dera que a distinção de cor de pele não fosse motivo de tantas lutas e desavenças mundo afora, quem dera que as diferenças possibilitassem a união entre as pessoas e que o respeito fosse pautado nessas diferenças.

Quem dera que as pessoas entendessem que o preconceito de cor, origem, aparência, idade, gênero, opção sexual, religião precisa ser arrebatado deste mundo. Quem dera que todos acreditassem que não é a cor da pele que define a grandeza do caráter.

Mas não foi o preconceito, que mancha as sociedades hipócritas e racistas, que destruiu toda a felicidade do casal. Ao preconceito, o amor resistiu, mas sucumbiu diante da infidelidade do marido.

Porém, Luara era uma mulher forte e não se deixara nunca abater diante de qualquer dificuldade. Era incansável na missão e responsabilidade de criar e formar a sua pequena princesa, torná-la uma pessoa determinada em suas escolhas e líder de seu próprio destino, como ela mesma sempre fora.

Todos que saíram escravizados de suas terras, onde antes reinavam e eram livres e felizes, voltavam agora para retomar seus títulos de reis e rainhas, príncipes e princesas, nobres e valorosos; voltavam libertos de uma mazela aos quais foram submetidos por outros humanos: a escravidão além-mar.

O Atlântico, que testemunhara a dupla crueldade a que foram submetidos os africanos – o distanciamento de sua terra natal e a escravização –, agora testemunhava a tão ansiada volta, o tão sonhado retorno. Finalmente!

Mas a dor causada por toda essa injustiça ainda se manifestava, pois havia deixado resquícios como aqueles que despedaçavam o coração e atormentavam os pensamentos da reflexiva e inteligente menina Amandla.

Mas a pequena guerreira herdara de sua mãe e de seus antepassados a força e a coragem para lutar pelos seus ideais e defender seus direitos dentro da sociedade excludente em que nascera.

Quando frequentemente a chamavam de feia, por seu nariz, seus lábios e seus cabelos, Amandla dizia que era feliz por ser como era porque aquelas eram as marcas de um povo guerreiro e valoroso do qual tinha muito orgulho.

Às vezes, era difícil, muito difícil ser menosprezada e chamada de feia, fedorenta e suja, apenas por não ser branca. Amandla sofria por isso, mas não se conformava. Não aceitava sofrer tanto preconceito. Era apenas uma menina, mas há muito tempo já sentia na pele o que é nascer negra.

No retorno transatlântico, fazendo o caminho inverso dos ancestrais, nada dentro daquelas escunas lembrava a viagem de ida. Ficaram para trás as lembranças de quando foram jogados nos navios escuros, sujos, fétidos, insalubres, deitados lado a lado ou acocorados, homens e mulheres, jovens e crianças... E como eram tantos, tantos! Milhares! Muitos já doentes desde a partida e muitos que adoeceram durante o trágico caminho. Se morressem durante a triste travessia a outro continente, eram impiedosamente jogados ao mar.

Mas muitos outros de corpo são, mas com a mente doente de saudade e indignação, atiravam-se voluntariamente ao mar por não suportarem tanto sofrimento durante três intermináveis meses. Não, o retorno era cheio de esperanças. Recuperar o tempo perdido era preciso. Reescrever a História era necessário!

Quando as escunas atracaram em terras africanas, a emoção tomou conta de todos – dos que chegavam e dos que os aguardavam. Principalmente daquela menina de traços negroides e de pele mais clara. Como seria sua vida naquele lugar? Como seriam as pessoas? Como as pessoas a tratariam? Seria discriminada por seus cabelos, por seu nariz, por seus lábios?

Ela ainda tinha receio de que não fosse aceita em terras africanas, entretanto estava pronta para defender-se e lutar, como aprendera com sua mãe. Jamais permitira, nem permitiria que nada nem ninguém lhe dirigisse a palavra desrespeitosamente por seus traços negroides.

Ainda que fosse bem jovem, já aprendera que inteligência, caráter, lealdade, bondade, determinação e serenidade são verdadeiramente significativos para o convívio interpessoal. Pensava em todas essas coisas que a mãe lhe ensinara, quando algo despertou sua alegria e admiração.

Quando pisou em terras africanas, sentiu uma sensação de paz. Um alívio que lhe trazia a certeza de que já estivera naquele lugar um dia e que fora muito feliz ali. Todos se abraçavam e confraternizavam naquele momento mágico.

Aquela era uma sociedade predominantemente negra, livre de qualquer tipo de preconceito. Havia professores, enfermeiras, garçons, padeiros, médicos, motoristas, advogados, profissionais das mais diversas áreas ocupando cargos indistintamente.

Não havia nenhum privilégio ou detrimento em função da cor da pele. Ali todos se respeitavam e se amavam, sem qualquer tipo de discriminação. Racismo e preconceito eram palavras que nunca existiram no vocabulário das pessoas.

Lá a democracia racial jamais fora um mito.

JOCELIA OLIVEIRA CHAGAS
PI de Língua Portuguesa na E.M. José Piquet Carneiro / 8ª CRE

EXPERIMENTO

KEILA DE CASSIA BUENO PAIVA

Era uma noite escura. Não havia estrelas e a lua estava envolvida por nuvens pesadas. Relâmpagos riscavam o céu, uma forte chuva se anunciava. Samanta olhava para o tempo e pensava: "Como farei para chegar em casa a essa hora? Ainda mais com esse tempo?".

Já era muito tarde e ela precisara ficar na universidade para terminar um experimento. Olhou para o celular, sem sinal; pedir para alguém buscá-la ou chamar um táxi, nem pensar. Bela tecnologia!

Encarou novamente o tempo, parada ali, na saída do laboratório. Muitas árvores cercavam o caminho que teria que percorrer, deixando-o escuro e não muito atrativo. Um vento gélido soprou, um arrepio percorreu seu corpo, porém não havia o que fazer: precisava começar a caminhar.

Logo nos primeiros passos, uma garoa fina iniciou-se. Inesperadamente, uma névoa começou a se formar e a temperatura baixou. Situação estranha. Samanta sentia frio e, no fundo, sentia medo. Perguntava-se por que tinha resolvido ficar ali, sozinha. Por que não deixou o experimento para o dia seguinte? Porque o professor exigiu que os resultados estivessem em sua mesa pela manhã. Maldito!

O vento assobiou alto, as árvores balançaram, rangendo seus galhos. Samanta se sentiu observada. Apertou o passo. Seu o ímpeto era correr, porém sentia-se ridícula por isso.

A chuva aumentou. Olhava o caminho e parecia que ele aumentava a cada pedaço percorrido. Uma angústia tomou conta de seu peito. Sentia que algo estava errado, mas não sabia o quê. Um estrondo ecoou e uma luz forte iluminou tudo. Um relâmpago devia ter

atingindo o chão em um lugar próximo. Ela sempre odiou relâmpagos, mas o que deixou seu coração acelerado foi a silhueta que vislumbrou no meio da pequena mata universitária.

A adrenalina percorreu seu corpo e, agora, correr era a única coisa que ela conseguia pensar em fazer. E ela correu. Porém, a névoa e a chuva atrapalhavam seus olhos, mas Samantha conseguia distinguir aquela sombra, que parecia se aproximar rapidamente. De repente, uma raiz em sua frente e o chão sob seu corpo. Dor.

Com grande dificuldade, levantou-se, molhada, suja, dolorida. Queria chorar, queria continuar a correr, mas era como se mil agulhas a espetassem. Começou a caminhar novamente; entretanto, um som estranho chegou ao seu ouvido. Misturava-se com a chuva e o vento.

Olhou para trás. A estranha sombra estava quase sobre ela. Não conseguia mais correr – a dor e o terror de não saber o que era aquilo paralisaram seu corpo. Fechou os olhos e esperou, esperou que o negro daquela sombra a alcançasse e o pior acontecesse.

– Samanta!! Samanta!!

De onde vinha essa voz? Teria ela chegado a algum mundo desconhecido, como muitos acreditam existir?

– Samanta, mexa-se, menina, vamos! Vim te buscar! Fiquei imaginando que estivesse sozinha na universidade. No entanto, não imaginei que a encontraria nesse estado e no meio do nada...

Samanta abriu os olhos com dificuldade. Estava muito assustada e não compreendia o que havia acontecido. Em pé, ao seu lado, estava seu irmão, com cara de poucos amigos. Quando e como ele chegara ali? Samanta não tinha respostas.

Olhou para as árvores. A sombra assustadora não estava mais ali; porém, será que estivera em algum momento? Será que não fora sua imaginação pregando-lhe uma peça? Samanta não perguntaria ao

irmão se havia visto aquilo; seria motivo de chacota por muito tempo. Então, apenas olhou para ele e disse:

– Obrigada por vir, me assustei com um relâmpago e tropecei no caminho. Preciso de um bom banho, vamos para casa – e sorriu.

– Bora, garota atrapalhada! – o irmão respondeu, colocando-a à sua frente e olhando por sobre o ombro: "Será que ela viu aquilo?".

KEILA DE CASSIA BUENO PAIVA
PII no Ciep Olga Benário Prestes / 11ª CRE

UMA MANHÃ DE DOMINGO

TERESINA MACHADO CANDIDO

Era um domingo de manhã quando Maria viu a clareira toda florida pela primeira vez. Ela ficou encantada com o brilho que o sol dava aos ipês por ali espalhados. Nunca tinha visto algo tão belo em todos os seus 17 anos, mas não teve muito tempo para pensar nisso. Ali, correndo pela clareira, brincando, viu duas lindas crianças. Os cabelos dourados voavam contra o vento fresco de outono. Ela podia ouvir os risos e as brincadeiras.

Do outro lado do vale de ipês, Maria viu dois adultos, um homem e uma mulher, observando as crianças. A felicidade estampada em seus rostos. Os pais, ela pensou, também sorriam, mas sem entender o motivo.

Enquanto Maria ficava ali observando, tudo o que sentia era o amor daquela família, e pensava que desejava isso para si mesma um dia. Ela não sabe por quanto tempo ficou ali, antes de ser acordada por sua mãe, com um olhar carinhoso.

– Oi, querida. Cheguei e vi você dormindo. Estava com pena de te acordar. Você parecia tão relaxada e feliz... Mas o almoço está pronto.

– Oi, mãe. Devo ter pegado no sono enquanto lia. Acho que fiquei tão presa pela história do livro que até sonhei com ela.

As duas trocaram um sorriso e foram almoçar, mas aquela sensação de amor e de felicidade que Maria sentiu enquanto sonhava ficou com ela o dia todo.

TERESINA MACHADO CANDIDO
Merendeira no Ciep Olga Benário Prestes / 11ª CRE

ANDAR 57

FLAVIA HOSSELL

Ela se olha no espelho, meio de lado. Encarava os detalhes do cabelo com certo tédio. Os fios voltariam a assumir o controle. Era inevitável. Sempre foi. Assim que terminou a tarefa inútil, sorriu amarelo para o espelho, procurando falha na limpeza dos dentes. Não tinha. Tudo impecável. Era um dia importante. Ela ainda não tinha muita noção de quanto.

Saiu de casa arrastando consigo bolsas, casaco e chaveiro. Chamava de ritual do zumbi. Eram seis horas. E o corredor do prédio parecia uma tumba; o elevador, a esquife. Já no trânsito para o escritório, lembrou-se dos papéis que ficaram sobre a mesa. Droga! Iria ter que correr antes da reunião. Um carro preto passou voando na sua frente, tirando fino do seu. O susto a fez sair do transe. Olhou tudo em volta tão rápido, procurando algo que não sabia bem o quê. Seguiu o destino. Não percebeu o caminho.

Saltou na frente do grande prédio espelhado. Toda manhã quebrava o pescoço olhando lá pra cima. Adorava ver o reflexo do sol nas centenas de janelas. Hoje não foi diferente.

– Oi! – flutuou uma voz suave. – Que susto!

Ao voltar seu olhar para baixo, uma pequena garotinha lhe tocava a mão. O toque era suave que parecia só o vento a brincar.

– Oi! – repetiu ela. – Tudo bem?

Olhando em volta, procurarava o responsável por alguém tão pequeno, naquele lugar e àquela hora.

– Você está sozinha? Cadê seus pais?

– Não! Não estou sozinha.

– Cadê seus pais, então? Você é muito pequena para estar aqui sozinha!

A menina sorriu com o sol todo dentro de si. E olhou para aquela adulta assustada:

– Meu pai está lá em cima – e apontou para o alto do prédio.
– Não se preocupe. Sei onde estou. Conheço muito bem este lugar. Sempre venho aqui. Meu nome é Clara! Como é mesmo o seu?

– Clara! – e sorriu, meio constrangida. – Meu nome também é Clara!

A pequena sorriu, contente com a coincidência. E engatou:

– Vamos subir? Você trabalha aqui, não é? Sempre te vejo. Toda manhã olha lá pra cima. Eu faço isso também! Sempre!

A Clara adulta não sabia muito bem o que fazer. Tinha uma pequena segurando a sua mão. E, como um almirante, ia conduzindo a menina numa maré de pessoas a entrar no prédio de espelhos. Deixou-se ir. O fato de não conhecer a menina, de nunca a ter visto, de ser tão pequena. E com o mesmo nome. Isso não a espantava mais do que o fato de ela a conduzir de forma tão simples e imperativa. As Claras subiam as escadas para a portaria. De mãos dadas. Ao cruzarem a catraca, o segurança, sempre simpático e educado, abriu um sorriso no qual a Clara adulta nunca tinha reparado.

– Bom dia, Clara! Está muito bonita hoje!

– Obrigada, sr. Pedro! – ambas responderam em uníssono.

– Muita gentileza do senhor! Hoje seu uniforme está magnífico! – a pequena completou.

Ele deu uma piscadela e continuou com o mesmo sorriso para os próximos que chegavam. Ambas pararam na porta do elevador. E a pequena foi mais rápida na pergunta:

– Para onde você vai mesmo? Você gosta do seu trabalho? O que faz?

A mulher ficou atordoada. Não sabia por onde começar. As portas se abriram. Ufa! Ambas entraram. Ainda estavam de mãos dadas.

O ascensorista as cumprimentou com um aceno de cabeça. Elas retribuíram. Ele apertou o andar de Clara, sem perguntar nada. E ela ficou curiosa. E o andar da pequena? Quando ia perguntar, o elevador abriu as portas e o ascensorista falou:

– Senhora Clara, é o seu andar. Não vai descer?

A pequena soltou sua mão e acenou, se despedindo. Seu pai ficava mais acima. A porta estava se fechando e a voz infantil ecoou:

– Te vejo mais tarde!

O ruído surdo do elevador seguindo viagem fez Clara despertar do assombro. Que manhã! – pensou... Os papéis! Tenho que correr! Girou sobre os saltos e seguiu num rebolar de quadril de marcha atlética! Não pegava bem ela correr, mas estava totalmente atrasada!

Passou por todos do seu andar sem cumprimentar. Na verdade, não faria a mínima diferença. Já estavam hipnotizados em seus computadores. Uma bomba explodiu num mercado de Londres e a Bolsa de Valores estava completamente instável. Piscar significava perder dinheiro. Imagina dar um bom-dia! Seria a ruína da empresa. Melhor assim! – pensou ela. Sua ilha de trabalho não tinha nada de glamouroso. Era mais uma baia. Igual a todas as outras do andar. Mesa, cadeira, computador, papéis, solidão. Mais um quadrado, no qual lutava todos os dias para se encaixar. Ela gostava do que fazia. É... gostava.

Empenhava-se arduamente para ser competente e eficaz, e isso a deixava satisfeita, quase feliz com o que fazia. Quase. Tentou ligar sua máquina; porém, nada. Só faltava essa! – pensou. Que manhã! Vamos lá! Nada! Achou que tinha virado uma chaleira. Bufava igual a uma, sem cerimônias, enquanto tentava desesperadamente ligar seu computador. Olhou para o lado e viu a máquina da Pandora ligada. Não pensou duas vezes. Pulou de cadeira. Ela ainda não havia chegado.

Não soube ao certo quanto tempo trabalhou. Olhou a hora e viu que já estava em cima da reunião. Começava a recolher tudo o que seria preciso quando ouviu, do início do corredor, alguém falar que

a reunião tinha sido cancelada. Que a secretária não tinha avisado o motivo, mas que até o final do dia daria um retorno. Não sabia se ficava aliviada ou enlouquecia com a falta de consideração. Sem muita opção, levantou e esticou o corpo. Estava todo dormente. Preciso de férias! Vou tomar meu café. Mereço! – resmungou para si.

Diferentemente da marcha ridícula do começo da manhã, Clara agora desfilava lentamente pelo corredor. Ia em direção à ala B. A máquina da sua ala vivia quebrada. Devido a essa lentidão, ia reparando em seus colegas de trabalho. Zumbis! Todos zumbis! Amarelos, vestidos com o mesmo padrão de cores. Mal piscavam... E, pela primeira vez, pensou que poderia ser mais uma deles. Isso lhe deu um frio na espinha. Um gelo que nunca tinha sentido antes. Um gelo que a fez parar no meio da passarela. Sua garganta secou. E uma sede tremenda tomou conta.

Acelerou o passo. Café! Café! Aí está você! Tinha acabado de apertar o botão, pedindo um longo, quando sentiu o toque de vento novamente! Dessa vez, pulou de susto! Já havia esquecido a pequena faladeira! Sem muita polidez, perguntou com um tom acima do normal.

– O que faz aqui?

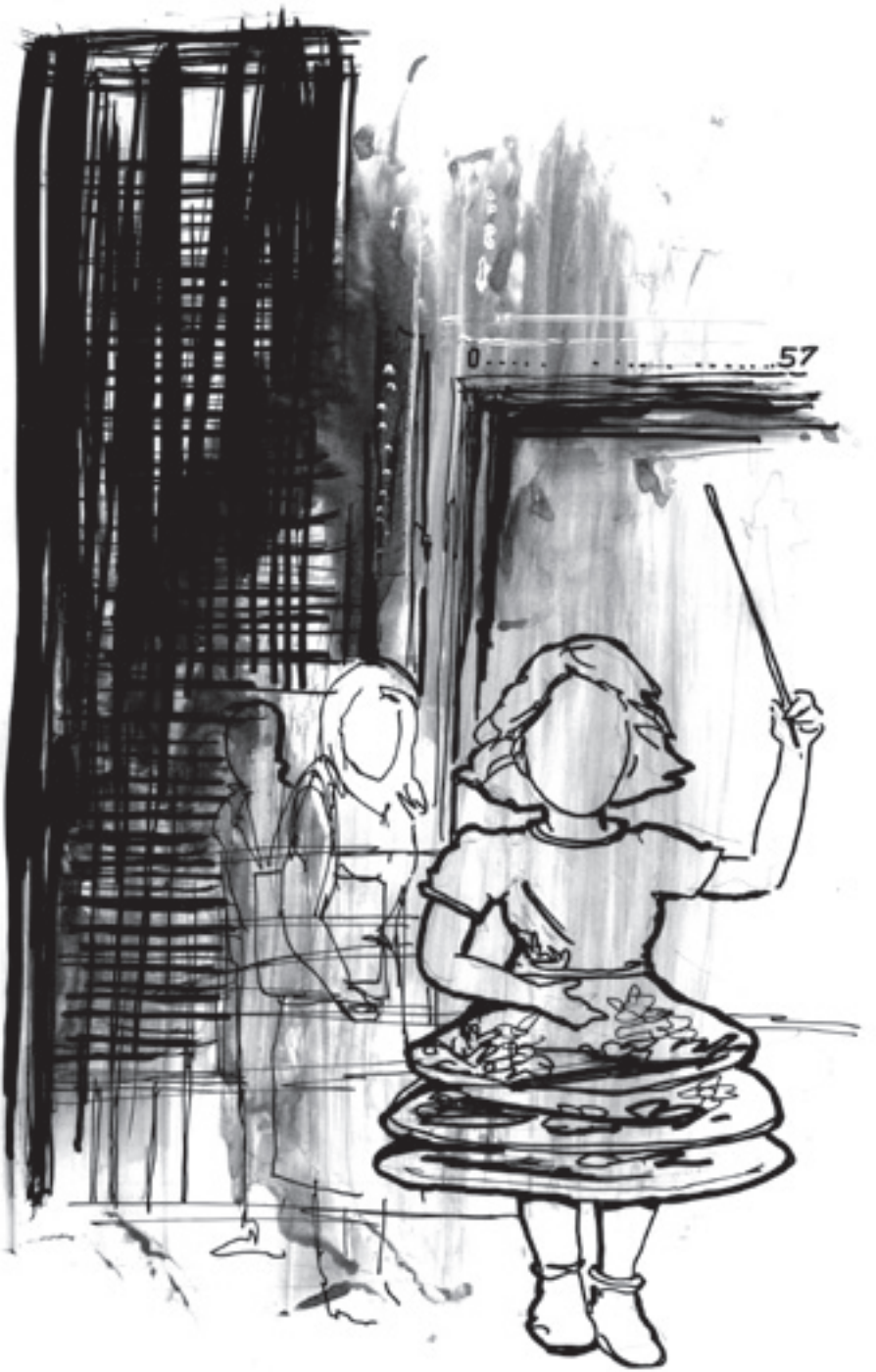
A menina a olhou séria e, dando um muxoxo, respondeu, virando de costas:

– Meu pai trabalha aqui. Já te falei! Você tem problema de memória?

Ah... Que pestinha impertinente! Seu orgulho ferido durou dois segundos. A pequena virou sorrindo e a pegou pela mão, já puxando.

– Pode me ajudar?

Clara não teve opção! Seu café ia ficar no aparador da máquina. Entraram no banheiro. A pequena, sem muita explicação, entrou na cabine. E mais uma vez, com aquele jeitinho imperativo, pediu que a nova amiga ficasse do lado de fora. Ela gostava de conversar e se sentia muito só naquele banheiro cheio de cabines. Desatou a falar de como gostava de brincar de bonecas, correr atrás de borboletas, do cheiro da casa no verão e de como a mãe fazia carinho em sua


57

cabeça. Afirmou categoricamente que seria uma bailarina quando crescesse, pois dançava muito bem. Era o que todos diziam. Além do mais, ela se sentia flutuar quando dançava.

Hoje é meu dia! – a executiva pensou. Não tinha muito contato com crianças, mas não as repelia como a uma doença. Na verdade, ela nunca pensou a fundo sobre isso. A maternidade não passava na cabeça. Tinha tempo que não namorava. As pessoas a entediavam, ultimamente, e casamento era algo fora do horizonte. Mas a voz infantil a chamou de volta:

– Você ainda está aí? Não vai me deixar sozinha, né? Você gosta de dançar?

– Estou, Clarinha, estou! Posso te chamar assim?

– É assim que todos me chamam!

– Bom, não vou te deixar sozinha. É! Também gostava muito de dançar. Gostava, não! Amava!

– Não ama mais?

– Não sei. Tem tempo que não danço. Menina, você vai demorar? Tenho que voltar ao trabalho. Adultos trabalham, sabia?

A pequena saiu direto para a pia. Lavou suas pequenas mãos. Tão brancas que a água brilhava ao tocá-las.

– Vocês vivem para trabalhar – e o olhar perdeu o brilho, pela primeira vez. Sem mais nem menos, saiu do banheiro dizendo um rápido "obrigada".

E quando Clara foi atrás, a guria já havia desaparecido pelo hall. Criança esquisita! O pai dela deve ser um figurão para deixá-la solta pelo prédio, sem ter medo de tomar uma chamada. Vou cuidar da minha vida! Mas não conseguiu dar o próximo passo. A vozinha suave cantando atrás da porta da escada de emergência a chamou. Foi mais forte do que todo o seu racional. Era doce. Era uma música que sua avó cantava, ao pé do ouvido,

para fazê-la dormir, quando criança. E ela sabia que era sua nova amiguinha que estava cantando do outro lado da porta. Era a menina Clara.

Empurrou a trava da porta e ela deslizou. No patamar da escada, a pequena flutuava, ensaiando um balé em perfeita harmonia com a voz de anjo que saía de sua garganta. Ambas pararam no tempo. E nada mais existia. Só as Claras. Bailarina e plateia num *pas de deux* perfeito. A pequena a convidou. Fez todo o jeito de um cavalheiro, dobrando um dos joelhos e tirando um chapéu imaginário. Sem muito juízo, Clara aceitou. Tirou o salto alto e rodopiou com sua cúmplice, cantando a música de sua avó.

Chegaram, ao final, às gargalhadas. A pequenina puxou sua partner até que tivesse o rosto, de maquiagem discreta, entre suas mãos. Suspirou profundamente e falou sem pena nenhuma:

– Você deveria ter sido bailarina!

– Eu sei... – a outra respondeu, com um nó na garganta.

Tentou se lembrar por que tinha abandonado as sapatilhas. Ela era realmente muito boa. Não sabia por quê. Tinha algo a ver com crescer, fazer algo sustentável, que desse futuro. Balé era coisa de menina. Esse devaneio a fez lembrar onde estava. E, rapidamente, se colocou no eixo de novo. Aprumou-se. Calçou os saltos. Sem muita cerimônia, se despediu:

– Tchau! Tenho que voltar! E você, não fique nessa escada. Pode ser perigoso! Vá ficar perto do seu pai! Onde mesmo que ele trabalha?

A pequena apontou para o teto, sem muita novidade. Afinal, vivia respondendo a mesma pergunta. Ela se virou e começou a subir as escadas.

– Obrigada por ter ficado comigo um pouquinho. Foi muito bom! Deveria dançar mais vezes. Fica mais bonita!

E sumiu nas escadas. Clara pensou na peculiaridade da garota, sem se mover de onde estava. A pressa para voltar ao trabalho sumiu junto

com a criança. A porta abriu-se, num tranco. Era um brigadista de incêndio. Nem a viu. Falava com um rádio na sua mão.

– Porta do 13º andar, ala A, ok.

Clara saiu antes que a porta se fechasse novamente. Retornou à sua mesa. Seu computador tinha voltado a funcionar. Sem prestar muita atenção, teclava um relatório que estava atrasado. Verificou o relógio preso na divisória à sua frente: 12h34. Sentia um pouco de fome. Passou a mão na bolsa. E entrou na fila das formigas em frente ao elevador. Foi um alívio chegar à rua. O ar, as pessoas, o jardim florido do outro lado.

Preferiu a lanchonete boa e barata, a duas quadras dali. Era final do mês e ela tinha pressa. Estava sentada no balcão, pronta para pedir o "de sempre", quando viu pela vidraça a pequena passar. Parecia conversar com alguém. Clara não conseguiu identificar. Sem saber bem o porquê, pegou sua bolsa e foi no encalço da guria. Chegou à rua e a viu de relance. Era um peixinho colorido no meio daquele mar de gente do centro da cidade.

Quando a alcançou, a pequena estava no mesmo lugar onde tinham se conhecido pela manhã. Na frente do prédio espelhado, olhava para cima. Para as centenas de sóis que brilhavam. Não tinha ninguém ao seu lado, para o desconforto da executiva. Estacionou ao lado da menina e repetiu o gesto que ambas compartilhavam. Só que dessa vez foi mais rápida ao quebrar o silêncio.

– Lindo, não é? Por que você olha todos os dias para as janelas?

– Ué? Você sabe a resposta! Porque, a cada dia, eu vejo uma luz nova e é um novo espetáculo. Porque tudo muda, não é?

Ambas se encararam, cúmplices, e voltaram a olhar as janelas.

– Qual é mesmo o nome do seu pai? Em qual andar ele trabalha?

– Eu não disse o nome dele! Você quer ir até lá? E apontou com o queixo o topo do prédio.

O coração disparou no peito. Era constrangimento e curiosidade. A resposta veio com um aceno de cabeça. Sem saber por que, a voz se recusou a

sair. Repetiram a cena da manhã. Desta vez, Clara não desceu no seu andar. Sua mão guardava uma réplica minúscula, e a sensação era maravilhosa.

Desceram no andar 57. Clara nunca tinha subido até lá. Era o andar da diretoria. E, logo acima, o da presidência. Era um ambiente muito claro e amplo. Definitivamente agradável. Atrás de uma mesa imponente, localizada ao centro do que parecia ser um gigantesco hall, uma senhora de cabelos brancos e olhar jovem recepcionou as duas com um sorriso meigo.

– Olá! Seja bem-vinda! Estávamos à sua espera, Clara! – e olhou diretamente dentro dos olhos da funcionária do 13º andar. Imediatamente, desviou para a pequena. O sorriso mudou: – Clara, como foi o passeio lá fora? Foi tudo bem?

A pequena respondeu com um sorriso travesso e uma piscadela:

– Sim! Como sempre, querida Gertrudes! Como sabe, gosto muito de me aventurar lá fora! Será que poderia ir até a varanda com minha nova amiga? Gostaria de mostrar uma coisa a ela.

Gertrudes encarou a pequena de um jeito que Clara não soube decifrar. O constrangimento mantinha sua língua congelada na boca e os olhos tentando agarrar todos os detalhes que podia. Tudo parecia um tanto surreal. Disparou sem muito pensar:

– O pai da Clara trabalha aqui? Ela é muito pequena para andar sozinha, você não acha? Não atrapalho? Tenho que voltar ao trabalho!

Gertrudes segurou uma risada, por delicadeza. Parecia ser uma dama, muito elegante.

– Está tudo bem! Não se preocupe com essas coisas. Podem seguir por aqui até a varanda!

A pequena deu uns pulinhos de alegria e puxou a nova amiga pelo caminho indicado. Um corredor lateral, com uma parede comum branca. Ao fundo, um vidro fumê. Uma porta automática se abriu,

revelando uma varanda enorme com canteiros, flores, pequenas árvores, bancos e uma fonte de água que irrigava os canteiros. Clara ficou boquiaberta. Lá de baixo não dava para perceber esse jardim suspenso. Chegaram até o parapeito. Parecia muito mais alto.

A pequena encostou a testa no vidro, olhando lá para baixo. Clara imitou o gesto.

– O que você vê?

– Prédios, pessoas, carros...

– Eu vejo insetos – arriscou a pequena. – Os adultos-formigas, percebe? Sem graça, andando em filas, somente seguindo o caminho traçado pela formiga da frente. Carregadores que não pensam. Só seguem. Tem os cupins, aqueles que destroem tudo pela frente. Tem as aranhas, que usam sua habilidade para prender os tolos, matando-os aos poucos. Os vagalumes, os raros, que iluminam a escuridão. Eu gosto das joaninhas coloridas, simples, que levam a vida a enfeitar onde pousam. Mas as minhas preferidas são as lagartas.

– Lagartas? Eca!

– Elas são complexas e perseverantes. Ou melhor, independentes. Caminham atrás da própria comida. Não atacam ninguém, porém sabem se defender, caso as ataquem, e seguem firmes para a mudança. Preparam-se para ela. Aquietam-se, se recolhem e, como prêmio, o voo cheio de beleza e liberdade. Gosto de pessoas-borboletas, Clara! E você?

Os olhos da menina estavam cheios de piedade por aquela mulher-formiga, que tinha acabado de se descobrir como tal. As lágrimas corriam e um flash de toda a sua vida até ali passou em sua mente. Quantos caminhos percorridos sem muito pensar. E, não mais que de repente, a pequena a puxou para o banco. Sentaram.

– Estou muito cansada. Posso descansar um pouco aqui? – Clarinha falou, deitando a cabeça em seu colo.

O tempo não importava mais. Nada que existisse nos andares abaixo do 57 tinha mais relevância. Enquanto uma tirava um cochilo, a outra despertava de um sono profundo.

– Clara! Clara! Clara, acorde! Vamos, acorde! Vamos lá!

E uma mão grande segurava seu rosto. A cabeça balançava como um mar revolto. Um enjoo e uma dor na testa, a luz ferindo os olhos. Várias vozes começaram a surgir do breu. Falavam coisas desconectadas.

– Nossa! Foi muita sorte! Ela está acordando!

– Eu vi tudo! Um carro a fechou e ela perdeu o controle!

– O prefeito não faz nada por esta cidade. Tudo culpa do buraco... Vamos! Vou me atrasar para o trabalho... Ouvi o bombeiro dizer que a moça bateu forte, desmaiou por causa da pancada no volante...

Foram 15 dias de licença. Cinco deles no hospital, em observação. O corpo moído, o supercílio costurado, a cabeça a mil e o coração transformado. Clara não se lembrava do acidente; só da garotinha do 57º andar. Ela quis voltar ao trabalho antes de completar a licença. O RH negou seu pedido. Seus pais a seguraram em casa entre mimos e cuidados que só eles conseguem dar. Nesse período, Clara fez segredo sobre a menina do escritório. Tinha dúvidas sobre a existência da pequena, apesar da certeza do que foi vivido.

A manhã do 16º dia chegou como vento de verão, aquecendo e queimando. Olhou o espelho; os cabelos soltos pareciam juba de leão. Nunca mais iria prendê-los. Às 7h30, chamou um táxi; às 8h15, estava parada na frente do prédio de janelas espelhadas. O pescoço ainda doía, mas olhou para cima e viu uma luz nova. Ela tinha mudado. Tudo muda, não é? Por breves segundos, esperou o toque suave de uma mão pequena. Não aconteceu. Algo pesou no peito. Aquele era um grande dia e ela sabia disso. Passou pela portaria procurando o senhor Pedro. Ele não estava lá. Talvez fosse seu dia folga, pensou, querendo se convencer. Entrou determinada no elevador:

– Bom dia, 57, por favor!

O ascensorista seguiu a orientação, sem nem olhar. Chegando ao grande hall, tudo parecia familiar, mas Gertrudes não estava lá. Em seu lugar, duas secretárias dividiam a grande mesa. Duas jovens uniformizadas. O rosto de Clara não escondia a decepção e a confusão mental.

– Bom dia! Posso ajudá-la? Uma das recepcionistas perguntou.

– Sim... acho que sim... Gostaria de falar com a Gertrudes.

– Desculpe. Com quem? De qual diretoria e ramal, senhora?

– Ela trabalhava aqui – disse, tocando no tampo da mesa. – Nessa mesa! Há quinze dias, foi ela que me atendeu.

– Senhora, somos da nova empresa que presta serviços para a WeDreans Corporation. Não sabemos dos funcionários anteriores. Desculpe. Posso ajudar em mais alguma coisa?

– Não... acho que não. Obrigada! – Os pés cheios de chumbo a levaram de volta ao elevador. – 13º andar, por favor!

A porta fechava quando Clara viu um homem elegante de mãos dadas a uma pequena com vestido florido, asas de borboleta feitas de filó lilás e uma vara de condão na mão. Sorriu para a menina:

– Oi! Clara?

E antes que a porta pudesse se fechar por completo, a menina do outro lado sorriu de volta e respondeu:

– Não, meu nome é Ana!

FLAVIA HOSSELL
PII de Educação Física na E.M. Diogo Feijó / 2ª CRE

UMA LIÇÃO DE AMOR

ROSIMERE L. MOTTA

Durante muito tempo, ouvi e me emocionei com muitas histórias, porém uma delas chamou a minha atenção e, finalmente, pude acreditar que o amor realmente existe, seja ele fraterno, familiar ou de qualquer outra forma. Vamos lá!

Maria é uma mulher jovem, humilde, carinhosa, devota e determinada, que se apaixonou cedo. Um dia, encontrou Jarbas, homem forte, charmoso, simpático, que chamava a atenção por onde passava, carinhoso e de boa conversa. Embora todos a alertassem de que Jarbas era muito farrista, ela não deu ouvidos e seguiu adiante, sem olhar para trás. E assim foi levando a vida, escutando os elogios e até os defeitos que ele possuía, mantendo-se firme, determinada a continuar investindo no seu relacionamento.

Passado algum tempo, a união resistia a todos os comentários, e logo veio ao mundo o pequeno José, um garotinho lindo, com os olhos muito brilhantes e riso largo, mas que mais tarde precisaria, e muito, de uma atenção especial, já que nasceu com uma pequena deficiência, que só foi percebida pelos pais com certo atraso.

Quando começaram as primeiras percepções? Maria começou a achar estranho o fato de o filho nunca responder aos seus chamados de imediato, embora não estivesse tão distante. Com o passar do tempo, ela passou a elevar o tom de voz, notando, assim, alguma reação no filho.

O pequeno José também demorou a falar e observava muito a boca dos falantes em geral. Foi quando, finalmente, Maria percebeu que José precisava de ajuda. Chegou bem pertinho dele, virou-o, abraçou-o e disse-lhe ao ouvido:

– Meu pequeno José, desculpe a mamãe por não ter percebido que você solicitava a nossa ajuda. Mamãe te ama tanto, do jeitinho que veio ao mundo.

– Mamãe, te amo! – José respondeu.

No final do dia, após colocar o José para dormir, esperou Jarbas chegar do trabalho para conversarem. Porém, mal sabia o que a aguardava.

Jarbas chegou exausto e desesperado. Precisava desabafar, não imaginava como Maria suportaria a situação a ser revelada; faltava-lhe coragem para contar o motivo de seu desespero. Escondia um segredo que mudaria tudo. Tentando aparentar calma, após perceber que Maria apresentava um semblante de preocupação, Jarbas falou:

– O que houve Maria?

– Temos um problema. José, o nosso menino, tem uma deficiência auditiva que não foi percebida a tempo, por isso a demora em atender ao nosso chamado, o atraso na escola. Embora ele tenha os olhos ávidos em aprender, não notamos que o riso largo transformou-se. Sua voz era triste e seu ouvir, insuficiente. Precisa de ajuda.

Perdido em seus pensamentos, ele lutava inconscientemente contra o problema revelado e o problema a resolver. E acabou falando:

– Quando consigo reunir coragem suficiente para revelar meu segredo, eis que surge esse acontecimento. Será que é castigo por não ter contado a verdade há mais tempo? Deus, perdoe-me e proteja meus filhos de todo mal, Senhor! Esta é a minha súplica!

Aconchegando-se com Maria em seu peito, Jarbas chorou e começou a pedir perdão por tudo que estava acontecendo e ainda pelo que estava por vir.

– Não fique assim, meu amor! – Maria disse. – Deus nos dará forças para enfrentarmos quaisquer obstáculos. Vamos pedir com fé que tudo dará certo! Mas o que está afligindo seu coração?

– Não é só o problema de José que me aflige – Jarbas disse. – Estou triste com tudo isso, mas conseguiremos resolver juntos, procurando um médico que possa nos ajudar. Correrá tudo bem. É que escondi um segredo e não sei como contar. Isso está sufocando minha alma; já não consigo dormir, ando nervoso. Preciso de ajuda também!

Quando mais jovem, Jarbas, que sempre foi muito namorador, envolveu-se com uma menina de sua idade. Completamente imaturos, ávidos em buscar os prazeres da carne, sem, contudo, se precaverem, pois achavam que nada aconteceria. Puro engano! Agiram de maneira irresponsável. Dessa irresponsabilidade, veio ao mundo um ser totalmente indefeso, que não sabia ainda o que a vida lhe reservava. Após o susto de uma paternidade precoce, Jarbas, pressionado pelos pais, de ambas as partes, reconheceu a filha.

Ana, esse era o seu nome (significado: graciosa). E, embora tenha terminado o relacionamento com a outra, começou a se apegar à menina, somente à menina. Por total falta de bom senso, responsabilidade e amor, a mãe da Ana começou a desprezar a pequena, a pequena Graciosa. Já que não conseguiu ficar com Jarbas, também não queria Ana de jeito nenhum. Que situação absurda e desumana!

Jarbas contou toda sua história para Maria. Colocou para fora todo seu sofrimento. Maria ouviu a história com lágrimas rolando em sua face, e sussurrou no ouvido do marido, com a voz embargada, cheia de um turbilhão de sentimentos:

– Não se desespere! Sou seu alicerce. Nosso pequeno José terá uma irmã. Vamos cuidar dela com todo o carinho! São nossos filhos que precisam de ajuda, nós os ensinaremos que, amando uns aos outros, evitaremos o sofrimento, estaremos mais perto de Deus.

Jarbas agradeceu a Deus por ter colocado em sua vida uma mulher como Maria. Entendeu que não é necessário que uma criança saia das próprias entranhas para ser considerada filha, mas que entre nessas entranhas para sentir o amor que cada um tem a oferecer!

José encontra-se em tratamento e tem vencido as dificuldades com um aparelho auditivo. Ele está melhor na escola. Ana está em família. Ela se tornou uma menina de fato e de verdade graciosa e agradecida. O amor de Maria transformou sua vida! Ana e José são felizes! Brigam e brincam como irmãos. Jarbas voltou a sorrir! Mas aprendeu a lição. Amadureceu e se tornou um verdadeiro homem, pai de família e marido exemplar.

E Maria... Ah, essa mulher! Essa mulher ensinou a muita gente o verdadeiro significado da palavra amor. Maria é uma lição de amor! Maria amou Ana antes mesmo de conhecê-la. Maria entendeu o sofrimento de Ana. Não há diferença entre os irmãos. Maria distribui igualmente seu amor. Isso é percebido em todos os lugares. Os vizinhos comentam e as professoras também. Na igreja, os irmãos comentam e na família também. Que nasçam mais Marias para aliviar o sofrimento daqueles que precisam de um pouco de carinho, de afeto, de entrega. Para que o mundo se torne melhor.

ROSIMERE L. MOTTA
Agente educadora IV na E.M. Jean Mermoz / 3ª CRE

O MOÇO DOS OLHOS VERDES

RAQUEL CRUZ VENTURA BUENO

Era primavera de 1929.

Naquela manhã, o homem dos olhos verdes saíra de casa sem um destino definido. Apenas buscava, com a cabeça cheia de pensamentos que latejavam em sua fronte, de maneira contundente e voraz. Teimava em lembrar os fatos da noite anterior, quando chegara do sepultamento. Havia perdido a mãe, a quem amava.

Agora, caminhava pela trilha na relva úmida da manhã fria e pensava em como os fatos haviam acontecido de forma tão rápida, que ele nem se deu conta. Na sua mente, a imagem do irmão calado, arrumando as coisas, e partindo sem se despedir do pai, a quem culpava silenciosamente pela morte da mãe.

O pai o havia chamado, entregara-lhe um embrulho que a mãe deixara para ele e o despedira também. Que tomasse seu destino. E assim ele se foi. Partiu da casa onde foi criado e onde nunca fora totalmente feliz.

Tomou o primeiro trem que chegou à estação, sem saber o que encontraria no final da jornada. A composição percorreu um longo caminho, até à tarde. O moço já sentia o estômago reclamar algo com que se alimentar. Assim, decidiu descer na estação seguinte, para procurar um lugar onde descansar.

Permaneceu um longo tempo de pé na plataforma, inspirando aquele ar bem profundamente. Então, ele sentiu pela primeira vez aquela sensação, que anos mais tarde soube ser o sentimento de estar

no seu lugar. Seguiu, então, pelo caminho que rodeava a estação. Algumas pessoas já voltavam da lida. Homens com suas enxadas e foices. Mulheres com seus fardos de roupas lavadas no riacho, rodeadas por seus meninos pequenos.

O homem com seus olhos verdes seguia pela estrada, olhando em volta, buscando um lugar onde poderia repousar e se alimentar. Neste momento, ele avistou uma casa, que tinha suas janelas abertas, com ar convidativo, e resolveu parar.

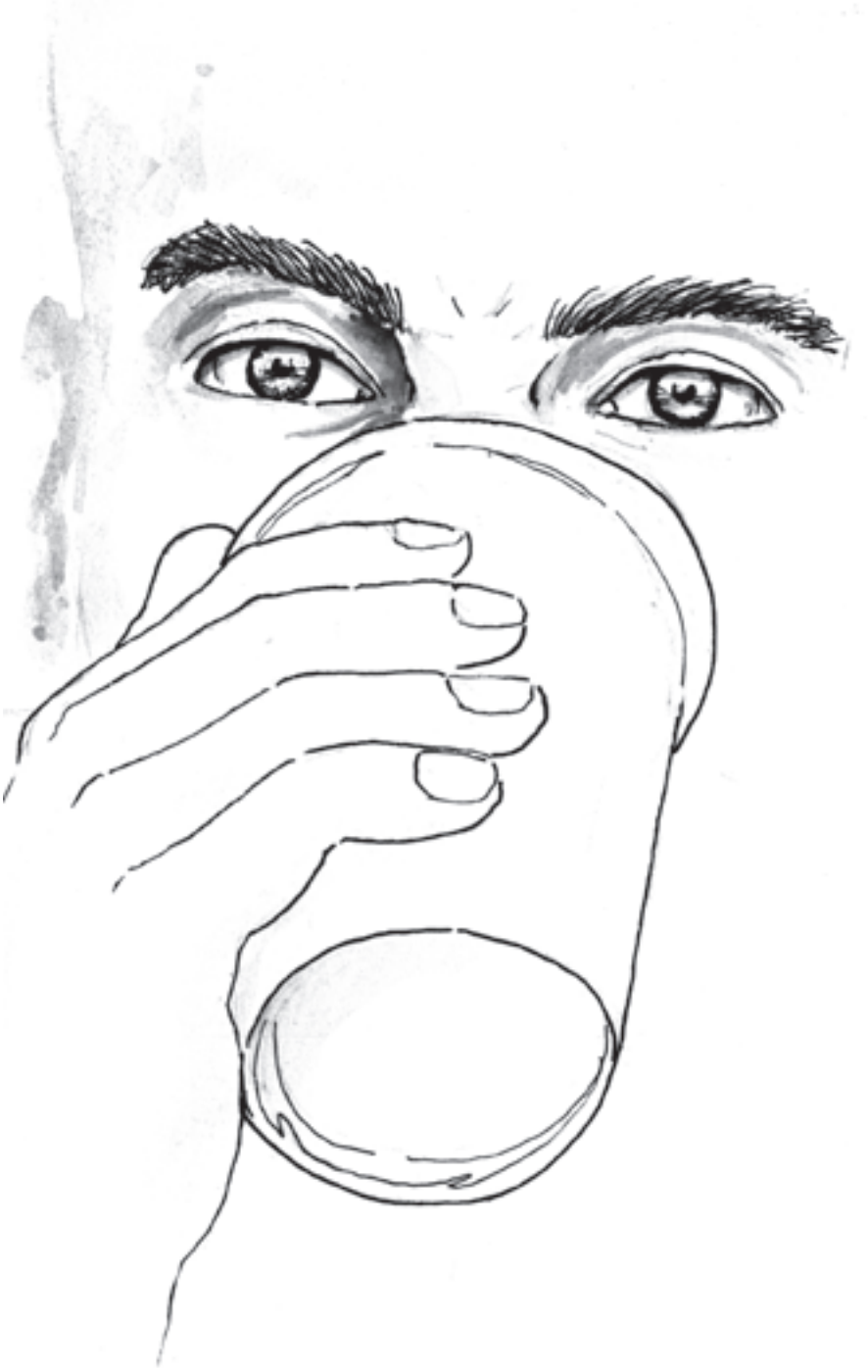
Tentando uma ajuda, bateu palmas. Aguardou alguns minutos, até que apareceu um cavalheiro, na casa dos cinquenta anos, que limpava uma velha garrucha. Ele cumprimentou o anfitrião e perguntou se poderia lhe oferecer um pouco de água, pois se encontrava com muita sede.

O dono da casa imediatamente convidou o forasteiro para entrar e assentar um pouco para, assim, descansar. Gritou à filha que se encontrava no terreiro atrás da casa, e pediu que ela trouxesse um pouco de água para o convidado. De onde estava, o moço dos olhos verdes viu quando a moça passou em direção à mina d'água, que fora canalizada através de um bambu, e fluía como uma bica.

A moça, então, tomou da água fresca e trouxe. Quando ela chegou onde os homens se encontravam, ofereceu o copo ao moço, que bebeu com boca boa. A moça, neste momento, com um olhar rápido, cruzou com os olhos do moço e saiu.

O que aconteceu a seguir foi algo inusitado e surpreendente. O moço dos olhos verdes fitou o anfitrião e perguntou, sem nenhuma cerimônia, se ele lhe daria a mão da filha em casamento. O homem olhou estupefato para o moço, com um rosto incrédulo. Porém, chamou a filha e relatou a ela o pedido tão inesperado.

É bom que se diga que aquele homem poderia escolher se daria ou não a mão da filha em casamento, como era o costume. Mas ele preferiu perguntar.



A moça levantou os olhos desta vez, fitando profundamente aqueles belos olhos e aceitou. Falou ao pai que, se fosse da sua vontade, ela casaria. O moço sorriu e falou para ambos, pai e filha, que sairia a resolver alguns assuntos e em uma semana voltaria para desposar a moça.

Passada a semana, chegou o moço dos olhos verdes e relatou que, no dia em que sua mãe morrera, seu pai havia lhe dado um embrulho, onde se encontrava a herança que ela reservara para ele. E que, após o aceite do pedido de casamento, havia saído pela vizinhança procurando umas terras para comprar.

E assim foi feito. Comprara uma propriedade e estava de volta para realizarem a cerimônia. A moça sorriu! Um mês depois, se casaram. E, muito tempo depois, naquela região, muita gente ainda conhecia a história daquele moço dos olhos verdes.

RAQUEL CRUZ VENTURA BUENO
PII no Ciep Gregória Bezerra / 4ª CRE

MATEMÁTICA, UMA QUÍMICA PERFEITA

RENATA LUCENA DE LUCA

Quinta-feira, sol adormece, $x^3 - 9x^2 + 26x - 24 = 0$, onde x vai ser igual a... Cabeça quente, voz que se cala, pernas e olhos que se cruzam. Pernas que se vão e olhos que ardem com essa visão.

– Angélica!! Aqui vai ser igual a 2?

Cérebro quente e coração a mil, revelam um momento de pura transformação.

– Hein... Vanessa?

– Caramba, Angélica, esse negócio de x do problema é uma loucura!

– Vanessa, loucura foi o que acabei de visualizar. Vou precisar de muito x para resolver essa equação, e espero que nessa o x seja igual a pelo menos 2.

– Angélica, do que você está falando? Essa prova de Matemática amanhã está me tirando do sério.

– Calma, Vanessa! Feliz é você que só está saindo do sério. Já eu, saí do prumo, da realidade, saí de mim. Você viu aquilo?

– Aquilo o quê, Angélica?

– O x=2. Que pernas, Vanessa! De quem serão?

– Angélica, você está doida? Pernas?... Ah sim, devem ser as do meu irmão, que acabou de chegar da faculdade.

O tempo passou, a nota decolou, a faculdade acabou e o x=3 começou.

Problemas surgiram: choro, fraldas, mamadeiras, e o sono – esse deixou de ser tranquilo. Como para todo problema há uma solução, no caso desse, três foram as soluções. A primeira foi somar um mais um e ter como solução o dois, de um casamento construído com muito amor e calor. Essa equação, então, se tornou uma reação, na qual um dos produtos se chama Paulo, passando a ser a segunda solução, sendo o x=3.

Esse amor chamado Leo e esse calor chamado Angélica foram tantos, que o produto dessa reação não foi apenas Paulo, mas também Rodrigo, que passou a ser a terceira solução e a morar também nesse coração, com o x=4.

O tempo novamente passou e, hoje, percebo que o ditado "nada é por acaso, tudo já está escrito no Livro da Vida" é a mais pura verdade. Nessa equação, onde x pode ser igual a 2, a 3 e até a 4, está escrita a vida de Leo e Angélica.

Nessa equação da vida, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma: o amor e o calor dessa reação em água e ar, elementos que deram origem à vida, ou, pelo menos, à vida de Leo e Angélica. Paulo, o ar que se respira, e Rodrigo, a água que os sacia.

RENATA LUCENA DE LUCA
PI de Ciências na E.M. Mário Casasanta / 8ª CRE

O PATRONATO

CAMILA MOTA, CLAUDIA MATERA, FILOMENA VIEIRA, HELOISA F. DO NASCIMENTO E JAQUELINE GUERREIRO

Era uma construção muito antiga. Um prédio triste e cinzento... Como as vidas que ali viviam. Algumas, com muitas histórias ocultas. Histórias escondidas pelo manto da fé; outras, sem nem ao menos terem uma para contar a alguém.

Vidas que se atravessavam, não em uma encruzilhada, não em uma esquina qualquer, mas através de uma roda. Almas atormentadas, que abandonavam na roda dos enjeitados, o fruto de um momento de paixão ou da violência. Crianças que desconheceriam sua própria história, seu passado.

O Patronato era um prédio amplo, com sua fachada de cores claras, mas que o tempo marcou, deixando manchas por toda parte. Havia sido inaugurado em 1945, na Rua Engenheiro Brotero, 26, no Lins de Vasconcelos. O próprio presidente Vargas cortara a fita, em sua inauguração. Era um prédio com duas alas, para meninas do Abrigo Feminino do Juizado de Menores e da Escola Alfredo Pinto, com capacidade para abrigar 400 meninas, mas que atendia a cerca de 600. Daí surgira o Patronato de Menores. Ele era dirigido por freiras que forneciam ensino religioso, trabalhos manuais, noções de higiene e instrução moral e cívica.

Tratava-se de um prédio dividido em duas alas. Uma delas, voltada para a "reforma" da criança, e a outra, para a "preservação" delas. Seus três andares, com longos corredores e varandas amplas, eram palcos para as brincadeiras escondidas, das meninas, e para a troca de segredos, entre todos que ali viviam.

Os quartos eram imensos, com muitos beliches em cada um. Cada menina dividia um pequeno armário com mais três internas e não poderiam ter nenhum item particular. Tudo que tinham – roupas,

calçados, objetos de uso pessoal ou livros – eram todos iguais. O que uma tinha, a outra, com certeza, também recebia, sendo tudo etiquetado ou bordado, para diferenciar.

As aulas eram realizadas em salas distintas. Na parte da manhã, as meninas recebiam o ensino formal, ministrado pelas freiras, de Língua Portuguesa, Matemática, Estudos Sociais e Ciências. Na parte da tarde, as meninas recebiam formação de culinária, corte e costura, jardinagem, cuidados pessoais, e ajudavam as freiras no preparo das refeições e nos cuidados do Patronato.

Os jardins e a horta eram os locais preferidos por todas. Suas cores, seus perfumes e a paz eram a salvação para os dias monótonos. As freiras cuidavam dos jardins e da horta, sempre com o auxílio das meninas. Para muitas, era a atividade preferida do dia.

A biblioteca também era um espaço muito procurado por todas. Sendo um projeto "abençoado" pelo próprio presidente da República, o Patronato recebera muitas doações de várias editoras e o número de títulos excedia até a biblioteca do bairro do Méier. Suas longas estantes eram repletas de livros dos mais diversos gêneros: romances, comédias, clássicos, dramas... A cada lançamento, o Patronato logo recebia um exemplar. Em pouco tempo, os moradores do bairro do Lins e arredores começaram a utilizar a biblioteca de lá, movimentando a entrada do Patronato, com o entra e sai dos visitantes.

A capela era o recanto sagrado do Patronato. As freiras rezavam pelo passado, e as meninas, por seu futuro. Mas era o subsolo o local que todas evitavam. Lá se encontravam as celas. As freiras eram as únicas a frequentar o lugar, onde cumpriam suas penitências. Suas fraquezas e pecados eram sentenciados. A pena, cumprida em silêncio, preces e vigília.

E foi em um dia frio de outono que Maria Aparecida chegou ao Patronato, em junho de 1975. Seus pais haviam morrido há cerca de oito anos e ela passou a viver com a avó desde os 5 anos. As lembranças de seus pais eram vagas.

A avó, pessoa humilde e severa, não tinha fotos da família, e Maria Aparecida não tinha certeza de que suas lembranças eram verdadeiras ou meras sugestões que a mente criava.

A avó dizia que seus olhos amendoados e castanhos eram exatamente iguais aos da mãe, assim como a boca pequena e rosada; porém, o temperamento sonhador e os cabelos negros eram, com certeza, herança do pai.

Sem irmãos ou outros parentes, Maria Aparecida fora encaminhada ao Patronato assim que sua avó faleceu no hospital, após uma longa batalha contra uma pneumonia. Sem parentes ou amigos mais próximos, a direção do hospital entrou em contato com o serviço social e a pequena menina logo viu sua vida mudar totalmente.

A assistente social, Célia, era uma mulher pequena e encorpada. Sua voz era estridente, mas mantinha um tom alegre e animado. Assim que tomou ciência da situação de Maria Aparecida, buscou informar-se se haveria vaga para a menina no Patronato.

Sem nenhum familiar, ali a menina poderia construir um futuro. Estudaria e aprenderia um ofício junto às freiras e, quando chegasse o momento, seria encaminhada a algum emprego. Doméstica, balconista, atendente, cozinheira ou costureira. Sem dúvida, preparada Maria Aparecida estaria.

Mas a realidade logo se revelou outra para ela. A maior parte das meninas estava no Patronato desde muito pequenas, e as adolescentes como ela já mantinham amizades há tempos. Sua personalidade tímida era um entrave para conseguir fazer amigas.

As outras garotas eram educadas e até simpáticas, mas nenhuma delas conseguia substituir a avó. Mesmo sendo severa, a velha senhora sabia como agradá-la: os bolinhos de chuva, em dias especiais, as histórias contadas enquanto cuidava da cozinha ou da horta, ou as canções, enquanto penteava seus longos cabelos escuros.

A solidão se tornara sua maior companheira. Maria Aparecida estudava, realizava as tarefas para as quais era designada, conversava, lia, mas o sentimento de não pertencimento a afligia. A solidão a fazia chorar todos os dias. No banho, na cama, cuidando da horta ou quando estava na biblioteca.

E foi justamente lá que viu surgir uma esperança. Ela estava no final de um longo corredor, quando a freira a encontrou.

– Pequena, o que houve? Alguém lhe fez algo? – a voz suave da jovem freira fez seu coração se apertar ainda mais.

Maria Aparecida não a ouvira se aproximar e se sobressaltara ao escutar a voz afetuosa tão próxima. A menina pensara que aquele lugar era seguro, já que ali só havia literatura de terror. Poucas meninas apreciavam aquele gênero no Patronato.

A freira era nova no educandário. Maria Aparecida já a vira no jardim e pelos corredores, mas ela não fazia parte do grupo que cuidava das meninas de sua idade; deveria ser responsável pelas menores.

Apesar do constrangimento, logo se acalmou ao encontrar o olhar da freira, ou melhor, noviça. A cor do seu hábito era cinza, sinal de que estava se preparando para seguir a vida em um convento. Seus olhos eram de um azul profundo e tinha um sorriso franco. No início, Maria Aparecida sempre ficava apreensiva quando alguma freira se aproximava ou se dirigia a ela. O medo que o hábito lhe causava era grande.

As freiras eram como sombras, que se moviam em silêncio por todo o prédio do Patronato. As noviças eram jovens e alegres, tornando o dia a dia no internato melhor e mais leve.

Maria Aparecida agradeceu aos céus por ter sido uma noviça a encontrá-la chorando, pois tinha certeza de que seria encaminhada à capela para orar, caso fosse uma freira. E aquilo não resolveria nada. Ela já orava todas as noites para que tudo aquilo acabasse. Que algum parente distante aparecesse e mudasse tudo. Ela não teria mais tantas incertezas, saberia como seria sua vida após a escola.

Comemoraria as datas festivas em família e não em meio a tantas garotas, desesperadas e angustiadas, que não conheciam a própria história. Maria Aparecida conhecia, mesmo que através da sua avó, um pouco de sua vida. Sabia como seus pais se conheceram, quando se casaram e da alegria que sentiram quando souberam que ela chegaria. Só não sabia como seria o seu futuro.

Saindo de seus devaneios, percebeu que a noviça ainda falava com ela.

– Por que você está chorando, pequena? Não está se sentindo bem? Precisa de algo? – o tom de voz era tranquilo e a noviça passou a mão carinhosamente por seu cabelo.

Maria Aparecida suspirou profundamente. Há tempos que não recebia um carinho assim. Tempo demais. Aquilo rompeu com as comportas de seu coração. Ela encostou o rosto no colo da noviça e chorou por tudo. Pelas perdas dos pais, da avó e de sua vida... Seus amigos, seu cachorro, sua casa e seu quarto. Lembranças de uma vida que parecia tão distante.

A noviça a abraçou, balançando o corpo suavemente, como se a estivesse embalando. Aquele movimento foi acalmando-a, e, lentamente, o choro diminuiu e ela se acalmou. Suspirando profundamente, saiu do abraço e ergueu o olhar.

Seus olhos, vermelhos de tanto chorar, se encontram com o azul, tranquilo, da noviça. Um lento sorriso se desenhou em seu rosto e, um pouco envergonhada, disse:

– Desculpe por tudo isso! É que aqui é meu esconderijo. Gosto de ficar aqui, no silêncio e lembrar. Eu não quero me esquecer da vida que tive. Quero que as lembranças sejam parte de mim. Não quero que o tempo as apague. Você me compreende, irmã?

Acenando suavemente, a noviça envolveu seus ombros com um dos braços e caminhou com Maria pelo longo corredor. Ela se dirigiu a uma das amplas varandas que circundavam o prédio. O sol ainda brilhava, apesar de as nuvens pesadas encobrirem o céu.

A noviça dirigiu-se a um dos bancos, sentou-se e a colocou ao seu lado. A biblioteca era voltada para o jardim e o aroma suave das flores as envolveu.

– Sei o quanto a saudade e o medo podem nos atemorizar, Maria Aparecida, mas também sei que Jesus tem um propósito para cada um de nós. Tudo aqui para você é novo, mas, apesar dos seus receios, veja esta situação como uma bênção. Uma oportunidade. Você tem um lar aqui. Todas as meninas que aqui estão, apesar de não terem seus pais presentes, têm no Patronato uma nova família.

– Eu não quero parecer egoísta, irmã. Sei que poderia estar na rua ou em um lugar pior, mas é tudo tão diferente. Minha casa era simples e pequena. Minha avó tinha seus animais, sua horta. Nós tínhamos amigos e agora não tenho mais nada.

– Engano seu, Maria. Você ainda tem tudo, só que de forma diferente. Poderia dizer que sei exatamente o que está sentindo neste momento, mas isso não seria verdade. Cada pessoa vive a

perda de um ente querido de uma forma muito particular, e o luto se manifesta de maneiras diferentes em cada uma. O que eu posso dizer é que já sofri a dor de uma separação causada pela morte, e sei quanto pode doer. O mais importante neste momento é você estar perto de suas novas amigas e das pessoas que gostam de você e que vão ajudar a dissipar essa escuridão. Você até pode sentir que está quebrada e sem esperança, mas eu vou fazer todo o possível para recolher e colar cada pedacinho, devolvendo a sua alegria. Seja forte neste momento complicado e tenha certeza de que você não está sozinha nem desamparada. Eu já passei por isso. Perdi alguém que amava demais, mas não perdi minha fé. Pelo contrário. Busquei nos céus a força da qual precisava. E é para lá que você precisa voltar o seu olhar.

Erguendo-se do banco, a noviça seguiu até o muro da varanda, olhou ao redor e sorriu:

– Para tudo há um fim e um recomeço. Recomece, Maria Aparecida. Abra-se. Faça amizades aqui. Mas não permita que a dor a isole. Jesus está ao seu lado.

A menina assimilou cada palavra e, emocionada, percebeu a dimensão de tudo aquilo. Sim, a saudade sempre existiria, mas era preciso seguir. Continuar. A noviça se aproximou mais uma vez e a beijou no alto na cabeça. Ainda sorrindo, ela se afastou e voltou-se para a biblioteca.

Maria Aparecida levantou-se e foi atrás da boa noviça, mas já não a encontrou. Encaminhou-se até o balcão, onde a freira responsável pelo local estava sentada, fazendo anotações em um grande livro preto.

– Irmã Ester, qual o nome daquela noviça que acabou de passar por aqui?

A freira a olhou muito séria e perguntou:

– É alguma brincadeira, Maria? Ninguém passou por aqui.

Surpresa com aquela resposta, Maria Aparecida se afastou do balcão e saiu da biblioteca. Como irmã Ester não viu a noviça? Ela teria de passar em frente ao balcão para sair da biblioteca.

A menina havia dado poucos passos quando irmã Ester a chamou. Maria viu que ela estava à porta da biblioteca.

– Sim, irmã? – Maria se aproximou da freira idosa.

– A senhora deseja alguma coisa?

– Maria Aparecida, que noviça é essa que você estava procurando? Eu não compreendi. Gostaria que você explicasse, por favor.

Confusa com aquilo, explicou tudo o que havia ocorrido. Percebeu que irmã Ester segurou, com ambas as mãos, o terço que trazia preso à cintura.

– Maria, venha comigo, por favor, criança. Quero lhe mostrar algo.

Encaminhando-se para o balcão novamente, a velha senhora apontou para um pequeno retrato do dia da inauguração do Patronato, ocorrido 25 anos atrás. Nele se via a figura do antigo presidente e, atrás dele, várias freiras e outras personalidades.

– Olhe com atenção, minha querida, e veja se encontra alguém conhecido.

Maria Aparecida percebeu que suas mãos estavam trêmulas ao lhe passar o quadro. Ela olhou atentamente a fotografia e logo seus olhos reconheceram a noviça com a qual havia conversado. Surpresa, levou a mão aos lábios, como que suprimindo uma exclamação de espanto. Sim, era ela! Sem dúvida.

– Vejo que você a reconheceu. Não é a primeira, Maria Aparecida – Irmã Ester sentou-se na cadeira e ergueu a mão, recebendo de volta o quadro com a fotografia antiga.

– Seu nome era Clara. Seu maior sonho era ajudar ao próximo, ser uma serva do Senhor, mas ela não conseguiu terminar. Sua vocação era evidente, porém Clara adoeceu... São muitas as meninas que chegam doentes, e Clara pegou tuberculose. Ela não resistiu, mas parece que sua missão não terminou. Você não é a primeira menina que a vê.

Seu olhar se perdeu e, após alguns minutos, ela tornou a falar:

– Tenho certeza de que ela lhe deu um bom conselho, Maria. Siga-o. Apenas isto, minha querida. Clara sempre fez o bem e, mesmo após sua partida, ela continua ajudando a quem precisa.

Maria percebeu a emoção na voz da velha senhora e a abraçou.

– Obrigada, irmã Ester! Obrigada!

Então, afastou-se e caminhou rapidamente para as escadas. Ela estava atrasada para a aula de costura e a irmã Célia não gostava de atrasos.

A menina agora trazia um sorriso nos lábios. Não estava sozinha; não mais. Havia alguém olhando por ela... Quem sabe, muito mais gente do que ela mesma imaginava. Maria Aparecida sabia que o caminho não seria fácil, mas ela teria forças, com certeza, para superar o que aparecesse. Ela não estava só!

CAMILA RAMOS DA MOTA, CLAUDIA MATERA, FILOMENA VIEIRA, HELOISA FÁTIMA DO NASCIMENTO E JAQUELINE GUERREIRO
PII na E.M. Lins de Vasconcelos / 3ª CRE

CONTO
DE PERIFERIA

FATIMA LUCIA SANTOS SOUZA DA SILVA

No pequeno bairro da periferia, vizinho do campo de Gericinó, onde, hoje, ainda se fazem instruções militares, as ruas eram sem calçamento, com sulcos talhados pelas águas das chuvas, que pareciam cobras que se arrastavam sinuosas pelo chão de barro.

Tirando o feio do visual, havia o cheirinho bom do barro molhado que, às vezes, servia de matéria-prima para as peças artesanais feitas pelas crianças, com o intuito de ilustrar os trabalhinhos escolares recomendados pelas jovens professoras. E o toque suave da melodia tocada na igrejinha de Nossa Senhora do Rosário da Pompeia? Impregnava todo o bairro, às seis da manhã, deixando-nos sonolentos por algumas horas.

Ai, que saudade!!! Doce saudade embalada pela lembrança das pessoas que ali viviam, incluindo o padre sisudo, mas nem por isso desamado: bata comprida preta até os pés. Corríamos sempre em sua direção para tomar a bênção costumeira. Festas de rua eram frequentes. Havia guloseimas preparadas pelas senhoras domésticas tão dedicadas às famílias e igualmente atentas às famílias dos outros. Que feio!

Foi nesse cenário quase bucólico que a personagem principal dessa história cresceu. O tempo era de céu cinzento. A família, tradicional: pai, mãe, dois filhos. Ele, um militar de baixa patente, trabalhador ao extremo, origem nordestina; ela, uma carioca mestiça, leitora contumaz, costureira; os filhos, dois seres, vamos dizer, antagônicos.

O casal direcionava todas as suas expectativas para aquela menininha magra, cabeleira vasta e crespa, obediente e muito estudiosa. O gosto pelo estudo tivera origem no capricho daquele pai que usava farda branca engomada, com muito orgulho. Era justo que no aniversário de 7 anos fossem investidas todas as economias feitas com muito sacrifício. O céu era cinzento.

O primeiro passo foi providenciar o tecido para a mãe fazer o vestido rodado de *laise*. Lindo!!! Fundo branco, com detalhes nas cores rosa, azul e amarelo. Tudo muito suave.

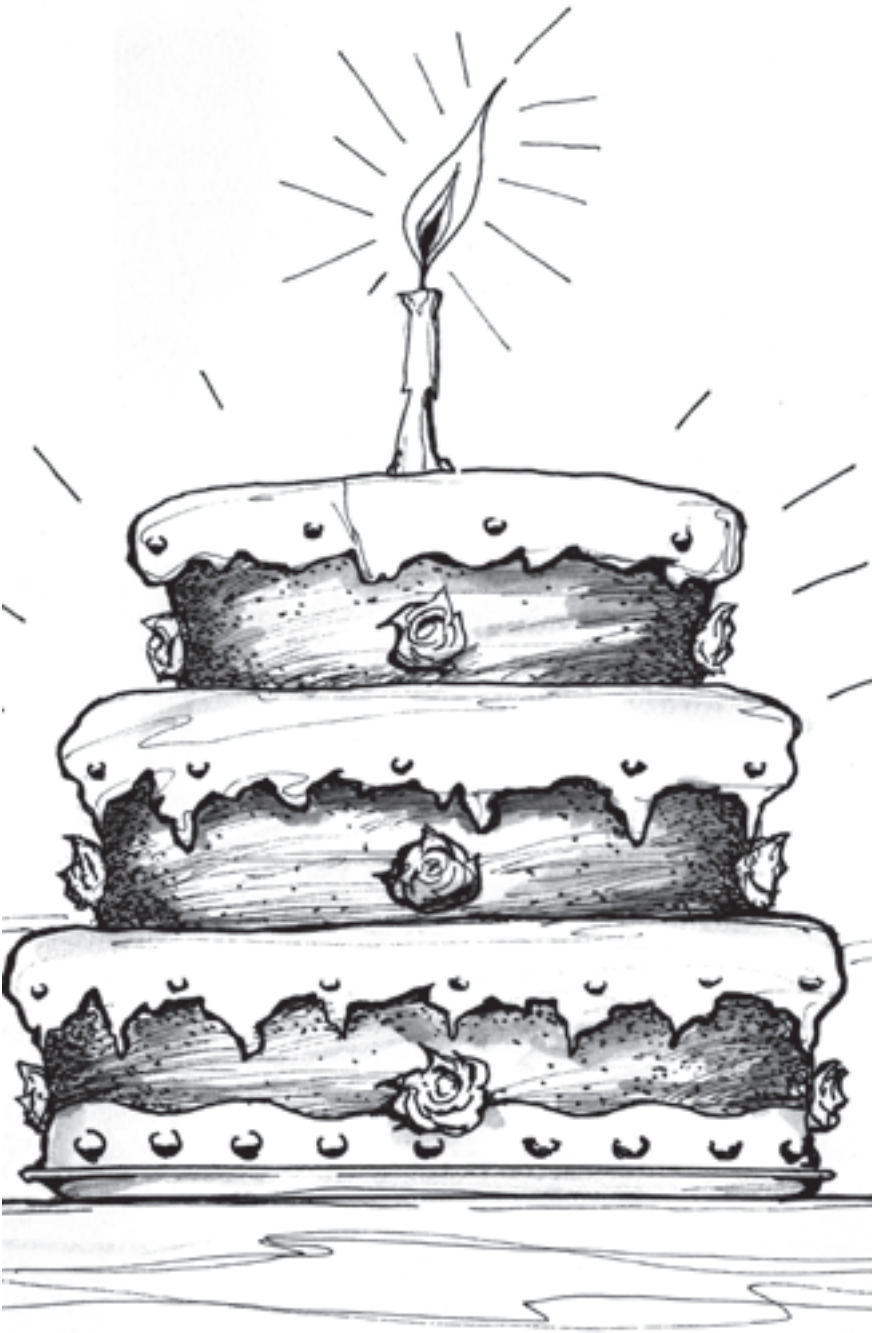
O segundo passo, naturalmente: as guloseimas a serem preparadas também pela mãe, com a ajuda das vizinhas novidadeiras. Por último, o cabeleireiro. Tudo minuciosamente planejado e executado. O cabelo ficaria lindo, pois era farto naquele tempo. Pela primeira vez, experimentaria os sacrifícios próprios da condição feminina.

Tudo pronto. O grande dia chegou. O corre-corre foi inevitável. Entra gente, sai gente. Arruma daqui... arruma dali. "Tem que buscar a menina no salão de beleza!!!", diz a mãe, preocupada.

A menina chega. Banho. "Cuidado com o cabelo pra não molhar!", grita a tia, impaciente. É hora. A festa vai começar. Os convidados chegando: vizinhos, parentes, amigos e os penetras, inevitáveis. Tudo corria bem... Até que o inesperado acontece.

De repente, uma aglomeração no portão. Ouve-se um burburinho. A meninazinha não entendia o esvaziamento da casa tão linda. A mãe e os familiares estavam assustados e perplexos com o que acontecera lá fora, o suficiente para desviar a atenção daquele momento preparado com tanto carinho e esperado com ansiedade.

Lentamente, um homem de meia idade, com o corpo semiprojetado para frente, virara a esquina, acessando a rua onde, antes, não havia rostos perplexos e apavorados. Perplexos, sim, mas de tanto deslumbramento pela festa carinhosamente preparada por aquela mãezinha tão dedicada. "O que tinha acontecido?", todos se



perguntavam. E, como é comum na periferia das cidades, a notícia correu a galope.

O homem, agora caído num daqueles sulcos talhados no barro, a cem metros da casa da nossa personagem, era um ser já sem vida. Por algum motivo banal, o coração daquele homem fora, insensivelmente, violado por um objeto cortante qualquer. As vizinhas novidadeiras especulavam: estava no armazém do Maranhão e discutiu com um desconhecido!!!

A meninazinha da nossa história acompanhava tudo a distância. Testemunhava a saída dos convidados que, há pouco, ostentavam no rosto um sorriso farto e compartilhavam histórias engraçadas.

Alguns, movidos por uma curiosidade repugnante, se dirigiam ao local onde estava exposto o corpo sem vida; outros se despediam, consternados, para retornar às suas casas. O coraçãozinho dela batia com celeridade. Talvez medo, talvez tristeza, talvez decepção. E, quem sabe, um misto disso tudo.

Só uma coisa é certa: ela não compreendia como alguém podia agredir o órgão que abriga os sentimentos mais nobres do ser humano. Não compreendia por que a fatalidade acontecera no mesmo momento da sua festa. Vá se entender cabecinha de criança!

FATIMA LUCIA SANTOS SOUZA DA SILVA
PI na E.M. Mário Casasanta / 8ª CRE

A AULA

VERA APARECIDA TEIXEIRA DA SILVA

Seu Carmelo era um pai assíduo na escola do filho. Um homem íntegro, cumpridor de seus deveres, marido exemplar, mas, principalmente, um pai severo e responsável com o filho. Todos os dias, o deixava na porta da escola e, ao fim do dia, o pegava no mesmo local, sempre acompanhando sua vida escolar. Bernardo, o filho amado, era federado do Flamengo como lutador de jiu-jitsu e ainda precisava chegar ao clube para o treino. Como sempre, o pai participativo o acompanhava em suas rotinas.

Em meio a tantos compromissos no dia a dia da família, o inesperado acontece: Bernardo passou a ter problemas em sua rotina escolar, comentando com seu pai que estava sendo importunado na escola, que sofria ameaças diárias, que seus colegas colocavam apelidos de que ele não gostava e que sempre eram três ou quatro que o esperavam no corredor. Assim, ele se sentia muito inseguro para ir à escola. Seu Carmelo, muito preocupado com o que havia escutado de seu filho, prontamente compareceu à escola e contou o ocorrido à coordenadora Marlene que, anotou todas as suas colocações.

No dia seguinte, dona Marlene foi à turma de Bernardo chamá-lo para uma conversa, juntamente com os colegas que lhe causaram tal constrangimento, mas, infelizmente, naquele dia Bernardo não havia comparecido à aula. Diante dos afazeres diários de uma escola, dona Marlene não mais averiguou o caso. Ao longo da semana, passou pela sala do menino algumas vezes para procurá-lo e novamente não o encontrou.

Seu Carmelo compareceu mais uma vez à unidade escolar, na tentativa de se informar a respeito das relações malsucedidas do filho, mas, naquela data, a coordenadora se encontrava em uma reunião pedagógica. Seu Carmelo conversou com a diretora, que ficou compadecida e preocupada, se comprometendo a resolver pessoalmente o problema, que já estava tomando uma proporção desmedida.

Assim que seu Carmelo saiu, a diretora foi à sala de Bernardo para solucionar a questão tão debatida com o pai, mas, infelizmente, outra vez o aluno não se encontrava. Desconfiada, procurou Marlene para a solução de um problema que se transformava em mistério.

Na conversa das duas, a coordenadora comunicou que esse aluno não tinha presença nos diários dos professores. Ele não frequentava a escola, pois as inúmeras tentativas de encontrá-lo em sala foram todas inúteis. Diante de tal fato, a coordenadora tentou entrar em contato com seu Carmelo para participá-lo do fato averiguado, mas sua tentativa foi um fracasso.

Passados alguns dias, seu Carmelo adentrou a unidade escolar, indignado, falando que depois de inúmeras tentativas nenhuma providência havia sido tomada pela unidade escolar, que aquilo era inadmissível e que iria tomar suas providências caso nada fosse resolvido, exigindo a presença de um responsável da escola.

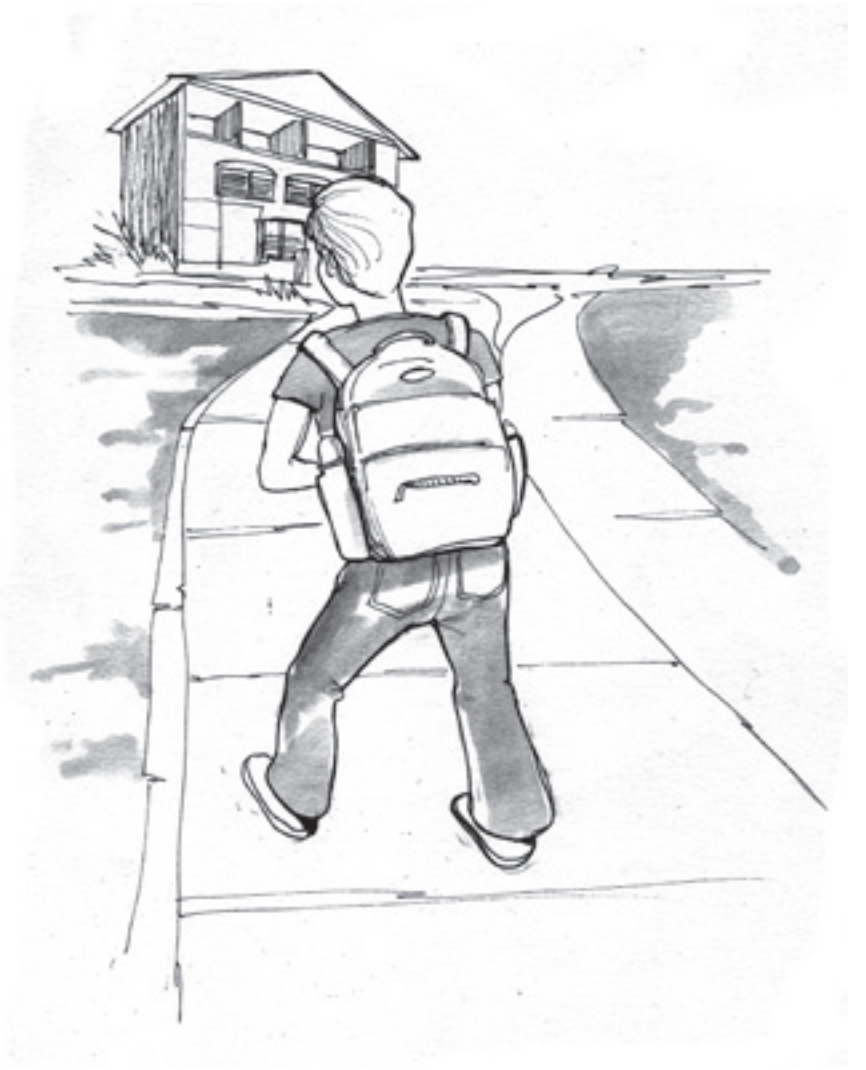
As funcionárias da secretaria, preocupadas com o estado de espírito em que se encontrava seu Carmelo, logo localizaram dona Marlene para o atendimento imediato do pai. Assim que ela o viu, de imediato identificou a situação e convidou seu Carmelo para irem a uma sala mais reservada, com a presença da diretora da escola. Quando todos estavam à vontade, Marlene relatou tudo desde o início: as idas do pai à escola por causa dos problemas do filho, a relação com os colegas em sala de aula, as inúmeras tentativas frustradas de Marlene e da Direção de encontrá-lo em sala e a desconfiança de que Bernardo não havia ido um dia sequer às aulas naquele ano letivo.

Seu Carmelo a ouvia sem acreditar em uma só palavra e, ao final, retrucou indignado, pois aquilo seria uma injúria, já que o próprio deixava o filho todas as manhãs sem falta na porta da escola, além de, no horário de saída, buscá-lo no mesmo local.

Como tal injúria teria ocorrido com seu filho? Logo seu menino, que não dava problemas nem tinha alterações de humor ou atitudes. Dona Marlene, percebendo a delicadeza do assunto, aconselhou seu

Carmelo que, ao trazer seu filho no próximo dia e deixá-lo na porta da escola, fizesse diferente e entrasse juntamente com ele, sem criar muitos alardes. Dado o conselho, seu Carmelo o seguiu à risca.

Ao chegar à escola, parou o carro, desceu com Bernardo e o acompanhou até o pátio. Ali, ficaram parados por um tempo até que seu Carmelo avistou a coordenadora. Nesse momento, Bernardo estranhou toda a dinâmica matinal observada e, mais ainda, quando dona Marlene cumprimentou seu pai com certa intimidade, como se já se conhecessem. Ali confirmou tamanha estranheza para o fato.



Dona Marlene conduziu seu Carmelo e Bernardo a uma sala reservada e pediu que aguardassem, já que iria convocar a diretora para participar de tal conversa. Assim que estavam os quatro na sala reservada, dona Marlene iniciou a fala, mais uma vez relatando toda a história desde seu início e, ali, Bernardo sentiu como se o chão fugisse de seus pés e uma cratera o sugasse com muita força. Sua fisionomia o denunciava a todo o tempo. Assim que dona Marlene finalizou o relato, ela afirmou a Bernardo que ele nunca havia pisado na escola, fora o dia que entrou com o pai para fazer sua matrícula.

Bernardo abaixou a cabeça. Seu Carmelo perguntou se Bernardo tinha algo a falar. O menino, com os olhos marejados, começou explicando que realmente o pai o vinha trazer todas as manhãs na porta da escola, e, ao descer do carro, ele ficava parado em pé até que o pai dobrasse a esquina. Então, ele começava a andar em direção a sua casa.

Em sua casa, havia um sobrado que estava vazio há alguns meses. Ali ninguém mais morava, mas se conservavam todos os móveis que sempre existiram quando sua avó era viva. Bernardo ia direto, sem que ninguém o visse, para esse sobrado, que seria o seu esconderijo secreto. Ali permanecia, sem ser notado, por horas, simplesmente deixando o tempo passar. Não se descuidava do relógio e, quando ia se aproximando o horário do término das aulas, começava a adiantar seus passos e novamente caminhava para a porta da escola.

Assim que o pai chegava, não demorava a entrar no carro e partiam juntos rumo ao clube, conversando sobre o dia na escola. E assim continuou sua fala, admitindo que nunca existiram tais desavenças com os colegas de classe e que as suas desavenças eram, na verdade, com a vida que dele havia tirado um passado muito recente e feliz. Naquele sobrado que passava suas manhãs, relembrava um momento de encontro com um passado que não existia mais.

VERA APARECIDA TEIXEIRA DA SILVA
PI de Ciências na E.M. Alzira Araújo / 9ª CRE

TESOUROS

THAYS ECI

Muitos anos atrás, existia um vilarejo onde todos os moradores eram extremamente organizados, bem-vestidos, de muitas posses. Jamais se ouviu falar de brigas ou de qualquer tipo de conflito que pudesse estremecer os relacionamentos que ali existiam, assim como não existiam festividades.

Apesar de tudo isso, de toda essa comunidade bem-estruturada e controlada, de ela ser impecavelmente limpa, onde nada estava fora do lugar, onde nem mesmo as folhas das árvores caíam fora do tempo, faltava algo, mas ninguém sabia explicar o que seria.

Certo dia, chegou um viajante com sua esposa e filhos numa espécie de carroça. Estavam muito cansados da longa viagem e resolveram procurar um lugar para repousar antes de continuar o percurso.

Eles logo notaram algo diferente naquele lugar: as pessoas se vestiam muito bem, pareciam ter excelente condição financeira. Seus semblantes eram totalmente apáticos, insossos, ninguém demonstrava raiva, ódio ou tristeza, assim como não havia carinho no olhar da jovem senhora para seu companheiro, não havia amor na troca de palavras entre a mãe idosa e seu filho, já adulto.

Todos traziam nos rostos uma ausência de... sentimento? Eles não tinham sentimentos!!!!! Eles simplesmente existiam!!!!! Não havia vida, apenas uma existência sem sentido.

Assim, pararam e puderam observar que havia uma linda pousada, bem planejada, bem arquitetada, mas... sem vida. Na porta, havia um senhor apático, sentado, que logo se pronunciou ao vê-los se aproximarem:

– O que desejam neste vilarejo tão rico e amaldiçoado? Por que não vão embora antes que peguem seus tesouros também? – disse, sem expressão alguma.

– Senhor, o que houve aqui para serem tão apáticos? Até as flores e os animais não são vívidos! – disse o viajante, surpreso.

O velho olhou de um adulto para o outro e fixou-se nas crianças que brincavam com algumas pedrinhas no chão.

– Há alguns dias, uma mulher amarga e gananciosa levou todo o nosso tesouro.

O viajante olhou toda aquela riqueza e falou:

– Como? Suas casas são tão magníficas; seus cavalos, muito bem cuidados e alimentados. Suas roupas são feitas de tecidos de alta qualidade!

– Mas nem sempre foi assim. Nosso solo não era tão fértil, quase não tínhamos de onde tirar o alimento. Não sabíamos mais o que fazer, mas éramos muito felizes, até que a criatura surgiu e nos ofereceu tudo o que queríamos, mas com uma condição: que entregássemos nossos maiores tesouros. Achamos que esses "tesouros" seriam nossas casas e terras. Então, aceitamos... – disse o velho, sem qualquer sentimento. Nem raiva nem dor.

– Mas que tesouros são esses, senhor? O que têm de tão especial? – perguntou a esposa, curiosa.

– Ah, minha filha, esses tesouros deixavam nossos dias mais coloridos, os risos e sorrisos eram constantes e contagiantes. Se houvesse algum desentendimento, lá estavam eles para amenizar a situação. Esses tesouros nos davam ânimo para enfrentar qualquer coisa, até mesmo a falta de dinheiro. Era por eles que nossas vidas faziam sentido.

– Será que poderemos ajudar a recuperar seus tesouros? – perguntou o viajante, preocupado.

– Ela sumiu, meu filho. Não há mais o que fazer. Procuramos por toda parte.

– Vamos tentar – disse a mulher.

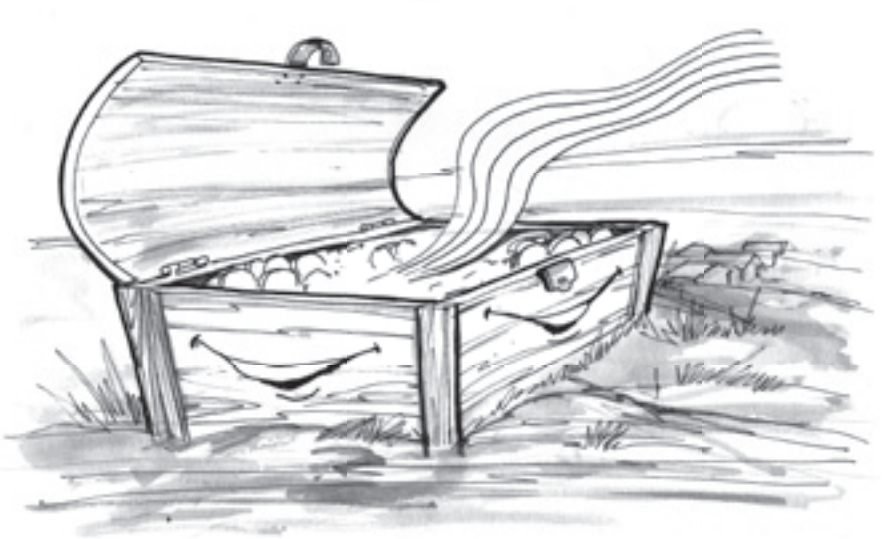
– Senhor? Senhor? – chamou o viajante, pois parecia que o velho não escutava.

Ele fitava as crianças como se seus olhos quisessem dizer algo.

– Vocês precisam descansar, correto? – perguntou, como se saísse de um transe.

A jovem mulher disse:

– Descansaremos depois. Sairemos pelas redondezas para procurar. – E caminhou até os filhos para colocá-los na carroça.



Lá se foi a família procurar os tesouros desconhecidos tão importantes para aquele lugar. Caminharam por estradas de terra, por plantações, subiram e desceram morros em terras vizinhas, sem notar nada diferente. Tudo era exatamente e incrivelmente igual. Os pastos cercados possuíam o mesmo tamanho e os mesmos tipos de animais,

os jardins possuíam algumas flores-do-campo que eram polinizadas por insetos bem minúsculos. Nem as abelhas passavam por lá!

Eles caminharam por bastante tempo, pararam um pouco e recomeçaram a busca, até que, num instante seguinte, as crianças puxaram a roupa da mãe e apontaram para um ponto colorido de onde vinha um som.

Foram na direção do local apontado e observaram um sítio de onde vinham sons maravilhosos e singelos de... risos e sorrisos. Havia todo tipo de sentimento lá. Alguns tesouros apaziguavam uma pequena briga; outros embelezavam os brinquedos e as copas das árvores. Como pode?

Aproximaram-se mais um pouco e escutaram outro som diferente.

– Então são estes os tesouros? – disse o homem, com um sorriso nos lábios.

Eram vários tesouros de tamanhos diferentes, de tons diferentes, mas de mesma alegria emanada pelos pequenos que estavam na carroça.

– Prefiro ser pobre a permitir que levem nossos tesouros. O que seria de nós, de nosso futuro, sem eles? – disse a mulher.

THAYS ECI DA SILVA DE CASTRO
PI da Sala de Leitura na E.M. Aleksander Henryk Laks / 7ª CRE

POR DEBAIXO DOS PANOS

MAYARA VALVERDE E RENATA ALVES BRAGA

Esta história aconteceu em 1920, no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, numa casa de panos quentes. Vocês podem se perguntar o que seria isso; na verdade, era um local com múltiplas funções. Josefina era a dona do tal lugar e era especialista em dar banhos com panos quentes, já que na época não existia água encanada aquecida. Sua especialidade tornou-se muito conhecida naquela região, batizando e tornando esse comércio seu modo de viver a vida. O negócio de Josefina recebera, com o tempo, outro tipo de fama. Já que, quando ela gostava do cliente, fazia outros tipos de favores.

Certo dia, apareceu em seu estabelecimento um cliente misterioso, que desde o início não revelou sua identidade. Gostava de ser chamado por T, era alto, corpulento, seus cabelos eram vastos, tinha um queixo rasgado, olhos cor de mel e uma pele morena, que mostrava sua virilidade. Josefina, quando o avistou pela primeira vez, suou frio, o coração palpitou e arrepiou-se dos pés à cabeça.

O que deixava as visitas de T interessantes era o ar de mistério, já que nunca se abria com Josefina. Ao mesmo tempo em que ela encantava-se por T, ficava inquieta e queria investigar sua vida. Não sabia se era paixão ou o sentimento de adrenalina que motivava a moça.

Então, Josefina resolveu investigar a vida de T. Ouvia o rádio, ia em jornais, perguntava às pessoas e até o seguiu pelas vielas e becos da cidade. Até que um dia, quando entrou em um bar no Catete, viu um retrato falado de um assassino de mulheres procurado em São Paulo, que tinha o mesmo tipo físico de T.

Preocupada, Josefina tomou coragem e esperou a próxima visita. E, diferentemente das outras, inovou. Amarrou os pulsos de T na cadeira. T estranhou, mas Josefina, esperta como era, logo arranjou uma desculpa aceitável. Vendou os olhos de T e, no súbito impulso de adrenalina, lançou na mão sua katana – espada japonesa dada como presente por um de seus clientes – e cravou no estômago de T. Lavou suas vestes e se trocou.

E, depois do ocorrido, Josefina, apavorada com o fato de ser pega e passar o resto de sua vida enclausurada na cadeia, fugiu. Desapareceu no mundo e ninguém nunca mais ouviu seu nome.

MAYARA VALVERDE / PEF · **RENATA ALVES BRAGA** / PII
Ciep Gregório Bezerra / 4ª CRE

CICATRIZES

CRISTIANE BRANDÃO LOPES PIRES

Era uma menina cheia de sonhos e desejos, com um futuro inteiro pela frente. Nada diferente das demais de sua idade. Luz morava num apartamento pequeno, cheio de charme e graça. O sol entrava iluminando suas manhãs e, ao entardecer, os livros, seus companheiros do dia, descansavam, dando, à noite, a oportunidade de viver momentos de juventude e rebeldia com violão, músicas, conversas e risadas com amigos, típica vida de adolescente. Felicidade era constante numa vida simples e harmoniosa, em que os detalhes do dia a dia faziam toda a diferença. Nas refeições, cumplicidade estampada nas conversas, brincadeiras e alegria. O amor fazia parte da família reunida.

O que ela não percebera é que o mundo não era cor-de-rosa e não tinha um pote de mel depois do arco-íris. Uma pessoa maliciosa entrou em seu ninho e fez a vida virar de cabeça para baixo. Marta fez a desgraça, risadas viraram lágrimas, dor e sofrimento. Apesar de ter meia-idade, se tornou próxima; conseguia entender Luz melhor que sua própria mãe...

E ela, um dia amiga e confidente, se fez cruel por tudo que não disse, envolvendo e manipulando para conseguir seus objetivos. Sem se importar com nada, só o prazer. O prazer de homem e mulher, o prazer do escondido, o prazer de conseguir ganhar um amor que admirava. Logo ela, amiga de trabalho de seu pai, mulher feita, casada e com filho. Por quê?! Quando começou?! Essas perguntas rondaram a cabeça de Luz por muito tempo.

Uma dor cortava sua alma ao lembrar quando a viu pela primeira vez. Achou uma mulher tão simpática quando chegou a sua casa. Apresentada como companheira de trabalho de seu pai, competente e leal, com um linguajar rebuscado, elegante, gosto refinado na alimentação, desembaraçada e prestativa. Gostava de frequentar

sua casa com a filhinha. Dizia adorar estar em um ambiente familiar alegre e aconchegante:

– Quanta felicidade! Vocês são sempre assim? Nunca ri tanto na minha vida! Parece uma família de comercial de margarina.

Luz ficava com pena dela ao se lamentar do marido que não lhe dava atenção. Seu casamento poderia acabar, chorava... Tudo fingimento!!!

Um belo dia, seu pai chegou de uma viagem de trabalho, após um período conturbado, quando vieram à tona várias histórias que deixaram a menina confusa. A pior frase de todas foi dita por ele quando ela abriu a porta, escutada de maneira impactante por Luz:

– Não é nada do que você está pensando!

Como poderia ele saber o que pensava a menina? Não conversou, não escutou nada de sua boca! Só um choro compulsivo, exagerado e de profundo sentimento. Ele assinou sua carta de culpa. Tudo foi ao chão naquele momento jamais esquecido. De herói virou bandido. Até ali, ela tinha esperança de que fosse tudo uma invenção cruel. Sua mãe tinha razão em tudo que disse.

Foi assim que a menina se transformou em mulher, com marcas de um relacionamento que não era seu, com uma traição que não precisava existir, que trazia uma culpa, a coitada, pois nada notou. Logo ela, tão esperta, teve sua inocência roubada. O mundo dos adultos se apresentou!! Ela não percebeu o que todos desconfiavam. Luz defendia e achava que o amor era para sempre. Descobriu que o "para sempre" sempre acaba, como uma música em sua cabeça.

Seu pai foi embora com aquela que um dia se disse amiga da família, Marta. Mas é melhor perder para a vida do que para a morte, tentavam se consolar mãe e filha. E, como toda separação, foi difícil. Manter duas casas, impossível. Faltou muita coisa na casa de Luz, menos o carinho da mãe.

O tempo, amigo de todos, fez questão de ajustar tudo e apresentar outras relações. Uma maneira de seguir em frente... Sua vida continuou com sua mãe, Ema, que, após um longo período de luto e sofrimento, ressurgiu. Tem horas em que é preciso chegar ao fundo para dar impulso e subir. Aos poucos, tudo foi para o lugar, as coisas se encaixaram para elas. O mundo coloriu após um período nebuloso.

Mãe e filha conseguiram reconstruir o chão e dar forma a uma nova família. A convivência com o pai ficou distante. Permaneceram em sua mente as histórias da infância, outrora motivo de orgulho. Deixou o amor fraternal latente. O choro da saudade e do convívio furtado cisma em aparecer em certas épocas do ano para Luz. Mas passa, como tudo. A arte de cair e levantar, apresentada por sua mãe, fez a moça continuar. Fibra, raça, vontade de viver, transformar, ajudar e ser feliz, mesmo quando tudo parece um temporal, foi passado com maestria por Ema.

Luz aprendeu a perder, a perder luz para vida... pois tudo se ajusta e encontra um caminho. Como água, que, independentemente do terreno, vai se ajustando e encontrando o seu lugar. Escorre, corre, evapora, precipita, se faz lânguida ou carregada, temporal, e volta diferente, se acomodando em qualquer lugar ou situação. Amadurecer dói, deixa marcas, rasas ou profundas, cicatrizes. Traz consigo uma carga emocional. A cada transição, uma história, uma agonia, um lamento. Durante o crescimento, vai se deixando partes no caminho e se reconstruindo com o que fica, gerando novas versões da mesma pessoa. Ninguém passa ileso... Felicidade é para os fortes. E como tudo na vida faz parte de um ciclo, Ema e Luz aprenderam que, juntas, eram fortes. Perder para ganhar...

CRISTIANE BRANDÃO
PI de Educação Física na E.M. Nelson Prudêncio / 11ª CRE

UMA ESTRELINHA

CRISTIANE MURILLO DIONISIO

Havia uma menina como tantas outras que existem por aí, uma adolescente de 14 anos, bela, cabelos longos e cacheados, olhos pretos, grandes e vibrantes, esperta, com respostas sempre na ponta da língua, cheia de sonhos, angústias e muitos desejos. O vestuário sempre "da hora", mesmo que fosse o improvisado, o que a moda de rua e as blogueiras ensinavam. Muitos acessórios, quanto mais coloridos e vibrantes, melhor, cabelos sempre soltos ao vento, enfeites de todos os modos, presilhas chamativas e o batom nada discreto que sobrevivia a tudo.

Ana, minha vizinha, de olhar meigo mas desafiador, de sorriso cativante e olhar expressivo, do tipo que não conseguia disfarçar quando não gostava de alguém:

– Não adianta, tia, não vou com a cara daquela mina, não tem jeito, meu santo não bate com o dela...

– Mas, menina, o que ela te fez?

– Nada, só acho fingida, invejosa, do tipo "beijinho no ombro".

Aluna de um colégio público da região próxima ao nosso bairro, perto de uma comunidade, uma escola grande com um pátio externo gigantesco; deveria ter mais de mil alunos. Seu boletim sempre mediano deixava claro que não era "CDF", tampouco ficava em recuperação, pois detestava ficar para a prova final e ter que estudar no verão; segunda época, então, era a morte. Costumava dizer que iria morrer se ficasse sem a praia tão amada.

– Tia, você vai passar perto da escola hoje? Rola um bonde?

– Hoje, não; tenho uma reunião em outro lugar. Fica pra próxima!

– Tem erro não, tia,valeu, bom trabalho pra senhora!

– Vai com Deus, cuidado por aí, esta cidade está muito violenta!

Sempre que tinha oportunidade, oferecia uma carona para minha vizinha. A escola não ficava distante, mas adorava conversar com ela. Sua alegria, seu bom humor, suas piadas e até suas brincadeiras eram divertidíssimas. "Tia" era seu jeito de ser educada e carinhosa, porque não tínhamos nenhum grau de parentesco; acho que uma lembrança da escola primária. Nessas idas e vindas, sempre surgiam conversas interessantes e reflexivas para mim.

– E aí, tia, vai rolar carona hoje?

– Vai, sim, estou de saída. Você vai agora?

– Partiu, carona é privilégio, não posso atrapalhar o motorista, já estou no lucro...

– Qual é a novidade de hoje, Ana?

– Um garoto lindo que entrou agora na escola, um fofo, descolado, usa até brinco, mas é macho. Soube que era pegador na escola antiga...

– E como você descobriu tanta coisa, menina, em tão pouco tempo?

– Rede social, tia, é a maneira mais rápida e eficiente de se descobrir coisas boas e ruins.

– E o garoto, também gosta de você?

– Na verdade, não sei, nem perguntei...

– Mas deveria, você está na época de namorar, curtir, viver e ser feliz!

– Eu prefiro ser como uma estrela, tia, ouvi isso em algum lugar e passou a ser a minha marca registrada. Prefiro ser como uma estrela que nunca está só, ter muitos seguidores e amigos e encantar a todos com meu brilho. Essa história de namorar isola muito a gente, namoro é coleira, é prisão; gosto de liberdade...

Fim da carona, chegamos ao destino. Confesso que hoje queria ter continuado aquela conversa. Segui para o meu trabalho, tinha uma reunião importante, não sei bem por que tudo pareceu não ter importância.

Dia agitado como tantos outros, café e mais café, metas e mais metas, preocupação, problemas e contas a pagar, reunião longa e exaustiva, por alguns instantes queria ser aquela jovenzinha estudante do Ensino Fundamental, livre, leve e solta... Sem preocupações, cheia de sonhos, com uma visão simples e objetiva da vida. Por que complicar?

Fim de expediente, hora de voltar pra casa, rádio e volta num megaengarrafamento... O locutor da minha rádio preferida interrompeu o programa habitual. A morte de uma estudante de 14 anos, de nome Ana Martins, assombrou e assustou todos os cariocas nessa tarde, principalmente porque aconteceu nas dependências de um colégio público de nossa cidade.

O colégio estadual foi alvejado em uma troca de tiros entre policiais que faziam sua ronda habitual e meliantes. Desliguei o rádio abruptamente, quase sem perceber. Mesmo nome, mesma escola, mesmo bairro, deveria ser apenas uma mera coincidência.

Nos momentos que seguiam o engarrafamento, me consolava com o fato de que naquele colégio deveria ter aproximadamente mil alunos; outras dezenas de "Anas". Esse pensamento egoísta e medíocre foi o que me consolou no restante do trajeto. O trajeto nunca pareceu tão longo, buzinava igual a uma louca, como se minha vida dependesse disso.

Cheguei finalmente no meu bairro. Apesar de estar no

começo da rua, já foi possível perceber a agitação, carros de polícia, ambulância, sirenes e muitos carros de reportagem. Não conseguia entender o porquê de tanta parafernália, se a escola ficava a quase quinze minutos da minha rua.

Inocência minha, ingenuidade ou a simples constatação de que minhas suspeitas tinham se confirmado. Mal estacionei e vários vizinhos e repórteres cercaram meu carro.

– Você é parente? Conhecia a menina?

A mãe estava desmaiada, sendo atendida na ambulância.

Logo um vizinho em comum me abordou e contou toda a história; cada desenrolar, cada detalhe sórdido, cada palavra chegava como um punhal entrando de encontro ao meu peito. Não, eu não era parente, não, eu não era amiga, não era uma seguidora... Era somente uma vizinha que, de vez em quando, dava uma carona até a escola. Enfim, não consegui me conter e chorei, chorei muito, gritei, me desesperei... Como assim? Como não poder ver mais minha estrelinha?

Simples como ela, agora tem todos os seguidores, a menina virou estrela. Mais uma em milhares que irão compor as estatísticas e movimentar os noticiários, para, brevemente, serem esquecidos... Não ela, não Ana, ela sempre será uma estrela, um raio de sol a povoar as manhãs...

CRISTIANE MURILLO DIONISIO
PII no Ciep João Mangabeira / 11ª CRE.

O SOBRADO COR-DE-ROSA

ISABELLA DE ALMEIDA

Era bem de tardinha quando a janela do sobrado cor-de-rosa estava aberta. Quem abriu? Ninguém viu. Quando deram conta, a janela já estava aberta e as cortinas voavam no ritmo do vento. Uma janela aberta podia ser uma coisa comum, mas, no sobrado cor-de-rosa, na Rua Vinte e Quatro de Julho, número 40, no Bairro das Flores, era quase que notícia de jornal.

É que aquela janela ficara fechada por sete anos e, de uns dias para cá, uma luz acesa intrigava a todos. Ninguém ali aparecia, ninguém chegava, ninguém entrava, ninguém morava. A luz que acendia sozinha dava uma dúvida tamanha, um suspense, um medo também e até um terror para os mais exagerados.

A notícia da janela aberta foi se espalhando e foi capaz de reunir a maioria dos moradores daquela rua; afinal, era sábado e todos estavam em casa. Fez-se uma aglomeração de curiosos que tinham certeza de que o tal morador, naquele dia, iria mostrar seu rosto e cumprimentar os vizinhos.

Dona Catarina e seu Abel, os velhinhos que moravam embaixo do sobrado, estavam ansiosos para conhecer seu novo vizinho. Aí, veio seu Elias, do boteco; dona Cândida, da mercearia; Pedro e Bia, os recém-casados; dona Vilma, que criava seus dois filhos sozinha; seu Juca, o jornaleiro; dona Betina, a solteirona; André, Arnaldo e Ângelo, os três rapazes que moravam sozinhos; e uma família que parecia a maior de todas, com dona Beth, seu Ismael, as filhas Lucia, Luciene e Lais, os filhos Ricardo e Rubens, a tia Celina, o vovô Nelson, a vovó Pietra com seus sete gatos e cinco cachorros. Todos se encostavam pelas paredes, sentavam nos bancos de cimento das ruas, batiam

papo e disfarçavam. Era um cenário de grande expectativa, enquanto, do outro lado da calçada, alguns moleques jogavam bola e jamais se interessariam por aquela janela.

Naquele dia, a tarde foi embora e, com a noite, chegaram um friozinho e uma garoa que fizeram com que todos se recolhessem e fossem para suas casas, desapontados. Claro que, de vez em quando, um ou outro chegava na sua janela para ver se via alguma coisa. Mas que nada. Todos foram dormir e o único movimento naquela madrugada, na Rua Vinte e Quatro de Julho, foi o filho do jornaleiro, o Marco Antônio. Ele saía bem cedo e chegava bem tarde; era bonito, forte, sério, sem muita conversa. Era o colírio de Betina, a solteirona. Muitas das vezes, Betina ficava esperando o moço chegar, escondidinha atrás da sua porta, olhando pelas frestas.

Domingo à tarde era dia do futebol, e os meninos que menos se importavam com o tal segredo do sobrado foram os descobridores da novidade. Disseram os meninos que um chute bem forte fizera a bola entrar, certa como um gol, na janela do sobrado cor-de-rosa, e que, rapidamente, fora devolvida por uma mulher. Uma linda mulher. Eram tantas as perguntas aos meninos que eles se sentiam importantes por possuírem a única verdade.

– Mas digam: como ela é?

– Linda de morrer.

– E o que mais? Gorda? Magra?

– Alta, morena, cabelos compridos e cacheados e com um par de seios avantajados e apertados numa blusa que mal os segurava – descrevia, com sabor, um dos moleques.

Pronto! Agora a criatividade dos moradores tomava dimensões. As deduções eram por demais fantasiosas.

– Ainda bem, antes uma mulher do que um homem. Acho menos perigoso – comentou Betina, a solteirona.

– Deve ser invenção dos moleques. Moro bem embaixo e não escuto nada – tentava desmentir o casal de velhinhos.

– Se é bonita assim, como estão dizendo, quero vê-la o quanto antes – desejou um dos rapazes solteiros.

Era uma mulher.... Mas como chegou? Ninguém a viu. Ainda não.

Naquela mesma semana, Betina, em sua incansável paquera escondida, presenciou a chegada de dois homens na casa da mulher do sobrado cor-de-rosa. Cada um entrou de uma vez, e parecia não se conhecerem. Pronto, estava condenada a mulher aos pensamentos maldosos e puritanos. Para Betina e todas as outras dali, aquela mulher era, sem dúvida, uma mulher de vida fácil, capaz de seduzir todos os maridos e rapazes solteiros.

Betina, cada vez mais preocupada, dedicou maior tempo a observar a janela e a escada do sobrado cor-de-rosa, para desvendar mais segredos daquela mulher sem pudor. Meu Deus, coitada de Betina! Naquela quarta-feira, era melhor que estivesse adoentada, de cama, para não ver o que havia visto. Quem descera a escada do sobrado cor-de-rosa, número 40, foi ele, Marco Antônio. Betina quase teve um colapso do coração, e espremia seu rosto no vidro para ver com certeza o que via.

Magoada e ofendida, resolveu contar para todo mundo sobre o rapaz calado e tão sério que visitava mulheres da vida com peitos fartos.

A partir daquele dia, Betina não dormia, não comia, não desgrudava os olhos da janela e da escada daquela mulher. Precisava saber

se Marco Antônio voltaria lá. E, sem conter sua desconfiança e necessidade de saber mais, esperou o moço, que era dono do seu coração há tantos anos, e o chamou. Agora era tudo ou nada.

– Bom dia, Marco Antônio!

– Bom dia, Betina!

– Eu vi você no sobrado cor-de-rosa... e... sei o que foi fazer ali.

– Então sabes? Fostes também? Gostastes?

– Como? Eu? Ir até aquela mulherzinha?

– Sim. Saber o futuro.

– Futuro?

– Isso. Dona Leocádia é uma cartomante de mão cheia. Disse-me que o grande amor da minha vida mora nesta rua.

Betina ficou vermelha e não disse mais nada. Marco Antônio se despediu e seguiu. Betina se refez e saiu correndo, contando para todo mundo:

– É uma cartomante! É uma cartomante!

Betina estava feliz; afinal, ela que descobrira tudo. Que a mulher jogava cartas e não era uma qualquer, despudorada. Mas o mais importante é que Marco Antônio poderia ser o grande amor da sua vida.

ISABELLA DE ALMEIDA
Diretora no Ciep Graciliano Ramos / 4ª CRE

ACONTECEU COMIGO...

MARLI BARBOSA PINTO

Em meados do ano 1992, eu, Marli, estava toda entusiasmada por um encontro com um rapaz que eu acabara de conhecer numa boate no Jardim Guanabara, na Ilha do Governador. Ele, eu não sei onde residia, mas marcamos o primeiro encontro na praça no mesmo bairro, às 19h30.

Lembro-me que quando estava no ônibus, a caminho do encontro, apareceu no mesmo veículo uma menina, que, meio perdida puxou, assunto:

– Você conhece a praça no Jardim Guanabara, perto dos trailers?

– Estou indo para lá.

– Vou com você.

– Tá bem.

Quando descemos, eu contei que estava esperando um rapaz. O encontro era às 19h30. Ela me falou que também marcou um encontro naquele lugar. Para finalizar, ficamos as duas esperando, esperando, até que nos convencemos de que levamos o famoso "bolo".

De repente, nos aparece um rapaz e pergunta:

– Vocês duas têm horas?

Falamos a hora. Ele nos confessou que também acabara de levar um "bolo" no encontro com uma garota. No final, ficamos os três na estrada da amargura, até que o rapaz nos fez um convite:

– Vamos tomar um chopp no trailer?

– Aceitamos.

Ele pediu três cervejas, ficamos à vontade, sentadas no trailer com aquele rapaz que acabamos de conhecer.

Quando chegou no final da terceira cerveja, veio um ônibus.
Ele, rapidamente, aproveitou que a porta de trás se abriu e entrou correndo no veículo, deixando a conta para eu e a garota pagarmos.
Levamos um susto, pois parecia coisa de cinema. Foi muito rápido!
Eu e ela não tínhamos dinheiro para pagar as cervejas. Só tínhamos o da passagem.

A sorte foi que o dono do trailer acompanhou tudo e não nos cobrou as benditas cervejas.

Ficamos decepcionadas!!! Fomos embora tristes. Seria melhor se eu tivesse ficado em casa!!!

MARLI BARBOSA PINTO
Merendeira no Ciep Olga Benário Prestes / 11ª CRE

LUCI

RACHEL REZENDE ALVES DA SILVA SCHULER

Era uma tarde fria de sábado, mais fria que a ditadura, ideal para visitar museus ou centros culturais, e o CCBB se oferecia como opção. Embriagando-me de História, percorri os corredores da ditadura, numa exposição interessantíssima. O dia? Inesquecível 5 de abril de 2014.

Terminada a exposição, um trabalho de expressão corporal no hall de entrada me chamou a atenção: um círculo de atores movimentava-se aleatoriamente e, ao sinal do líder, fora do círculo, eles se

aproximavam das pessoas que estavam apreciando a atividade e lhes confidenciavam segredos. Pelo menos essa era a impressão diante da inaudível conversa, ao pé do ouvido, entre os atores e visitantes.

Ora, não há nada mais intrigante do que palavras segregadas para suscitar a curiosidade feminina. Permaneci ali, na tentativa da descoberta. O que, afinal, estava sendo sussurrado?

Perdida nesses pensamentos, cruzei o olhar com um rapaz jovem, negro, não contava mais que uns 18 anos, de estatura mediana, que sustentou o olhar, me deixando desconcertada. Ele fazia parte do grupo de atores e cheguei a desejar que viesse até mim, cochichar um segredinho também.

Desejo pensado, mas não realizado, ou melhor, parcialmente. Vieram dois atores e a dinâmica se revelou por completo; eles me narraram vivências, pequenas histórias de vida e, novamente, ao som do apito, retornaram ao círculo e ao estranho balé.

Poderia ter ido embora, mas uma voz me dizia "fica mais um pouco", ou talvez o olhar do ator negro, olhar sofrido, olhar espantado que, por diversas vezes, me lançava. Estaria, provavelmente, se armando de coragem? Estaria em dúvida quanto a aproximar-se ou não? Uma força me segurava naquele círculo imantado.

Novos movimentos, cada vez mais elaborados, mais rápidos, mais surpreendentes, uma dança que se intercalava em meio a curtas narrativas e retorno ao círculo. Ameacei retirar-me dali, quando fui interpelada por ele, o ator de olhar contundente, e, enquanto circulava em torno de mim, ia desfilando uma história estranha e simultaneamente familiar.

Perdera a mãe muito cedo, herdara a pobreza e a desesperança, mas um anjo o havia salvado, um anjo magro, pequeno, de voz forte, rouca. Esse anjo piedoso fizera a diferença em sua vida. Tratava-se de uma professora...

Ela não havia tratado somente de sua ignorância, ela lhe dera esperanças, apostara nele, e além do sustento proveniente dos livros, cuidara do sustento material. E, enquanto ele contava e dançava, me senti envolvida naquele círculo, provando a sensação do amor, mas não de qualquer amor, e sim daquele amor maior, o materno.

Lembrei-me de minha mãe, que já partira alguns anos antes, e essa lembrança me provocou algumas tímidas lágrimas, que, imediatamente percebidas por ele, foram levadas novamente pelo movimento e pela continuação da história.

E com tal força e carinho descrevia a mulher, que desejei saber o nome do anjo, porém ele me aguçava a curiosidade e continuava a falar dos tempos passados. Ele, menino, desejava ser a melhor das criaturas, apenas para corresponder às expectativas da professora, e desejava muito reencontrá-la para mostrar que se tornara um homem de bem e deixá-la orgulhosa dele.

Quanto mais a descrição se detalhava, mais o desenho de minha mãe se completava diante de nós e, surpreendentemente, duvidei se estava falando de outra pessoa ou de mim. Ele queria extravasar sua gratidão e havia me elegido, pela semelhança física com o ser angélico, para receber a confissão e a homenagem.

Em certo momento, a dança e a narrativa cessaram, e em tom grave, segurando firme minha mão, anunciou o nome da benfeitora, provocando-me um choro, misto de alegria, orgulho, saudade, surpresa. Com um gesto rápido, limpou-me as lágrimas e segredou-me a graça concedida a mim, por ter convivido com ela.

É, sei disso...

O impacto da inesperada revelação tomou todo o meu corpo, atirando-me a um momento único, onde o efêmero e o eterno se fundem. Fui visitada por minha mãe, Luci.

RACHEL REZENDE ALVES DA SILVA SCHULER
PI de Educação Física na E.M. Mário Casasanta / 8ª CRE

AMIZADE PERDIDA

ADENILZE VINHAES, ANA TOLENTINO, JUCÉLIA ZUMBA, MARILENE AMADOR E PATRÍCIA TOBIAS

Dois amigos, Mário e Fernando – o primeiro, muito educado e disciplinado devido ao fato de ter vindo de uma família austera. Era o primogênito de oito irmãos, pai militar, sempre viajando.

Na maior parte do tempo eram educados pela mãe; porém, quando o pai retornava das viagens, cobrava de sua esposa tudo o que acontecia durante sua ausência, com as seguintes indagações:

– As crianças se comportaram? Se alimentaram bem? Como estão indo na escola? E a saúde?

A mãe, muito cobrada, sentindo-se sozinha, pois não tinha a quem recorrer – porque eram um casal sozinho devido às transferências de estados –, nem tudo passava para o pai.

Tentava poupá-lo, omitindo alguns fatos ocorridos com Mário, já que o marido era muito autoritário, machista e exigente. Ela respondia da seguinte forma:

– Mário apresentou um pequeno problema e eu fui chamada na escola. Teve problema de saúde também, mas já foi tudo resolvido; o médico constatou não ser nada grave. A única novidade é que ele arrumou um novo amigo, chamado Fernando.

Fernando, um menino de família tradicional, mas menos exigente, foi sempre tratado de forma carinhosa e com muitas regalias. Na escola, sempre se destacava por ser muito inteligente e articulado.

Os anos se passaram e os dois foram crescendo juntos e sempre parceiros, até que cada um teve que tomar caminhos diferentes. Mário foi para a Marinha, sempre com excelente comportamento na vida militar, recebendo várias medalhas, e constituiu família.

Fernando, apesar de também ser filho de militar, cursou a faculdade de Direito e passou em concurso público para auditor fiscal, indo morar em Brasília. Os amigos perderam o contato.

Após alguns anos, conseguiram se encontrar nas redes sociais e marcaram um encontro. A partir desse encontro, a vida de Mário virou pelo avesso, porque Fernando tinha contato com contrabandistas e facilidade de transportar drogas.

Fernando começou a fazer a cabeça do Mário, que foi seduzido pelas facilidades e, com a responsabilidade de uma família para cuidar, se deixou levar.

Mário, alegando viagens a trabalho, começou a transportar drogas, comprometendo até mesmo sua carreira. Numa dessas viagens, ao passar pela Alfândega, foi detido. Tentou entrar em contato pelo celular, pedindo ajuda a Fernando.

– Parceiro, preciso de você, pois estou detido aqui na Alfândega. Pode me ajudar?

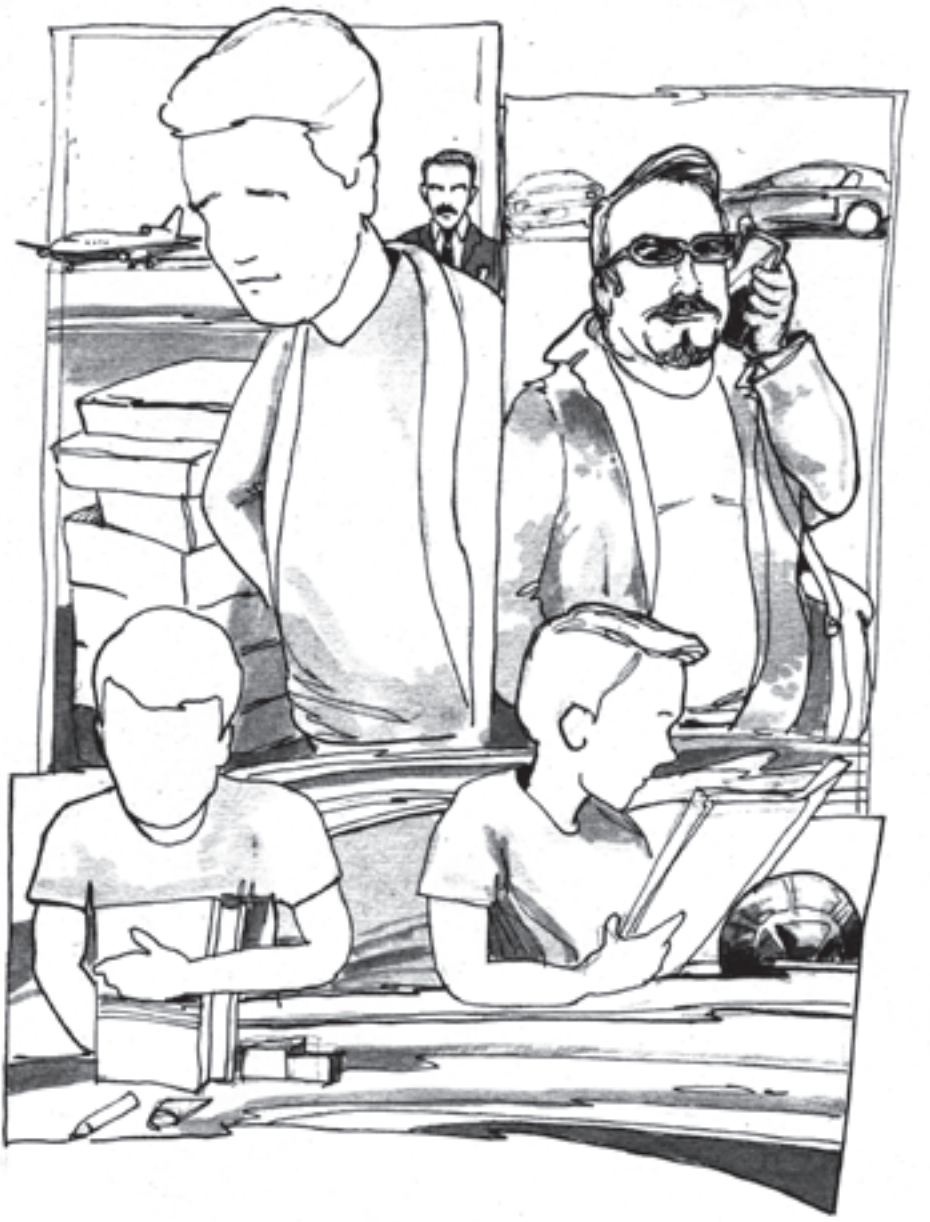
– Não vou poder ajudar, pois estou comprometido com outro trabalho.

– Nem pode me mandar um advogado?

– Você sabe que nisso não se pode envolver advogado.

– O que faço, então? E minha família, como vai ficar? Será que vou ficar detido por muito tempo?

– Com certeza, pois houve um flagrante e transportar drogas é crime.



– Você me decepcionou. Achei que fosse meu amigo.

Foi quando Mário se viu sozinho. Ele foi expulso da Marinha, ficou preso por três anos e abandonado pela família. O tempo que passou na cadeia serviu para refletir e perceber que dinheiro não é tudo, pois o preço que pagou foi muito alto e não valeu a pena.

A partir da saída da prisão, ele conseguiu restaurar sua vida e reconquistar sua família.

ADENILZE DA GAMA VINHAES
PEI na C.M. Tauá

ANA TOLENTINO
PII na SME

JUCÉLIA DE MOURA ZUMBA E MARILENE SOUZA AMADOR / agentes de Educação Infantil · **PATRÍCIA TOBIAS** / PEI
Ciep Olga Benário Prestes / 11ª CRE

A MENINA GLORIOSA

ALEXANDRE GALVÃO, BEATRIZ PEREIRA DA SILVA, MÁRCIA R. DE SOUZA, MARIA G. DA CONCEIÇÃO, ROBERTA MAGALHÃES E THAIS OLIVEIRA DA SILVA

Deu-se, então, um sobressalto, ao sentir um toque quente em suas costas. Um enorme grito reverberou na pacata Bruxelas. Sobressaltada, a menina-mulher oriunda de uma cidade da Baixada Fluminense, Belford Roxo, no Rio de Janeiro, esqueceu por um momento que estava de verdade na Europa.

A menina de nome Regina Glória tinha um apelido que lembrava seu nome: Gloriosa. Recebido nas ruas de "Bel", por causa de seu lindo sorriso, sua personalidade decidida, gentil e comunicativa, era considerada uma pessoa simplesmente gloriosa.

Seu sonho sempre foi conhecer o Velho Mundo. Sempre em busca de oportunidades para alcançá-lo, por meio de uma bolsa de estudos, Gloriosa conseguiu enfim realizar seu objetivo. A bolsa era oferecida por uma ONG belga, de nome Dank, aos alunos de melhor desempenho geral das escolas estaduais do Rio de Janeiro.

Já no aeroporto, seu coração palpitava ante essa aventura tão esperada em sua vida, um verdadeiro descortinar de sonhos tão intensamente desejados por ela. Apesar do trepidar do voo e de toda a ansiedade, sua alma encontrava-se serena.

Ao desembarcar, Gloriosa já sentiu a nova atmosfera. Ávida por conhecer a cultura local, os costumes e, principalmente, novas pessoas, resolveu tomar um café, passeando pela cidade.

No café encontrou folhetos de diversos pontos turísticos, e o melhor, muitos eram gratuitos, sendo esse, no momento, seu principal critério de escolha. Um funcionário do café, ao observá-la, lhe deu algumas sugestões, como a Basílica do Sangue Sagrado, a igreja onde se encontra uma bela escultura de Michelangelo; Church of Our Lady, além dos mais variados castelos espalhados pela cidade, com os mais encantadores estilos arquitetônicos. Assim, o primeiro ponto turístico escolhido por ela foi o Castelo de Loppem, da linda e medieval cidade de Bruges.

Gloriosa ficou estarrecida com tamanha beleza daquele lugar. Bruges parecia ter saído de um conto de fadas. A moça chamava bastante atenção por causa de sua pele cor de ébano, mas não se intimidava com os olhares curiosos e mantinha a risada leve e uma satisfação indescritível de quem realiza um grande sonho. Sua sede de aprender era tamanha que, ao entrar no Castelo de Loppem, dirigiu-se, em inglês, a um dos guardas. Foi logo perguntando onde se encontrava a sala do trono, ponto alto de qualquer visita a um castelo, na sua opinião.

Muito comunicativa, ao conversar com um grupo de visitantes, ouviu uma das lendas que corriam sobre a construção daquele lugar, dizendo que o castelo tinha sido construído por um príncipe alemão para ser dedicado à sua amada, como presente de casamento. A noiva, porém, morreu dias antes das bodas, deixando o noivo desolado. O castelo tornou-se um túmulo para recordar esse amor impossível.

Sem saber se a história ouvida era ou não verdadeira, refletiu por um bom tempo e se comoveu com o desfecho triste do que lhe fora contado. Sentiu, então, uma forte empatia pela história do príncipe e seu amor impossível, e se lembrou do amor que também se tornou para ela impossível, quando decidiu perseguir seus sonhos e viajar para o exterior.

Lembrou-se de Bernardo, rapaz que conheceu durante uma longa e entediante aula de Física. O rapaz tímido era um dos monitores da turma e sentou-se ao seu lado ao perceber as dificuldades da moça na resolução das questões daquela aula. Ofereceu ajuda e, com ela, um grande sorriso, que conquistou a simpatia de Glória no mesmo instante.

Em pouco tempo tornaram-se grandes amigos e essa amizade se transformou em uma forte atração, da qual não puderam fugir, e se entregaram totalmente. Nada parecia poder separar os dois, até o momento da viagem de Glória.

Uma lágrima percorreu seu rosto, transbordando emoções represadas de um amor que foi deixado para trás no Brasil, em virtude de suas ambições e seus projetos no exterior.

Dirigiu-se, então, a saída do castelo e continuou seu passeio histórico pela deslumbrante Bruges, a fim de descobrir novos lugares e sensações que pudessem preencher a solidão da sua vida naquele momento.

Chegando à Ponte de Ghent, um dos lugares mais lindos da Bélgica, Gloriosa fez diversas fotos e se sentiu um pouco mais animada, depois de tantas emoções revividas ao ouvir a história no castelo. Observava, atentamente, a característica medieval da ponte e seu excelente estado de conservação. Distraiu-se admirando o dia ensolarado e a grande quantidade de pessoas que aproveitavam para passear e se divertir.

Tudo isso foi interrompido por um toque familiar que a moça sentiu delicadamente em suas costas e que a deixou sobressaltada. Ao virar-se, incrédula que poderia encontrar alguém conhecido tão distante de seu mundinho no Rio de Janeiro, o coração palpitou, a respiração tornou-se ofegante e seus olhos brilharam. Toda a desenvoltura comunicativa, nesse momento, desapareceu, e o único som que conseguiu pronunciar foi um tímido "oi".

Era Bernardo.

ALEXANDRE PEREIRA GALVÃO / PEF · **BEATRIZ PEREIRA DA SILVA** / PII · **MÁRCIA CRISTINA RODRIGUES DE SOUZA** / PI de Artes Plásticas · **MARIA GLÓRIA CORRÊA DA CONCEIÇÃO** / PII · **ROBERTA MAGALHÃES** / PII · **THAIS OLIVEIRA DA SILVA** / PI de Inglês
E.M. Lins de Vasconcelos / 3ª CRE

OCORRÊNCIA POLICIAL

VANESSA DE AGUIAR

Começava mais um plantão na delegacia. Alex chegou antes do horário, tomou um café, mexeu com o gato que teimava em circular por lá, cumprimentou os colegas e sentou-se em sua mesa.

Parecia que seria uma noite morna e sem alvoroço, com alguns inquéritos para dar andamento e, no mais, apenas aguardar alguma ocorrência, o que sinceramente esperava que não acontecesse. Logo ele, que adorava uma noite de trabalho agitada, estava com preguiça. Talvez fosse a lua cheia que iluminava tudo lá fora.

De repente, entraram dois policiais, trazendo-a. Estava assustada e descalça, com os cabelos soltos e jogados sobre os ombros. A saia apresentava um rasgo lateral que deixava à mostra suas pernas torneadas e a meia-calça desfiada. Os dois agentes respiravam ares de heróis; afinal, chegaram antes que o pior acontecesse.

Ela havia sido alvo de assaltantes ferozes, que se preparavam para violá-la no seu bem mais sagrado, seu corpo. A viatura estranhou a movimentação do carro e parou. Não foi necessário confronto, pois os homens preferiram fugir levando o carro a tentar reagir, e deixaram a moça jogada no asfalto.

A primeira coisa que fez foi estender a cadeira e pegar um copo d'água. Perguntou o nome dela e, ao ouvi-la responder com a voz rouca e trêmula, "Samantha", seu coração parecia já conhecê-la de outras vidas.

Enquanto os dois policiais narravam o fato ocorrido, ele não conseguia parar de olhar para a moça, que tremia e tentava conter o choro. Era estranho, pois ele nunca, nunca se envolvia. Era sério, até considerado frio. Seus olhos verdes nunca fitavam uma vítima daquele jeito. Mas, ali, sua vontade era pegá-la nos braços e protegê-la.

Os depoimentos foram tomados e o registro, feito. No fim de tudo, Samantha pediu para usar o telefone, já que tudo seu havia sido roubado, inclusive o aparelho.

Ela, então, ligou para alguém, resumiu o que houve e pediu ajuda para voltar para casa. Os olhos se cruzaram e ela abaixou a cabeça. Parecia sentir vergonha pelo que passou.

Tentou se levantar, mas ele disse que ela poderia aguardar ali, embora sua vontade fosse dispensar a ajuda e cuidar de Samantha, ele próprio.

Os dois permaneceram ali, parados, olhando um para o outro. Então chegou o "amigo", assustado com a situação, e logo a abraçou, perguntando se estava tudo bem. Ela desabou em choro profundo e sentido, dizendo que teve muito medo. Na sua frente, uma mulher desamparada e assustada o comoveu.

O amigo perguntou se ela estava machucada e Samantha disse que não, mostrando apenas o cotovelo esfolado. Perguntou ao investigador se podia ir e ele acenou com a cabeça que sim. O amigo a pegou no colo e a levou.

Naquele momento, o ciúme tomou conta do homem que ficou, parecendo ver sua amada partir. Sentimento estranho e incompreensível naquele homem da lei. O restante da noite seguiu e seus pensamentos não navegavam por outra névoa que não fosse aquela mulher. Seus cabelos, seu rosto e seu corpo pareciam velhos conhecidos seus. Seu nome ressoou em seus ouvidos como uma música que teimava em não parar de tocar.

Quando seu colega de trabalho, Davi, o convidou para um café no meio do plantão, na madrugada, ele ainda pensava nela. Na sua frente, no registro feito, seu nome, endereço e telefone.

Mas ele não podia usar dados sigilosos para fins particulares, sua ética gritava por dentro. As paredes cinza e uniformes da delegacia pareciam desafiá-lo a esquecê-la ou a ir atrás de quem parecia ser uma grande aventura, um grande caso de amor.

Terminou o plantão e Alex saiu com um vazio no peito, uma vontade de ir em busca da mulher já por ele desejada. O caminho para casa tomou outro rumo e ele passou pelo endereço que sua mente teimou em guardar. Olhou para o prédio, reencontrou sua razão e partiu para o caminho correto.

As ruas e avenidas por onde ele passava sempre pareciam estranhas e era como se o rejeitassem. O coração daquele homem batia acelerado e suas mãos suavam e tremiam. Ele estranhava a si mesmo, mas, no fundo, estava gostando dos sentimentos novos que habitavam, agora, sua existência.

Normalmente, o policial dormiria um pouco ao chegar em casa e depois resolveria pendências do cotidiano. Mas Alex nada conseguiu fazer a não ser divagar em seus pensamentos.

À noite, Davi ligou e o chamou para sair, dar uma volta e, quem sabe, encontrar alguma coisa interessante para ocupar o fim da noite. Afinal, eram jovens e bonitos. Alex acreditou que uma boa noitada o faria voltar ao normal e foi com o amigo.

Resolveram conhecer uma boate recém-inaugurada. O ambiente era, aparentemente, tranquilo, com pessoas animadas e sem nenhum perigo. Escolheram uma mesa que proporcionava uma visão ampla do local. Pediram uma cerveja, e foi quando Alex quase engasgou. À sua frente, ela, Samantha.

Todas as sensações do início do dia retornaram e ele sentiu seu coração disparar e suas mãos suarem e tremerem. Observava a moça de longe e constatou que ela estava com um grupo de amigos.

Davi logo percebeu que o policial não estava no seu normal e perguntou o que havia. Ao ouvir a explicação do amigo, riu e disse que sempre existe uma primeira vez para tudo na vida, inclusive se apaixonar por uma pessoa completamente estranha.

Com o apoio do amigo, Alex levantou-se e foi até o bar, onde Samantha foi para pegar uma bebida. Tocou seu ombro, ela virou, fazendo uma expressão de dúvida e surpresa. Ele perguntou, com a voz firme, se ela estava bem e se lembrava dele. Para sua felicidade, a moça respondeu:

– Claro, eu não poderia esquecê-lo, alguém que me acolheu tão bem naquele dia horrível. Ela sorriu e lhe beijou o rosto.

O coração de Alex parecia ser ouvido por todos na boate. Aquele homem forte sentiu suas pernas bambearem. Mas, manteve-se firme e sorriu. A noite passou e os dois aproveitaram o restante do tempo conversando, e até ensaiaram uma dança.

As mãos do policial seguravam na cintura dela como se não fossem soltar nunca mais. Àquela altura, Davi já havia se despedido do amigo, com um ar de esperança e torcida pelo seu parceiro de profissão. Era assim o combinado: cada um por si nos momentos de conquista.

Mas os amigos de Samantha ainda a esperavam para ir embora. Não fazia parte do contrato de amizade deixar uma amiga sozinha com um desconhecido.

Os dois, então, se despediram com um beijo dado no canto dos lábios. O amigo, aquele da delegacia observava atentamente o casal, de longe.

Vê-la entrar no carro fez seus instintos aflorarem e ele subiu na sua moto e a seguiu até o endereço que, na verdade, já conhecia. Esperou todos saírem do carro e observou quando ela entrou na garagem. Espreitou qual seria a janela de seu apartamento e, quando a luz acendeu, ele tocou o interfone.

Ela atendeu como se soubesse quem tocava, e ele disse:

– Sou eu. Não consegui ir embora.

Samantha abriu a portaria e Alex subiu. O que aconteceu quando eles se encontraram não precisa de registro policial.

VANESSA DE AGUIAR
PII e diretora na E.M. Noel Nutels / 7ª CRE

AVENTURAS RUMO À CENTRAL DO BRASIL

MARIANA MARTINS

É incrível como andamos, andamos, andamos pelo Rio de Janeiro e pensamos que já vimos de tudo. Só que não. Lugar bizarro? Irreverente? Excêntrico? Medonho? Diverso? Ponto de encontro entre mundos? Acho que posso ficar aqui durante meses sem saber se há algo que defina o que é a Central do Brasil.

Nunca tive o (des)prazer de ir lá tantas vezes seguidas quanto nas últimas três semanas. Onde eu morava não tinha metrô. Então, praticamente, para que te quero? Até tinha trem, mas aos locais a que precisei ir mais valia pegar ônibus. O caos foi se instalando tão assustadoramente no Rio que mudei meus conceitos.

Nessa aventura ferroviária até a Central do infe... – digo, do Brasil –, depois de subir as rampas para pegar o trem, acho que fiz uma ginástica matinal. As pernas ficam facilmente durinhas, ainda mais quando se vê o trem lááá longe, vindo na direção do seu itinerário.

É uma correria geral para passar na catraca e descer as escadas até a plataforma; parece até o "rapa", a cavalaria de D. Pedro ou qualquer coisa assim, louca.

Se não estiver com pressa ou já resolveu para si mesmo que não vai correr, saia da frente! Essa é a lei.

Bom, chegando à plataforma, um mundo esperando, olhando para o horizonte sem fim, buscando ouvir a chegada do trem e se posicionar para pular para dentro dele. Foi aí que entrei. Estava tudo ótimo, quando, de repente, a "voz do trem" dá um berro: "Próxima estação, São Cristóvão. Desembarque pelo lado...".

Nossa! Que susto! Eu parecia uma gata. Dei um pulo e só faltava enfiar as garras no teto. Enfim. Fui para o curso e o retorno para casa me aguardava às 17h... Pensei: "Meu Deus, assim como o Senhor me trouxe, leve-me para casa sã e salva".

Tudo "normal" para quem pega ônibus e fica de uma hora e meia a duas lá dentro, apertado. No trem você fica apertado, mas leva 30 minutos... E o cheiro de sovaco e os tarados são brindes em qualquer transporte. Logo, fiquei na vantagem. O difícil é saltar do trem em estações em que não desça quase ninguém.

Uma das vezes em que voltei para casa pedi ajuda aos colegas do trem para me auxiliarem na saída, de tão difícil que estava. Achei que tinha feito mal em pedir, mas até que o pessoal me impulsionou, sem me empurrar ou machucar. Descoberta: as pessoas são mais compreensivas e colaborativas nos trens do que nos ônibus.

Bom, eis que, numa dessas voltas fatídicas para casa, Laís, Natani e eu estávamos preocupadas, pois era um dia, cada vez mais típico, de manifestação na Central do Brasil. Uma confusão, um monte de gente segurando o pau da bandeira e balançando para lá e para cá. Eram sindicatos, trabalhadores, líderes de partidos políticos, imprensa, polícia, curiosos e transeuntes.

Deixamos Laís no ponto de ônibus e fomos para o olho do furacão pegar o trem. No caminho, figuras com e sem noção, algumas sóbrias, outras flutuando no ar das maresias.

STA CRUZ
PLATFORM 6

Quando estávamos chegando ao portão, veio um homem não sei de onde, enlouquecido para tirar as calças, botar as "armas de guerra" para fora e urinar ali mesmo, na frente de todo mundo, numa árvore que tinha no meio da calçada.

Logo à frente, havia uma dupla sertaneja se apresentando na entrada da estação. Observem como destoa. "A confusão comendo" do lado de fora e dois rapazes, tranquilamente, montaram os instrumentos, sentaram-se num banquinho, ligaram o microfone e estavam cantando sem parar.

Foi quando olhei para eles e falei com Natani: "Quem são esses, conhece?". Nessa mesma hora, a música acabou e um deles respondeu: "Para quem não nos conhece, somos a dupla fulano e beltrano" (nem lembro o que eles disseram, só queria sair dali). É muita coragem e vontade de divulgação mesmo, ficar ali naquele dia.

Para fechar o dia com "chave de ouro", entramos no trem que havia chegado recentemente e logo fiquei em pé perto da porta, para facilitar minha saída depois.

Dali a pouco, entrou um homem e ficou praticamente na minha frente, mas colado à porta. Natani e eu estávamos conversando sobre o curso e comecei a sentir um cheiro forte de cachaça, whisky, sei lá. Algo bem forte.

Alguns minutos depois, nada de o trem sair, e achei que o cara tivesse se mancado: tirou um saquinho de M&M's da mochila e comeu tudo, que nem um animal. Nojento, mas melhoraram muito os ares do "Atlântico Norte".

Tempos depois e nada do trem sair ainda! Trinta minutos esperando... O cara tirou da mochila outro objeto. Quando olhei, era um spray. Ele espirrou aquele líquido direto na garganta algumas vezes e guardou. Novamente, o cheiro de álcool se espalha. Olhei para

Natani e disse, articuladamente: "Gente, *spray* de cachaça? Você viu? É sério isso??". A que ponto chegamos. Ela disse: "Não é spray de gengibre, não?". Só se for gengibre afogado na cachaça! O trem andou e tivemos de conviver com a boca de alambique.

Esqueci de dizer que, numa dessas viagens de trem, fiz muitas amizades temporárias. Pessoas legais, trabalhadoras, que conversam sadiamente para o tempo passar mais rápido.

Algumas cantavam para espantar os males ou para propagar sua fé; outros riam da estridência alheia. Umas ficavam de maneira viciante nos celulares e tablets. Outras dormiam sentadas... ou de pé mesmo.

O trem parava e se tremelicavam, acordando com medo de cair. Umas compartilhavam o ferro de apoio do trem. Outras ficavam abraçadas ou completamente encostadas neles, dificultando que outros pudessem se segurar. Daí se mede a necessidade alheia de ter "um mastro" só para elas. Enfim, foram tantas observações...

Por essas e outras histórias, a Central do Brasil e os trens do Rio são únicos. Faça chuva ou faça sol, é o itinerário de muita gente e é o que faz com que tantos "causos" sejam no mínimo "diferentes" de tudo que já se vê por aí afora. Quer saber mais? Pegue o trem e vá até a Central pelo menos por sete dias seguidos.

Duvido que você não veja gente legal, gente inútil, gente de bem, gente bêbada, gente bem-humorada, gente louca, gente perfumada demais, gente perfumada de menos, gente respeitosa, gente tarada, gente bonita, gente que destoa, gente-gente, gente-animal. Enfim, vale a experiência, nem que seja apenas para contar uma boa história!

MARIANA MARTINS
PEF em Língua Portuguesa na E.M. Ceará / 3ª CRE

UMA EXPERIÊNCIA SURPREENDENTE

ANDREIA DE MENDONÇA, CAMILA SIQUEIRA E MARIA APARECIDA DA COSTA

Havia uma jovem professora, na pacata Cidade dos Anjos, que sempre se dedicava ao seu ofício com carinho e delicadeza. Atendia cada aluno de sua turma do 1º ano com todo empenho, auxiliando-os em suas dificuldades apresentadas. Não se limitava a atender somente às questões da alfabetização. Seu trabalho extrapolava os limites da sala de aula, pois procurava entender o universo infantil de cada criança com quem mantinha um afetuoso laço em seu cotidiano escolar.

Cada dia de encontro significava, para as crianças, uma verdadeira chuva de emoções, acompanhada de comemorações, exposições, contação de histórias, jogos, filmes, música, teatro, danças, parlendas, piqueniques, atividades no parquinho, lanches, festas... Ufa!!! E tudo mais que fazia a criançada eufórica e entusiasmada pelo próximo dia de aula.

Celeste, desde criança, alimentava o sonho de se tornar professora, pois acreditava estar destinada a fazer a diferença na vida de todas as crianças que pudesse ajudar. Sendo assim, buscava auxiliar no desenvolvimento de sua pequena cidade, esquecida no interior do sertão nordestino, onde seu povo sofria com a seca, a falta de emprego, a miséria, o trabalho duro na roça. Muita gente que mal sabia escrever seu próprio nome.

Certa manhã, na escola, Celeste estava organizando a fila de entrada com suas crianças, quando percebeu a presença de um aluno novo: um menino pacato, de olhar triste, com roupas surradas e cabelo desgrenhado. Carregava consigo uma mochila remendada com colorido tão desbotado que não dava mais para saber qual tema

infantil pretendia exibir. Ela somente observou a criança fechada no seu próprio mundo, e não quis fazer alarde sobre sua presença como aluno novo naquele momento. Escolheu aguardar pelo abrigo acolhedor que sua sala de aula oferecia.

Ao chegar à sala de aula, Celeste procurou prontamente, no Registro de Classe, pelo nome do menino, a fim de acolhê-lo afetuosamente, chamando-o pelo próprio nome, na expectativa de que ele se sentisse pertencente àquela turminha como parte de uma família. No final da listagem, o nome escrito à mão parecia estar em letras "garrafais". Causou-lhe surpresa, arrepios, admiração, rejeição e tensão: Lúcifer.

A segurança que sempre demonstrava em suas atitudes agora havia sido abalada por um turbilhão de emoções que sua religiosidade sustentava. Como poderia proferir um nome de significado tão assustador e repugnante, em especial se dirigindo a uma inocente criança de somente 6 anos de idade? Ser carinhosa, acolhedora e gentil, naquele momento, significava ir além do seu controle emocional. Pensou em se dirigir ao menino por apelidos: talvez "Lu", "Luci" (seria apropriado para menina, então não!), Fefe... Basta! Encorajou-se e proferiu em alto e bom som: "Bom dia, Lúcifer!".

Todas as crianças presentes naquele momento ficaram paralisadas, como se a doce professora tivesse cometido um crime. Celeste não pôde evitar o desconforto que aquela situação causava a todos. Então, aproximou-se do menino, tocou-lhe os cabelos carinhosamente, tomando-o em seus braços como se o quisesse proteger de uma ofensa, de perjúrio. Uma lágrima brotou nos olhos da criança e a professora, sensibilizada com a emoção do menino, perguntou:

– O que houve? Por que chora? Está triste?

– Não sei – respondeu, tentando esconder o rosto. – Ninguém nunca tinha me abraçado depois de falar o meu nome.

Essa experiência despertou na professora o interesse em estudar sobre aquele nome. Por que ela mesma havia experimentado um

julgamento preconceituoso contra uma criança sem nem ao menos ter vivenciado qualquer experiência com ela? Será que aquela criança tímida e apática seria consequência de um mundo perverso e injusto ao lidar com o próximo? Como aquele menino poderia ter uma vivência normal na escola ou fora dela se seu próprio nome era tomado como uma invocação do mal?

Surpreendentemente, o passar do tempo revelou a Celeste que Lúcifer era um menino comum; saudável, prestativo com os colegas, educado, inteligente, disciplinado, carinhoso e, muitas vezes, como todos os pequenos, teimoso em continuar a recreação, sonolento durante as tarefas, preguiçoso com as redações, enfim, apenas infantil.

Celeste quis então saber como alguém poderia escolher aquele nome para batizar um filho, e descobriu que Lúcifer significa "o que traz luz". Na ignorância daquele povoado, seu pai, analfabeto e ignorante, quis homenagear o oitavo filho como o "príncipe da luz", influenciado por bate-papo vazio na birosca onde sempre encontrava os jagunços e boias-frias para se servir da mais intragável aguardente. De nada adiantaram os apelos da mãe para impedir o feito.

Como se não bastasse o peso do nome que carregava, a vida de Lúcifer foi marcada por rejeição, perdas, tragédia e abandono. Aos 2 anos de idade, havia perdido os pais num acidente causado pelo tombamento do caminhão de boias-frias em que estavam. Lúcifer e seus sete irmãos foram levados para um orfanato da capital. Todos os irmãos foram adotados, exceto o menino, cujo nome causava repulsa como se ele mesmo fosse a materialização do próprio mal.

Celeste percebeu que a história daquela criança só poderia ser transformada a partir de exemplos de amor verdadeiro, que ela estava disposta a assumir com todas as suas forças. Tentou ajudar de todas as maneiras a localizar uma família que pudesse acolher o menino. Buscou sensibilizar famílias distintas, das poucas pessoas influentes que moravam na capital. Enviava cartas e esperava, ansiosamente, por uma resposta positiva.

Quando Lúcifer adoeceu, aos 8 anos de idade, com quadro grave de leucemia, não havia mais tempo para buscas inúteis. Agora, o menino precisava de alguém que estivesse ao seu lado para salvar-lhe a vida. Celeste, então, tomou a maior decisão de sua vida: tornar-se mãe!

Os anos se passaram e ela pôde mostrar ao mundo que o amor supera todas as barreiras e não exige condições para transformar. O pacato menino tornou-se um homem honrado, justo, humilde e leal aos valores que sua mãe lhe havia ensinado. Constituiu uma bela família, dando exemplos de bondade e sabedoria que orgulhariam sua mãe biológica onde quer que ela estivesse.

Celeste morreu aos 86 anos e, atendendo ao seu pedido, constava na lápide a seguinte mensagem: "Aqui jaz Celeste, mãe de Lúcifer, filho amado que me trouxe luz".

ANDREIA AGUIAR DE MENDONÇA / PI de Inglês · **CAMILA MAIA DE SIQUEIRA** / PI de Artes · **MARIA APARECIDA FIRMO DA COSTA** / PEF
Ciep Olga Benário Prestes / 11ª CRE

O OPERÁRIO

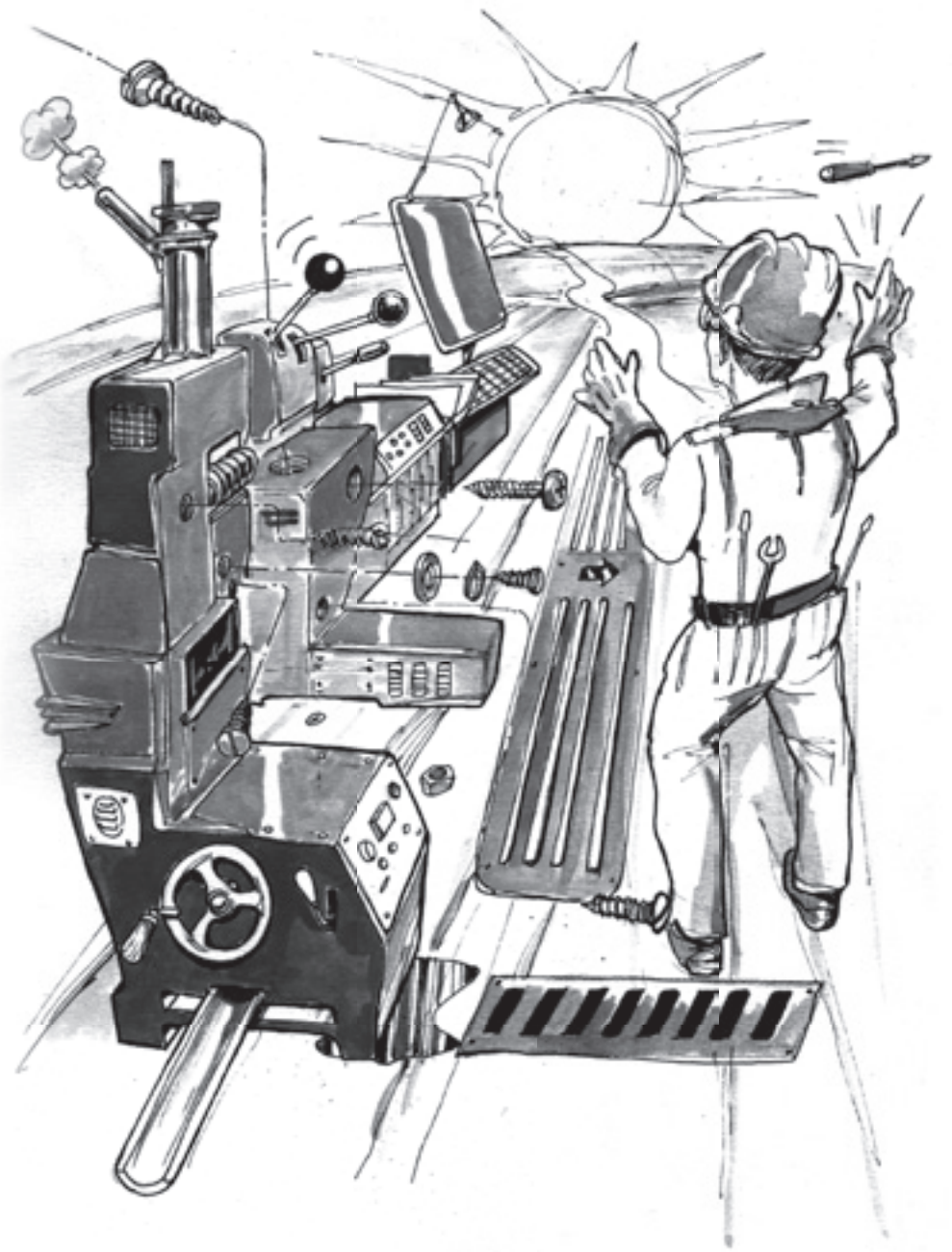
RODRIGO SANT'IZABEL RIBEIRO

Mais um dia. O operário, exaurido após o cumprimento de mais uma jornada de trabalho, batia, enfim, o ponto, e retornava ao seu lar para o merecido descanso. Necessitava de repouso; não tinha sido fácil. Nunca era fácil. O dia a dia do trabalho consumia o seu corpo e, principalmente, afetava o seu psicológico. Severamente. Estava esgotado.

Naquele dia, no caminho de volta, pensava sobre o ofício que havia escolhido para a sua vida; ofício que – é oportuno destacar – desempenhava com seriedade e compromisso extremos. Tinha plena consciência da enorme responsabilidade que assumira ao fazer a opção de ingressar naquela indústria, como também já fazia alguma ideia dos entraves que encontraria por lá.

Tratava-se de uma fábrica. Ali, o operário produzia peças que, futuramente, serviriam como reposição para outras peças já desgastadas de uma máquina grandiosa, com engrenagens enigmáticas e demasiadamente complexas. Cabia ao operário produzir – ou melhor, reproduzir – dia a dia, mês a mês, ano a ano, mecanicamente, incessantemente, os tais componentes que manteriam a máquina em ordem. Evidentemente, tudo de acordo com os modelos que a ele eram entregues e determinados.

Dessa forma, os produtos de seu suor e esforço deveriam estar perfeitamente ajustados às posições e funções previamente estabelecidas. As peças deveriam se encaixar com absoluta perfeição. Era assim que deveria ser, até porque o produto final era o resultado de espetaculares cálculos engenhosos realizados por gente que se considerava importante demais para fazer parte do chão de fábrica como ele – o operário – e os seus pares. Era tudo muito simples. Bastava apenas fazer como a ele era ordenado. Bastava cumprir o seu papel, sem pensar muito. Tudo igual. Sempre igual.



O operário estava exausto. Não só em razão daquele dia extenuante que se encerrava, mas porque acreditava verdadeiramente que a beleza do seu trabalho não estava em fazer mais do mesmo todo dia. Não se conformava com isso, não aceitava aquela sentença determinante. Essa certeza havia sido decisiva para o modo com que passou a conduzir o seu trabalho naquele lugar. Não aceitava mais decisões estapafúrdias, sem nexo. Não suportava mais determinações sem explicações convincentes. Não restava outra opção a não ser se rebelar.

Sim, o operário passava a ser visto como um subversivo. Um revolucionário, se o título parecer mais adequado. Mergulhado em seus pensamentos durante o caminho para casa, enxergava com nitidez e orgulho a correção de suas ações lá atrás. Estava convencido de que, assim, fazia o seu melhor. Mesmo fatigado, ele se sentia muito bem e até deixou escapar um breve sorriso. A alegria contida daquele instante era explicada por uma mudança de postura do operário em pouco tempo de serviço: um dia ele percebeu que o grande barato do seu labor era estancar aquela produção seriada, e decidiu criar peças diferentes. Peças inadequadas. "Com defeito", diriam os especialistas em seja lá o que for.

Como as tais peças fugiam totalmente ao padrão, não se encaixavam mais em lugar algum. Eram cheias de arestas. De nada adiantavam apertos sucessivos ou jeitinhos para que coubessem aqui ou acolá. Inúteis? Não. Saíam das mãos daquele operário peças absolutamente únicas, extraordinárias. Ele ficava encantado. Não existia uma peça igual a qualquer outra que fosse. Cada qual tinha a sua peculiaridade, a sua forma singular. Aquelas peças construídas por ele não deveriam mais ocupar simplesmente o lugar de outra na tal máquina de engrenagens, agora bem menos misteriosas.

Há, de fato, algo sublime quando um trabalhador adquire a capacidade de compreender a sua função e o seu real valor. Não era fácil encarar tantos obstáculos, tantas críticas, perceber tantos dedos apontados em sua direção. No entanto, o operário havia escolhido um caminho sem volta. Libertador. Ele tinha a visão ampliada, a capacidade de ler as entrelinhas de todo o mecanismo. Tudo, então, fazia sentido.

As dificuldades eram inúmeras. Ele se via em meio a uma multidão formada pelos mais variados tipos de companheiros. Alguns operários jamais perceberiam o que para ele era tão claro. A outros, faltava coragem para mudar. Outros, ainda, pareciam contentes em fazer as suas pecinhas perfeitinhas com destino certo. Ele não aceitaria mais fazer parte daquilo. Nunca mais.

Subitamente, o operário foi tomado por uma sensação de felicidade e poder que o tomava por inteiro e incendiava a sua alma. Foi resgatado de sua divagação e, novamente, trazido à realidade. Como ele vibrava! Era por isso que estava ali, naquela fábrica. Era esse o seu propósito. Era essa convicção que orientava cada passo que dava ali dentro. Ele sabia que, com seu poder transformador, poderia, ao criar suas peças, provocar uma pane fenomenal naquela engrenagem viciada. Emperrar de vez o processo. Estava determinado em sua missão. Aquele homem simples havia descoberto a sua verdadeira arte.

Como se acordasse de um sonho bom, o operário se deu conta de que já chegava em sua casa. Não tinha percebido. O tempo que levou para fazer o curto trajeto até sua residência parecia ter durado muito além do habitual, como se tudo, durante aqueles poucos minutos, estivesse em suspensão, desconectado do mundo palpável, tangível. Naquela noite, aquele homem compreendeu que a luta era demasiadamente árdua e, muitas vezes, inglória. Entendeu, também, que só há razão na existência humana se houver liberdade. LIBERDADE. Essa era a sua palavra e a sua bandeira. Haveria um amanhã. Haveria um dia seguinte para que fizesse diferente, mais uma vez.

Mais um dia? Não, meus amigos. Um outro dia.

RODRIGO SANT'IZABEL RIBEIRO
PI de Língua Portuguesa na E.M. Noel Nutels / 7ª CRE

A RUA
AO LADO

ELAINEMAR DIAS PINHEIRO

Numa cidade pequena de ruas estreitas e empoeiradas, vivia Jonas. O menino era bem gordinho, suas bochechas pareciam dois pães de mel com cobertura de chocolate. E por falar em doce, era da venda de cocadas que ele e sua avó viviam.

Era duro o seu dia a dia: fura coco, tira o leite da vaca, quebra o coco. Enfim, preparar tudo até que se transformasse naquele delicioso doce. Pois é, desde o seu nascimento, sua avó dedicava-lhe a vida. Porém, a incansável velhinha culpava-se o tempo todo pelo fato de o menino não estudar. Ela tinha a consciência de que o menino crescia sem falar direito, sem escrever direito o seu próprio nome.

Dona Nininha, como era carinhosamente chamada, não tinha escolaridade; pelo contrário, a sua trajetória de pobreza e trabalho duro nas fazendas lhe deixara alguns sofrimentos. E tudo o que aprendeu foi a escrita do seu nome. Eram dois coitados!

A filha de dona Nininha, fruto de um caso com o seu patrão, morreu no parto, e o genro... Ah, o genro, ninguém sabe. Todo esse pesar parece até hereditário, tanta dor, pobreza e luta. A pobre senhora, além de doceira, era rendeira. Para obter os materiais, necessitava da venda das suas produções. E assim ia vivendo.

Todo dia de manhã, Jonas saía para a venda. Passava em frente às biroscas, onde os bebuns quase o atacavam, comprando cocadas para curar a bebedeira. Aqueles corpos estavam sempre precisando de glicose. O menino também passava pela Igreja de Nossa Senhora do Amparo. Sempre esperto, tomava a bênção ao padre para adquirir uns tostões. As beatas acompanhavam a generosidade de seu mentor e compravam cocadas de todas as cores.

Na hora do almoço, ele voltava para casa. E sabia que o trabalho não acabara ao chegar, pois o preparo das cocadas o aguardava. Mas antes, como todos os dias, ele passava por uma rua onde havia um lindo jardim, na praça bem em frente a uma casa antiga, de cor amarela e relevos azuis nas laterais das paredes.

Lá de fora, o menino avistava muitas cabecinhas: pretas, ruivas, marrons, com laços de fita e arranjos de pequenas flores. Ouvia também algumas pronúncias, gritos, festejos, palmas e músicas. Uma voz grave e ao mesmo tempo doce soava e entrava aos poucos pelo seu ouvido. E aquele momento, cada vez mais, era agradável

para o menino. Aquele entusiasmo fazia o menino se demorar em pé na calçada. A brisa suave e perfumada, vinda do cheiro da flor de jasmim, inebriava o encantado garoto.

Jonas não sabia do que tratava aquele lugar; apenas tinha vontade de entrar e fazer parte daquele mundo, para ele divertido. Já tinha escutado falar em escola, mas nunca havia entrado em uma, não sabia sequer como seria. Ele não tinha intimidade com o assunto; porém, tudo ali o atraía. Quando se dava conta, já passava do seu horário habitual. E começou a ser sempre assim.

Seu Tião era um dos seus fregueses mais importantes e frequentes. O homem se enchia de cocadas, para que, quando chegasse em casa, estivesse mais lúcido no almoço com a esposa. E era desse jeito quase todos os dias: parecia não restar mais nada a fazer naquela cidade, a não ser beber e comer.

Sua esposa era conhecida como tia Maria. Ela dirigia um projeto que auxiliava meninos e meninas da região com atrasos nos estudos. Oferecia alimentação, recuperação na escolaridade, além de profissionalizar jovens para as áreas de confeitaria e marcenaria.

Quando seu Tião chegou em casa, a esposa o aguardava com a comida pronta. E, como de costume, o homem se preparava para comer, tendo ao lado do prato um saquinho úmido e cheirando a coco. Tia Maria foi logo perguntando sobre a embalagem e, com muita água na boca, mexeu no saquinho.

Vendo que era uma cocada, pediu um pedaço após a refeição. Sendo assim, nem fez menção ao estado etílico do marido. Seu Tião, então, aproveitou e comentou que havia comprado de um menino. Tia Maria logo se preocupou, por se tratar de uma criança.

No dia seguinte, foi aguardar a passagem de Jonas em frente à birosca e, nesse dia, seu Tião nem quis saber de bebedeira. De uma conversa a outra, o menino comentou com tia Maria sobre a casa amarela e azul.

Envolvida com o entusiasmo do menino e mostrando interesse em ajudá-lo, a mesma buscou soluções. Foi até a casa de dona Nininha, que ficava bem afastada da cidade, conversou com a senhora e, vendo suas dificuldades e a impossibilidade de andar muito, comprometeu-se com os dois.

Responsabilizada e comprometida em ajudar, a espevitada professora foi abrindo caminhos na vida de Jonas: colocou as cocadas à venda na birosca do marido, pediu ao padre permissão para a venda na cantina e nas festas. E Jonas não trabalhava mais.

O dinheiro das vendas ajudava nas compras para o material das cocadas, como lazer e no auxílio de despesas. Sendo assim, o menino finalmente conheceu uma escola e desfrutou dela. Tia Maria fazia por todos. Sua família agora tinha crescido, e dentro de sua casa não faltavam mais cocadas de dona Nininha e de Jonas.

ELAINEMAR DIAS PINHEIRO
PEF na E.M. Paraguai / 5ª CRE

EMBRIAGADO MARI MAGNO (FILOSOFIA DE BOTEQUIM)

MARCO MELLO

E como de costume, na aguardada happy hour das sextas-feiras, se encontraram num barzinho no Arco do Teles. Marcavam sempre lá pelas seis da tarde. Os três amigos tinham um prazer enorme em saber que iriam ter horas e horas de debates infindáveis madrugada adentro. O primeiro a chegar foi João. Sentou-se à mesa e chamou o garçom:

– Traz aquela gelada!

Estava fazendo um dia típico de verão. Afrouxou o nó da gravata e serviu-se do primeiro copo, quase de uma talagada só. Escutou a voz do Pará, o garçom:

– Pô, nem deu pro santo, João?

Este respondeu de supetão:

– Se o chefe não existe, que dirá seus subordinados!

Pará, limpando uma mesa com um pano muito duvidoso no que diz respeito à higiene, emendou:

– Que é isso, chefe? Um pouquinho de fé é igual a canja de galinha, não faz mal a ninguém.

João, de maneira cordial e com um sorriso no canto da boca, respondeu:

– Minha fé está na cerveja, e essa não perco!

Encheu o segundo copo, quando chegaram juntos Oswaldo e Nelson.

– Chegaram na hora? Que milagre!

– Ué, o ateusão da galera falando em milagre? – disse Oswaldo.

João soltou um palavrão amistoso, dizendo que era força de expressão e que Nietzsche é que estava certo.

– Não quero bancar o super-homem, *übermensch*, mas "Deus está morto"!

Todos deram risadas e sentaram-se. Oswaldo puxou o primeiro assunto e, noite adentro, começaram as mais diversas discussões. Lá pelas tantas, o garçom perguntou se queriam mais uma cerveja. Disse que seu turno de trabalho estava se encerrando. Responderam que sim e ainda pediram que ele trocasse de roupa e se juntasse a eles ao fim do expediente.

Pará, educadamente, disse que agradecia, mas que, infelizmente, o horário era proibitivo; afinal, tinha que chegar em Santa Cruz. Insistiram um pouco, mas, diante da firmeza do garçom, desistiram. Desejaram a ele um bom retorno ao lar e, logo após a saída de Pará, voltaram ao assunto.

– É fogo mesmo, tem uma galera que leva uma vida de sacrifício. Praticamente se resume a meio de transporte e trabalho. Ainda bem que não tenho uma rotina dessas. A vida do Pará deve ser doída – disse Nelson.

Oswaldo argumentou que nada sabiam da vida do Pará e que ele podia ser muito feliz. Afinal, disse Oswaldo, não foi Schopenhauer que cunhou a famosa frase que diz que a felicidade está na cabeça e não no bolso?

João deu uma enorme gargalhada, dizendo que parecia frase de autoajuda do Google, e completou:

– Na minha visão, a felicidade está na liberdade.

– A liberdade é uma ilusão. Estamos aqui, nesse momento, alforriados após oito horas de trabalho, na ilusão de que somos livres. Livres é o escambau! Sartre disse que o homem está condenado à sua liberdade. Que liberdade é essa que condena o sujeito, meu irmão? Isso é prisão! Liberdade para mim é ilusão e ponto final – Nelson retrucou.

– Na verdade, acho que essa liberdade vem acompanhada de outra palavra que é a responsabilidade. Liberdade sem responsabilidade é libertinagem. Busquemos o equilíbrio, meus amigos – Oswaldo disse.

– Queria achar meu equilíbrio exclusivamente nos prazeres da vida – Nelson completou, sorrindo.

Oswaldo então levantou o copo e falou:

– Se o prazer é o objetivo, então um brinde ao epicurismo e ao nosso Epicuro favorito.

Todos brindaram e esvaziaram o copo. João gritou para o novo garçom que passou a atender a mesa:

– Desce mais uma, Zé!

Enveredaram pela política, e João completou dizendo que, em relação à ilusão, algo similar acontecia na democracia. Que a falsa ideia de que participamos dos destinos do país colocava a todos numa gaiola dourada.

– Viveremos sempre essa faca de dois gumes que é a representatividade. Tínhamos é que ter o poder de tirar o sujeito de lá se ele não fizesse o que prometeu. São uns canalhas!

O papo se manteve na política durante um bom tempo e acirrou os ânimos. Afinal, um liberal, um progressista e um conservador animados pelo álcool elevavam os decibéis da conversa. Quase uma final de Copa do Mundo com Livre Mercado x Estado Providência. As outras mesas olhavam de forma negativa. Achavam que a qualquer momento uma briga se iniciaria.

Após o fim do round político, a conversa voltou à normalidade, e João percebeu que estava na hora de visitar o banheiro. Levantou-se e, no caminho, teve o estalo de uma resposta perfeita para uma questão que Nelson havia colocado. Pensou: "Tá aí, me identifico com os peripatéticos. Penso melhor caminhando".

Na volta do banheiro, ele foi interpelado por Nelson:

– Demorou pra caramba, João! – E continuou perguntando:
– Não foi ver essa próstata ainda, né? Fica aí nesse conta-gotas... Deixa de ser preconceituoso e vai lá ter aquele encontro gostoso com o seu urologista!

Gargalhada geral e um tapa amistoso no pescoço do Nelson. João, apesar das brincadeiras, assentiu e disse:

– Tenho que ver isso mesmo, a sensação era que eu ia abortar minha bexiga.

A analogia esdrúxula de João gerou risadas incontroláveis no grupo, que enveredou pelo tema do aborto.

– E aí, já mudou de opinião? – Nelson perguntou a Oswaldo.

– Claro que não. Vou morrer repetindo Stuart Mill...

Nesse momento, foi cortado por todos que, em coro, pausadamente e com sorriso debochado, entoaram:

– O indivíduo é soberano sobre seu corpo desde que não afete outra pessoa!

EPICUR
STUART MILL
MACHADO DE ASSIS
NIETZCHE

– Isso mesmo – respondeu ele. – E o feto é o quê? Um alien?

Outra série de risos intermináveis, e Nelson, numa mudança de tom, continuou:

– É, pessoal, a gente brinca, mas eu é que não queria estar na pele de uma pessoa num dilema desses. Graças a Deus nasci homem.

– O problema é que vivem num mundo das ideias e desconsideram o tangível – Oswaldo disse.

– Vai bater de frente com Platão agora, Oswaldo? Não teríamos que sair da caverna para sermos iluminados no mundo das ideias? Vai se apegar ao mundo sensível? – João, então, cutucou.

– Não preciso – rebateu ele. – Isso já foi feito por Aristóteles, por Nietzche. Dizem que ele mais complicou do que explicou. Reconheço que foi o primeiro a contemplar os pensamentos antagônicos de Heráclito e Parmênides, mas isso não muda o meu sentimento de que devemos, sim, confiar nos nossos sentidos.

– Aristóteles é que foi esperto. Foi ser professor particular do Alexandre, o Grande, seu conterrâneo macedônio – Nelson mandou de primeira.

– Professor nessa época devia ter algum valor e prestígio, coisa que hoje em dia...– disse João, ácido como sempre. E continuou: – Houve um tempo em que pensei em ser professor. Desisti da ideia. Acho magnífico quem abraça a carreira do magistério, mas não é para mim. E, olhando hoje em dia a situação de como a sociedade trata os docentes, acho que tomei a decisão correta.

Não houve risos. Embrenharam–se, então, pelos esportes, o que deixou a conversa bem menos pesada. Todos gostavam de futebol, mas não eram fanáticos. Veio então a famosa frase: "Futebol é a coisa mais importante dentre as menos importantes".

– Ah, grande Nelson Rodrigues – disse Oswaldo.

– Embora meu xará – discordou Nelson –, essa frase é do técnico italiano Arrigo Sacchi.

– Bom, te respondo citando a bela frase de Voltaire: "Eu discordo do que você diz, mas defenderei até a morte o seu direito de dizê–lo" – Oswaldo rebateu.

Nelson, mais uma vez, rebateu: – Olha, o amigo vai achar que eu estou pegando no pé, mas a frase é de Evelyn Beatrice Hall. Ela escreveu uma biografia de Voltaire.

Pronto, uma chuva de risadas e, óbvio, nova rodada de argumentações, réplicas e tréplicas. Nesse instante, na mesa ao lado, levantou-se uma mulher de formas exuberantes. Despediu-se das amigas. Ajeitou o decote generoso do vestido e se foi. Os três olhavam hipnotizados a cena quando, num momento de pieguismo calculado, João soltou:

– As feias que me perdoem, mas beleza...

Bateram palmas discretamente e, por um bom tempo, o universo feminino se transformou em pauta prioritária. Das aventuras sexuais, passando por machismo e feminismo, continuaram o bom embate. E assim foi aquela sexta catártica para aqueles amigos, até que a hora fatal chegou. O fechamento da "ágora". Aquele templo, chamado botequim, estava encerrando o expediente.

Dividiram a conta irmãmente. Despediram-se dos garçons. Pediram desculpas às mesas vizinhas e saíram cambaleantes, na intenção de conseguir um táxi. No meio do caminho, rumo à Rua Primeiro de Março, perceberam que estavam indo na direção errada.

– Estamos na Rua do Mercado! Estamos mal mesmo – Nelson advertiu o grupo.

Riram alto e voltaram pela Rua do Ouvidor. Ali avistaram alguns mendigos já dormindo em suas camas e cobertores de papelão.

A cena gerou nos três uma sensação de desconforto, mas apenas João teve coragem e então disse:

– "Mari Magno!".

– Machado de Assis? – Nelson completou, com a língua enrolada.

João assentiu com a cabeça, e deu um soluço. O álcool já cobrava seu preço. Tomou fôlego e completou:

– E também Lucrécio.

– Não vamos esquecer da grande banda Barão Vermelho! Fizeram um rock daqueles com *Suave Mari Magno*. Deram o nome de *Rock do cachorro morto* – Oswaldo acrescentou.

Os três se abraçaram e saíram cantarolando a plenos pulmões:

– "Ver padecer, como se lhe desse gozo!"

MARCO MELLO
PI de Educação Física na E.M. Ceará / 3ª CRE

UMA JULIETA CHAMADA BEATRIZ

PRISCILLA PEREIRA DA SILVA

Tudo começou no dia 12 de setembro, no intervalo de uma aula de Física, a partir da frase infantil: "Cala a boca já morreu, quem manda na minha boca sou eu!!!".

Beatriz, no alto de seus 17 anos, longe de ser uma aluna tímida e envergonhada, tagarelava durante todas as aulas do 2º ano do Ensino Médio. Falava no WhatsApp, postava fotos no Instagram, respondia e-mails, fazia posts no Twitter, curtia páginas de beleza no Facebook diretamente do seu iPhone.

Beatriz não precisava esquentar a cabeça com os estudos, pois nascera rica, linda e loira. Seu pai tinha tanto dinheiro, mas tanto dinheiro, que podiam viver confortavelmente por, no mínimo, uns 70 anos.

Desde o seu primeiro ano escolar, Beatriz estudava na mesma escola, onde era querida e bem aceita por todo o corpo docente. Pudera! As contribuições que seu pai fazia para as obras da igreja que era vinculada à escola eram de valores ocultos e incalculáveis.

A menina loira, de olhos azuis e rica, não era uma pessoa ruim, apenas nunca precisou olhar nada além do seu próprio umbigo. Se não aprendesse nada na aula? Dane-se!!! Ela possuía professores particulares que a atendiam sempre que os solicitava.

A menina tinha muitos amigos, usava as melhores roupas, fazia festas incríveis na sua casa com oito suítes, piscinas e banheiras de hidromassagem. Além de tudo, amava viajar; antes dos 15 anos, já havia conhecido 26 países e falava com fluência quatro idiomas.

Mas, voltando àquela terça-feira cinzenta do dia 12 de setembro, intervalo da aula de Física, em que Beatriz falava sem parar, quando foi interrompida por uma voz grave, ao longe, que gritava: "Cala a boca!!!!!!!", seguida de uma bolinha de papel que lhe atingiu bem na cabeça...

Como Beatriz nunca levou desaforo pra casa, prontamente respondeu virando para trás e dizendo:

– Cala a boca já morreu, quem manda na minha boca sou eu!!!

Não satisfeita, completou a frase, dizendo:

– Vem calar a minha boca...

Beatriz nem sabia quem tinha sido o autor da bolinha de papel voadora, muito menos sabia com quem estava furiosa. Continuou resmungando e gesticulando, até ser surpreendida com um belo de um beijo na boca, fazendo-a, dessa maneira, calar-se. Vermelha é pouco para descrever a cor que ela ficou.

A menina ficou desconcertada, sem graça, sem reação, sem nada. Nada se parecia com aquela menina tão esperta, inteligente e bem resolvida que sempre tinha resposta pra tudo. Acontece que Beatriz nunca tinha dado um beijo na boca, nunca, nunquinha. A menina, apesar de toda esperteza, nunca tinha se envolvido num romance; esse era seu primeiro beijo, dentro de uma sala de aula, dado por um desconhecido que a afrontava, no intervalo de uma aula de Física, enquanto ela tagarelava sem parar.

Ao som de gritos e palmas do restante da turma, uma turma de 2º ano, totalmente eufórica pelo que acabara de presenciar, Gustavo, o autor do beijo, olhou fixamente para Beatriz e lhe disse:

– Pronto, calei!!!!!!

Beatriz sentia, nesse momento, um misto de emoções... Teve vontade de chorar, gritar, esbofetear o menino que ela nem conhecia direito,

tantas vontades... Mas a única coisa que conseguiu fazer naquele momento foi sair correndo pelo corredor da escola.

Gustavo era um aluno novo, vinha de uma família humilde e desestruturada, onde foi criado e residia junto com sua avó materna, ao se mudarem de bairro. O menino foi avaliado e conseguiu uma bolsa de 100% na escola de Beatriz.

Diferentemente dela, Gustavo se preocupava muito com sua carreira e com o futuro. E era um menino vivido, fora criado em comunidades, sempre com influências negativas. Mesmo com sua pouca idade, já tinha visto coisas que até Deus duvida, mas nada foi capaz de desviá-lo do caminho do bem. Tudo de ruim que passou e viveu só deu forças para que Gustavo lutasse por dias melhores. Sonhava em dar uma vida digna à sua avó.

O aluno foi levado à Direção e advertido pelo mau comportamento, sendo aconselhado pela equipe pedagógica a seguir as regras do estatuto escolar para evitar maiores problemas, até mesmo uma expulsão. Mas em nenhum momento o menino se sentiu arrependido; na cabeça dele, tudo não passou de uma brincadeira.

Para Beatriz, a ação não teve o mesmo sentido: ela ainda estava perplexa com a audácia do rapaz, que mal a conhecia; não entendia como ele teve coragem para tal ato... Mas, muito mais grave que isso, nos pensamentos de Beatriz pairavam assuntos que ela não conseguia partilhar com ninguém, coisas do tipo: como aquele beijo tinha sido bom, como ela adorou encontrar alguém que não a temesse, que a tratasse de igual para igual...

Dias, semanas, meses se passaram, nos aproximamos do fim do ano letivo, Gustavo se adaptara muito bem à escola e não infringiu mais nenhuma das regras dali, encontrando-se apto a cursar o 3º ano do Ensino Médio.

Beatriz, por sua vez, também se encontrava apta a cursar o 3º ano do Ensino Médio e seguiu sua vida, entre festas, baladas, viagens internacionais e pensamentos no beijo de Gustavo. Sim, Beatriz não conseguia superar as lembranças daquele 12 de setembro, daquele intervalo da aula de Física, daquele beijo que a tirou do sério e a fez calar a boca...

Era 12 de dezembro. Durante um intervalo de uma aula de Sociologia, Gustavo viu Beatriz num canto do pátio. Diferentemente dos outros dias, ela estava sozinha e ele resolveu se aproximar e se desculpar pelo beijo forçado, pela grosseria de três meses atrás. Beatriz, entretida no celular, não viu Gustavo se aproximar, levando um grande susto quando o menino lhe cumprimentou com um boa-tarde.

Tentou disfarçar sua excitação, mas o rostinho branco ficou logo corado, denunciando todos os sentimentos que ela guardou na profundidade do seu ser... Gustavo não esperou a resposta de Beatriz, que não aconteceu, sentou ao seu lado, começou a falar da escola, da vida, dos projetos. Beatriz sorriu.

Ao contrário do habitual, ela não queria ficar falando desesperadamente coisas inúteis e fúteis, como fazia na maior parte do seu dia... Ela só queria ouvir a voz de Gustavo, observando cada movimento dos seus lábios, observando seus dentes pequenos, seu sorriso meio de lado... Beatriz sorria com as coisas engraçadas que ele falava. Apesar da grande distância socioeconômica que separava os dois, a menina percebia que Gustavo sabia aonde queria chegar, sabia que só realizaria seu desejo de uma vida melhor por meio dos estudos.

Gustavo percebeu que Beatriz não era tão fútil quanto ele imaginava; ela sabia conversar. Apesar de ainda estar perdida no que dizia respeito a sua carreira, ela era determinada, sabia que tinha que ter inteligência suficiente pra não deixar desmoronar o grande império que seu pai tinha construído...

Os dois trocaram WhatsApp, se adicionaram como amigos no Facebook, passaram a seguir um ao outro no Instagram e no Twitter... Gustavo começou a frequentar a casa de Beatriz, estudavam juntos e os pais dela admiravam muito o rapaz, que dava conta de trabalho e da escola sempre com eficiência e determinação.

Bom, acho que nem preciso dizer o que começou a surgir disso aí, né?? "E quem um dia irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração?" O amor tem dessas coisas, não enxerga cor, classe social, padrões éticos, estéticos... O amor vai além de um encontro de corpos, é um encontro de almas. "E que seja infinito enquanto dure" #BiaGus

PRISCILLA PEREIRA DA SILVA
PEF na E.M. Paraguai / 5ª CRE

O BILHETE

DEBORA DOS SANTOS BENEVIDES

Estava lavando as mãos na pia do banheiro e nunca, em momento algum, havia notado as hoje nada singelas manchas acumuladas, tais quais as manchas que observava nas mãos de minha avó quando eu era ainda uma menina. Levantei os olhos e o espelho me encarava, eu me encarava, agora séria, verificando cada ruga, cada marca de tempo, as fundas olheiras e talvez um cansaço que se escondia por detrás do globo ocular.

Nunca me preocupei com idade, nunca tive tempo para tal peripécia e certamente alegrava-me em ter o aniversário escondido pela data natalina. Assim, muitos se ocupavam com suas tarefas e não se recordavam da minha primavera. Nesse momento, via todos esses anos acumulados na minha face, no meu corpo, que já não respondia tão bem aos estímulos como na juventude.

Sequei as mãos, o rosto, e fui andando, vagarosamente, até um quarto que eu modestamente costumava chamar de "quarto de bagunça". Era lá que eu guardava tudo. Eu era uma professora em fim de carreira, e isso facilmente podia ser notado pelos milhões de papéis acumulados naquele quartinho. Cópias e mais cópias, livros, apostilas; cadernos, então, eram incontáveis.

Muitas vezes eu entrava naquele quarto à procura de nada, apenas tentava fugir do mundo, das minhas grandes inquietações, a recordar que, fora dali, eu não tinha sequer um amigo, um familiar que me chamasse a visitá-lo ou coisa do tipo.

Talvez por eu não ter mais um marido ou filhos, minha vida aos olhos dos outros pareça sem novidades, sem graça mesmo. Eu costumo não me incomodar com isso, pois, com o tempo, acabei fazendo do silêncio um bom companheiro, até mesmo pelo fato de a vida inteira

eu ter convivido com berros e vozes atropeladas dos meus antigos alunos. Ter um momento só para mim. O silêncio era, enfim, uma graça particular advinda dos céus.

Não sabia bem o que procurava na escuridão daquele quarto empoeirado e escuro. Andava em passos curtos para não tropeçar em nada, mas, infelizmente, uma caixa de sapatos cheia de pequenos livros se pusera certeiramente na direção do meu pé esquerdo, e eu, tentando equilibrar meu corpo, segurei na imensa estante de madeira. Sem sucesso, não apenas caí, como levei todos os livros e quinquilharias comigo.

Como uma espécie de cascata, cada objeto me acertava com tapas certeiros, e o golpe final foi da própria estante que, sem dó, desabou sobre mim. Ali, caída no escuro, fiquei a imaginar se havia quebrado alguma parte do corpo, como me levantaria, como seria para sair daquele lugar, já que a pesada estante me sufocava o peito. Então, me contive à fuga, permanecendo imóvel, respirando devagar, tentando me localizar pelo pequeno raio de luz que invadia o quartinho por uma pequena fresta no teto.

Aquele seria o meu fim: a velha professora, depois de dias ou meses, seria encontrada morta, submersa nos livros e cadernos que acumulara em toda a sua vida. Imagine a notícia no jornal! Jornal? Acho que sequer os vizinhos iriam ficar surpresos com a notícia.

Talvez todo aquele silêncio, toda aquela solidão tenha me causado uma grande amargura, melancolia, ou, como os jovens dizem hoje em dia, uma depressão. Pedi apenas a Deus que me fosse mais misericordioso, para que meu fim fosse brando.

Observei que aquele ponto de luz que vinha do teto findava em um livro que, caído, aberto em uma página, mantinha guardado há anos um pequeno papel, parecendo um bilhete. Aquele papel me gerou certa curiosidade; contudo, parecia improvável alcançá-lo. Eu tentava

pensar em outras coisas, e mesmo virando o rosto para outra direção, eu sentia que ele me chamava. Até que resolvi aceitar o desafio e, aos poucos, fui escorregando meu corpo frágil e, esticando o pequeno braço, que já não tinha a mesma força, alcancei a pontinha do livro. Tentei cravar as unhas, mas que unhas? Sempre tive pavor de unhas grandes e as cortava quase a sumir dos dedos.

Respirei profundamente e consegui desprender a coluna mais alguns centímetros para o canto. Assim, o dedo indicador tocou no bilhete. Abri a mão e, como uma mãe que acalenta carinhosamente o filho, prendi o bilhete entre os dedos e acariciei a página do livro até o final, trazendo com ele o pequeno pedaço de papel.

Finalmente junto a mim, mal podia entender a escrita, dada a escuridão do local, então levantei meu braço o tanto que pude até que o bilhete novamente alcançasse a luz e li, entre garranchos e erros gramaticais, o que seria: "Obrigada por tudo, professora. Você mudou a minha vida!".

Como um furacão, o mundo girou em um segundo dentro da minha cabeça e eu consegui lembrar, exatamente, o dia em que recebi aquele bilhete. Aliás, lembrava o dia anterior.

Era uma manhã de chuva e eu, já atrasada para o trabalho, tomei a condução, me sentando no banco próximo à janela com a bolsa em meu colo, tentando localizar em seu interior os meus tão desgastados óculos, para ler um livro que há tempos repousava perdido no fundo da mesma bolsa.

Antes mesmo de encontrá-los, surpreendi-me com um berro que me fez estremecer o corpo, apavorando também todo o grupo que seguia comigo no coletivo.

Era o anúncio de um assalto e, no desespero de não saber como agir, nem mesmo como o meliante iria conduzir a ação, eu apenas fechei a

bolsa e, quando ele passou por mim, rapidamente levantei os braços indicando o local onde havia depositado todos os meus bens. Ele não pegou minha bolsa. Apenas disse:

– A senhora não precisa me dar nada, professora.

Com a visão afetada e sem os óculos, eu não tinha a mínima ideia de quem poderia ter sido o rapaz que me direcionou aquela frase e desceu do ônibus levando vários pertences de cidadãos de bem e me deixando intacta, refletindo sobre o ocorrido.

Dei minha aula, retornei para casa e ainda pensava no que me ocorrera. No outro dia, segui andando a pé para o outro colégio. Era costumeira a chegada de alunos com atraso e, enquanto eu passava o dever, chegaram mais três ou quatro rapazinhos e começaram a copiar as atividades.

Quando fui explicar a matéria, pedi para que alguns alunos me ajudassem a resolver os problemas no quadro. No meio de algumas vozes entrelaçadas, uma se destacou. Era a mesma que me causou o tremor no dia anterior: Alberto.

Coloquei os óculos e pude reconhecer a imagem daquele que me "absolveu" do assalto. Tentei me conter e ele também nada comentou sobre o incidente, mas eu não esqueci. Dias se passavam e aquilo ficou remoendo no meu interior, até que resolvi encarar a situação e conversei com ele sobre o assunto.

O rapaz de 15 ou 16 anos me informava os motivos daquele ato, que, segundo ele, era costumeiro, e eu tentei ajudá-lo como podia. Comprei livros, dei aulas mais determinada e mostrei aos alunos que era, sim, possível, por meio não só da educação, mas da determinação, se tornar uma pessoa melhor.

O Alberto, assim como muitos outros alunos, terminaram os estudos, definiram suas profissões na vida e mudaram o futuro que muitos não conseguem, seja pela falta de fé, pela falta de oportunidade, pela prisão ou pelo fim de uma vida breve.

O bilhete, sim, ele me entregou um dia após o ocorrido assalto. Na verdade, não me entregou em mãos, mas, disfarçadamente, colocou dentro do livro que estava em cima da mesa. Eu, talvez por distração de tantas tarefas, acabei me esquecendo de verificar aquele pequeno recado, e ali ficou esquecido por anos.

Ele me viu naquele ônibus e percebeu que aquela atitude não era correta, pois, assim como a professora que estava lá, sentada, aguardando seu ponto de descida, outras pessoas também seguiam o seu caminho para o emprego. Assim conseguiam receber o seu salário de um trabalho duro, e ele, ali, roubava não só objetos, mas histórias, identidades, sendo que ele precisava ter a própria vida, a própria identidade.

O peso da miséria o sufocava e o levava a tentar tirar do outro o que não tinha para si. Hoje eu entendo que tudo tem seu tempo, e sim, hoje o Alberto conseguiu tirar o peso daquela melancolia que, como a estante, sufocava meu peito.

A fresta de luz continua brilhando, a vida continua lá fora. É hora de levantar desse chão. Ainda não é o tempo de findar a minha história.

DEBORA DOS SANTOS BENEVIDES
Secretária escolar na E.M. David Pérez / 4ª CRE

E SE EU GANHASSE NA MEGA-SENA?

FRANCISCO ASSIS DE LIMA

Ficar rico sempre foi uma obsessão para mim. Por isso, tentei continuamente a sorte nos jogos oficiais patrocinados pela Caixa Econômica Federal. Embora soubesse das probabilidades mínimas de isso acontecer, sempre fazia minha "fezinha".

Para aumentar minhas chances de êxito, lançava mão de mandingas e superstições as mais diversas. Nas minhas orações, nunca me esquecia de colocar esse pedido para meus santos prediletos. Os espíritos, os orixás e toda a trupe do além e do aquém também eram convocados para que eu lograsse meu objetivo o mais rápido. Minha mulher não acreditava em semelhante possibilidade e sempre reclamava dos gastos cada vez maiores com esses jogos que, para ela, eram jogos de azar.

– Deixa de ser besta, homem de Deus! Para que gastar dinheiro com essas bobagens? Não conhecemos ninguém que tenha ganhado!

– Espere e um dia você me verá milionário!! – eu sempre retrucava.

– Você está ficando viciado nessas coisas – dizia ela. – A cada semana um jogo novo: é quadra, é quina, é sena, Mega-Sena e sei lá o que mais. Você vai é ficar louco com essa obsessão.

– Não vou dar atenção para o seu pessimismo, pois tenho convicção de que o meu dia está chegando.

Anos se passaram e nada acontecia. Continuava jogando nas várias modalidades de jogos que tivessem as tais das cartelinhas de números e entrava em bolões nos mais diversos grupos: de amigos, de trabalho, de vizinhos, de pinguços, de familiares e da própria casa lotérica onde sempre realizava meus jogos.

É importante que se diga uma coisa: a casa lotérica tinha que ser sempre a mesma, pois senão quebrava o pacto que eu fizera com os seres deste e do outro mundo, que estavam de prontidão para ajudar no meu intento, na hora aprazada. E ninguém poderia saber os meus números, que eram uma particularidade minha e daqueles que estavam "trabalhando" comigo.

Um dia acordei com a sensação de que era chagada a hora.

– Hora de morrer? – Poder-se-ia perguntar.

– Nada disso! – digo para mim mesmo. – Hoje vou ficar milionário. Os amigos do além estão falando que a minha hora chegou.

A ansiedade tomou conta de mim

e não via a hora de acompanhar o sorteio da Mega-Sena. Tinha a nítida sensação de que iria conseguir. Foram trinta e poucos anos de expectativa e eu sentia que, finalmente, ia levar essa bolada.

Liguei a televisão uma hora antes do horário previsto para o sorteio, e os minutos me pareciam séculos. Meu filho mais velho chegou em casa e eu, mais do que rapidamente, pedi para que ele saísse, pois eu precisava ficar sozinho. Minha mulher tinha saído para o shopping, a meu pedido. Somente eu e meus "aliados" sabíamos que era chegada a hora. Outras pessoas poderiam estragar tudo e meu sonho, virar um grande pesadelo. Estar só em casa fazia parte de um planejamento que, embora não expresso, era parte daquele ritual.

O tempo passou com a lentidão de um jabuti e a hora tão esperada chegou.

– Chegou a hora! É agora!!!! – falei alto comigo mesmo.Ia começar o tão esperado sorteio e não me aguentava de tanta ansiedade. O locutor ficou enrolando e eu gritei:

– Vamos logo com isso, homem! Não vê que estou aqui quase enfartando?

Mas o cara não me ouviu e ainda ficou enchendo linguiça por intermináveis minutos. Finalmente, ia começar. O locutor começou

a falar os tão almejados números. Não acreditei: acertei o primeiro número, o segundo, o terceiro número...

Será que minhas previsões irão realmente se confirmar? Ainda tive uma ponta de dúvida, de insegurança.

– Pense positivo, pense positivo! – repetia para mim mesmo, como um mantra.

E continuou o sorteio. Acertei também o quarto, o quinto e...

– Me segurem que eu vou desmaiar! – gritei.

– É muita emoção para um só momento. Fiquei desnorteado, andando de um lado para o outro, feito um louco, dando voltas pela minha sala.

Após segundos de extrema loucura, ouvi o locutor anunciando o sexto número.

– Acertei – gritei, a plenos pulmões, dando saltos, feito louco.

Derrubei, de propósito, objetos de vidro e porcelana que estavam sobre a estante. E continuei gritando, surtado:

– Estou rico! Milionário!

Alguns minutos depois, já mais refeito, me dei conta da realidade. Parei de gritar para não alardear os vizinhos, porém não sabia qual o próximo passo a dar. Aquela euforia louca, que tomara conta de mim, foi finalmente controlada.

Comecei a pensar em ligar para todo mundo e contar a novidade. Peguei no telefone, comecei a discar, mas pensei melhor. Não podia espalhar a novidade, senão todos iam querer um pedaço da minha fortuna. Ganhei R$ 100 milhões, mas era um dinheiro que acabaria num piscar de olhos se resolvessem me pedir ajuda.

Pensei um pouco mais no que fazer. Morar em Paris? Não. Talvez Nova York fosse melhor, talvez Londres ou, quem sabe, numa cidade pequena nos confins do mundo, onde ninguém mais me encontrasse.

Não me decidi quanto a isso. Devia pensar melhor no que fazer. Comprar uns carros blindados, construir um castelo também à prova de balas, viajar pelo mundo. Quem sabe eu poderia conhecer Marte? Sempre quis conhecer outros planetas; talvez agora eu pudesse fazer isso. Pensando melhor, talvez o dinheiro não me desse esse poder todo.

Continuei sem saber como proceder... De uma coisa, porém, estava certo: não iria contar o fato para ninguém. Isso seria minha ruína financeira. Nas primeiras horas, não queria contar a novidade nem para minha mulher, com medo de que ela falasse para alguém. Sabe como é, né? Mulher não consegue segurar a língua.

Refleti mais um pouco e contei-lhe a novidade. Mas fi-la jurar que nada falaria para ninguém. Nem para meus filhos. Se tal ocorresse, eu sumiria e eles não teriam mais notícias minhas. Uma grande aflição começou a tomar conta de mim. A síndrome do pânico, o medo da violência, o olho grande dos vizinhos e perseguições que jamais passaram pela minha cabeça. Comecei a imaginar que haviam me sequestrado e que eu estava sendo torturado. No auge do desespero, acordei. Dei-me conta de que tudo não passara de um grande pesadelo e me senti grandemente aliviado por isso.

FRANCISCO ASSIS DE LIMA
PI de História na E.M. José Piquet Carneiro / 8ª CRE

NORTE E SUL

GISELE MENESES NASCIMENTO

"Não pode ser...", pensava Elizabeth, vez após vez, em sua cabeça. Não conseguia acreditar como tudo mudara em sua vida; mal percebia que a vegetação verde, quente e aconchegante de sua antiga casa ao sul do país se transformava em uma paisagem cinza, fria e distante, pela janela do trem.

Estava assustada; não, estava chocada. A cada momento que se afastava de sua terra natal, seu coração se entristecia mais. "Nunca gostarei de outro lugar", prometeu para si.

Do outro lado da cabine, seus pais a observavam com o mesmo sentimento, mas com intensidades diferentes. Sua mãe, cuja idade parecia ter alcançado com tamanha velocidade devido à angústia, sofria igual. Já seu pai havia se conformado com tamanho revés de sua vida.

Ao ver o desgosto no rosto de sua filha, o pai criou coragem para lhe perguntar se ela não podia dar um pouco de apoio à decisão de mudarem-se tão repentinamente de cidade. Elizabeth, envergonhada por demonstrar tão claramente o que a afetava, olhou para seu pai e disse com sinceridade: "Por que não podíamos continuar morando em Valley? Tínhamos nossos amigos, as aulas que eu dava na escola,

os passeios pelo bosque... Deixamos tudo para trás! Para o senhor dar aula numa cidade industrial, suja, onde as pessoas não dão a mínima para educação?".

Sentindo um pouco de alívio por finalmente Elizabeth falar, seu pai lhe perguntou se mesmo numa cidade como Hampton as pessoas não tinham o direito a aprender. "Será que não há algo de bom lá? Mesmo sendo uma cidade que respira trabalho e não tenha o céu azul?" Essas perguntas fizeram com que Elizabeth refletisse. Seria ela um tipo de juiz para decidir quem deve ter alguma coisa ou não? Ou se fizesse a sua parte em ajudar não poderia ter a oportunidade de ajudar alguém a não ser somente mais um trabalhador nas indústrias de algodão da cidade?

Mesmo não querendo dar o braço a torcer para o argumento de seu pai – "Todos devem ser chatos como as pessoas que falam alto neste trem", justificava Elizabeth –, aquela pergunta continuava a ecoar em sua mente. E o tempo passava ...

Seu pai continuava falando sobre os detalhes ao chegarem lá – e Hamptom se aproximava cada vez mais... Deveriam procurar um senhor Oxford, conhecido de seu padrinho, que havia se oferecido para ajudá-los a procurar uma casa e que estava interessado em ter aulas com seu pai sobre os grandes pensadores. "Aposto que deve ser um velho careca", pensava Elizabeth.

E, ao final da conversa em família, onde um tentava animar e o outro não queria ser animado, todos perceberam que haviam chegado ao seu destino final. "Vamos ver como Hampton pode me surpreender", pensava uma tristonha Elizabeth. "Vamos encarar a realidade."

Ao sair do vagão do trem, no meio da confusão de passageiros da plataforma da última estação da linha férrea, dos gritos para embarcar e da preocupação em pegar as malas, Elizabeth ouve uma pessoa chamar o nome de seu pai. Ao virar-se para ver quem era, surpresa, vê um homem, não careca, de aproximadamente 30 anos, com cabelos pretos e curtos, andando

HAMPTON

rapidamente, gesticulando com seu chapéu, e vindo na direção de sua família.

"Boa tarde", disse o estranho. "Sou o senhor Oxford. Vim esperar por vocês aqui na estação de trem por recomendação do senhor Fett, em vez de me encontrar com vocês na minha fábrica. Achei que poderiam se perder nesta cidade." E, naquele exato momento, por um segundo, seus olhos se encontraram e ambos ficaram vermelhos de vergonha. "Venham", continuou senhor Oxford, tentando disfarçar o momento embaraçoso. "Vamos embora daqui. Vou levá-los para o hotel." Não deixou de olhar novamente para Elizabeth, agora com mais coragem.

Elizabeth, surpresa com o ocorrido, deixou-se esquecer por um momento do que estava pensando durante a viagem e lembrou-se de seu último pensamento antes de descer do trem. "No que Hampton poderia me surpreender ainda mais?", pensou, enquanto sua mãe a chamava para ir embora e descobrir o que haveria nesta cidade fria e chuvosa.

GISELE MENESES NASCIMENTO
PI de Inglês no Ciep Gregória Bezerra / 4ª CRE

O ACIDENTE

ROSICLEIA SURCIN DA COSTA

Aconteceu há muito tempo; era época da Páscoa. Para ser mais precisa, foi numa Quinta-Feira Santa. Naquela casa, todos estavam muito contentes e ansiosos com a chegada do mais novo membro da família, que estava prevista para aqueles dias. O médico afirmara que o presentinho de Deus não passaria de domingo. Se fosse uma menina, chamar-se-ia Maria Vitória, e, se fosse menino, teria o nome do pai. Esse era o combinado, e todos haviam concordado.

O pai estava explodindo de alegria; tinha certeza de que seria um macho, e, por causa disso, já havia marcado um churrasquinho com muita bebedeira, lá no campinho, depois da pelada de domingo.

Naquela época, era tradição, quando uma criança nascia lá na rua, fazer uma festa com muitos comes e bebes. Era o "xixi do neném". E, quando alguém morria, o velório era em casa, onde se serviam café, sucos e salgados. Lembro-me bem: no cortejo do falecido senhor Jota serviram cachorro-quente. Foi o primeiro que comi na vida e, a propósito, eu adorei!

E ficava pensando em como foi bom velar o senhor Jota, com muita coisa gostosa para comer. Eu até gostava do falecido. Vê-lo espichado em cima daquela mesa me fez chorar bastante. Afinal, ele sempre me presenteava com doces e balas e eu nunca desejei que morresse, mas já que ele morreu, eu aproveitei: comi tanto que não pude acompanhar o cortejo na manhã seguinte, porque fiquei com diarreia.

Naquele tempo, as crianças também acompanhavam os enterros, carregando um raminho de flor até o cemitério. Era bem assim: tanto na vida como na morte, tudo se comemorava.

Naquele dia, o pai havia saído muito cedo para trabalhar, mas avisara à esposa que iria almoçar em casa, embora ele fosse proibido de fazer aquilo, pois não podia sair da sua rota de trabalho. Contudo, a situação da mulher o preocupava. Ela não tinha passado muito bem à noite, a barriga estava baixando, prestes a dar à luz.

O doutor avisara que a criança poderia nascer a qualquer momento. A situação fez com que ele desobedecesse às normas da empresa, arriscando-se até a perder o emprego.

O homem era motorista de uma multinacional. Ele fazia entrega de combustível para os postos de gasolina. Tinha um bom salário, o que lhe permitia cuidar bem da família. Além de ser empregado da multinacional, tinha seu próprio caminhão, que alugava de vez em quando para fazer carretos, e um carro pequeno de passeio.

Os finais de semana eram divertidos.

Quando fazia sol, Caíco, como era conhecido, pois seu nome de batismo era Euclésio Epaminondas, enchia a boleia do caminhão com a garotada da vizinhança, pegava suas crias e a mulher e partiam rumo à Praia do Galeão. Gostavam de ficar bem embaixo da ponte, às vezes iam para a Pedra da Onça. Levavam frutas, frangos, farofas, refrigerantes e lá passavam o dia.

Até que ele comprou uma casa em Sepetiba para veranear. Ah! Foi uma alegria danada! Euclésio convidava todos os amigos do local para a casa da praia. A esposa não gostava muito porque a mulherada da rua se oferecia para ir aos passeios, e, além disso, corriam rumores de paqueras do rapaz com certas sirigaitas vizinhas, e que umas e outras andavam arrastando as asas para ele.

Vez por outra, rolava uma desavença por causa de ciúmes por parte da Marilda, a esposa do camarada. Ela vivia ameaçando que ainda haveria de quebrar a asa de alguma. Mesmo assim, as hóspedes indesejadas compareciam. Isso causava muito aborrecimento e indignação à dona da casa.

O jovem anfitrião era cidadão trabalhador, cumpridor dos seus deveres, alegre, bem afeiçoado e benquisto por todos onde morava. Nascera naquele lugar. Ali na Maracá, quase todas as pessoas tinham, de alguma forma, algum grau de parentesco.

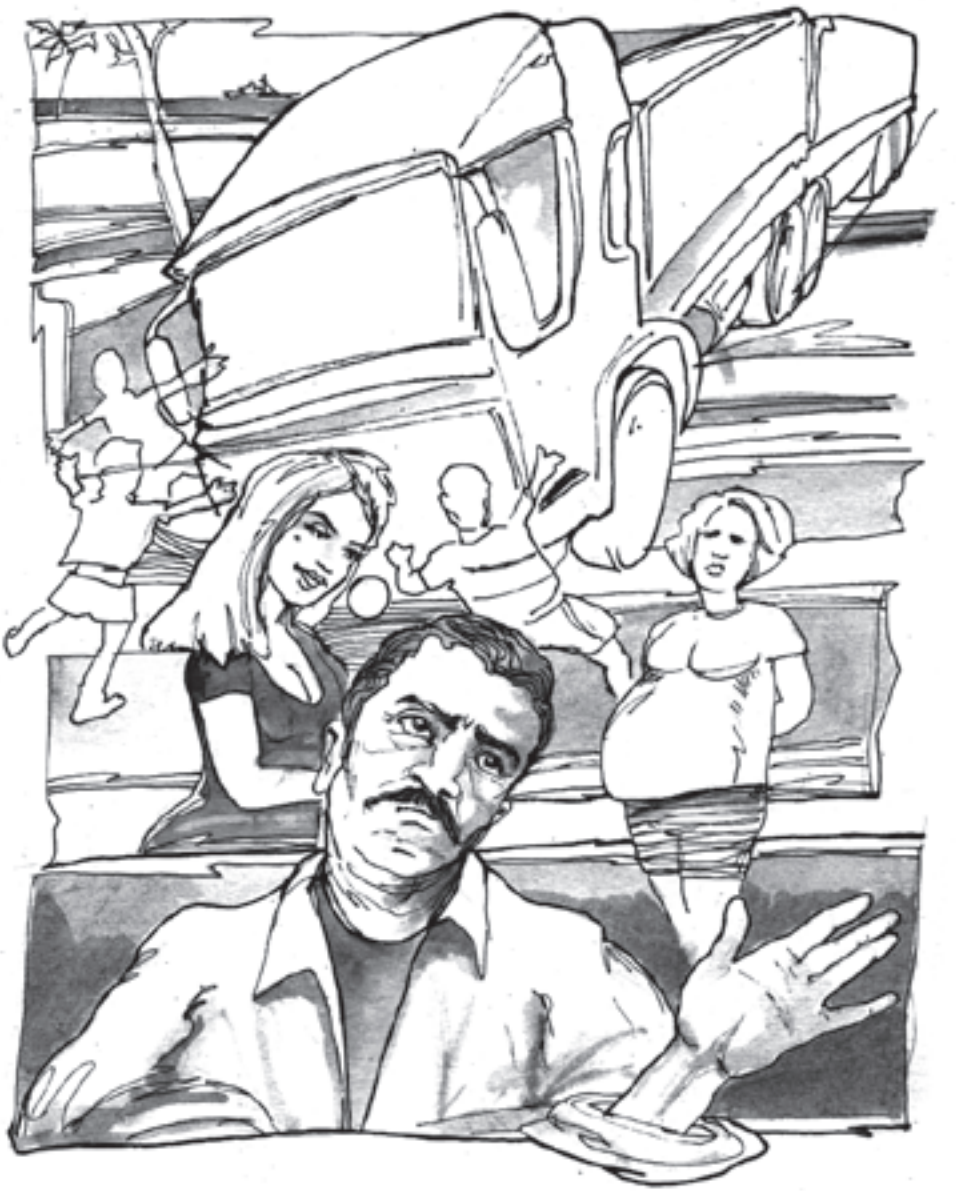
A vida seguia tranquila e a família, feliz. O relógio batia meio-dia. A comida já estava pronta e a mesa, posta para o almoço, na expectativa de que o marido chegasse. Enquanto as crianças brincavam no quintal da casa, a mãe, com uma barriga enorme, quase parindo, lavava roupas no tanque. Ouviu-se o barulho do caminhão subindo a ladeira. A mãe gritou: "Crianças, o papai está chegando!".

As crianças, eufóricas, correram para o portão a tempo de ver a carretona manobrando lá no alto da ladeira. À medida que a carreta começou a descer a rua, ao mesmo tempo se ouvia lá de dentro do caminhão o motorista gritando: "Sai da frente que eu perdi o freio, sai da frente que eu perdi o freio...". Infelizmente, o freio do caminhão havia quebrado e não tinha como pará-lo. A desgraça era iminente.

No início da rua tinha uma via expressa, onde o fluxo de veículos era intenso; a cada segundo, passavam ônibus, caminhões e carros. Um desastre seria inevitável, se continuasse descendo. Na porta de casa estavam seus filhos e, do outro lado, os sobrinhos e outras crianças brincavam. O motorista não tinha saída; não lhe vinha à cabeça uma solução que lhe tirasse daquela agonia estonteante. Então, ele clamou a Deus que amenizasse a desgraça que, sabia, estava por vir, que segurasse suas mãos e o guiasse pelo melhor caminho.

De repente, o motorista teve um lampejo: a melhor opção seria jogar a frente da carreta em um terreno baldio que havia depois de cinco casas após a sua. Dessa forma, poderia parar o mostrengo. O tal terreno era o campinho onde rolavam as peladas de domingo. Ficava bem ao lado da casa da Amélia.

A Amélia... Bem, essa era casada com o Lito, amigão do Euclésio, mãe de dois filhos, mulher bonita, vaidosa, espalhafatosa e de conduta duvidosa. Diziam até que ela era amante do rapaz, embora



a Marilda não acreditasse em tal fuxico, pois as duas eram amigas de frequentar uma a casa da outra. Amélia não perdia os finais de semana em Sepetiba.

Sem outra opção e tomado de desespero, foi o que o motorista fez: numa manobra rápida jogou a carreta no terreno, na tentativa de fazê-la parar. Porém, atingiu parte da casa da dita amante, e o que ele não previa era que ali no campinho, bem encostados ao muro da casa da Amélia, oito rapazes jogavam ronda, inclusive o filho mais velho dela, que, no sábado, estaria completando 18 anos.

A desgraça não poderia ter sido maior: os oito rapazes foram atingidos em cheio e somente dois sobreviveram para contar a história. Seis mortos e quase todos mutilados.

Uma explosão de angústia e desespero instaurou-se naquele lugar. Um verdadeiro caos! Mulheres gritavam, desmaiavam, outras procuravam por seus filhos, sirenes de ambulância, polícia, crianças assistindo àquele desastre horrível!

O pessoal sumiu com o motorista do local para que não fosse pego em flagrante. Ele não foi preso, porém, mais tarde, respondeu a um processo criminal e, claro, perdeu o emprego. Precisou de tratamento psicológico durante muito tempo, pois vivia atormentado pelos fantasmas de suas vítimas.

Amélia gritava compulsivamente, pedindo perdão a Deus. Dizia que estava sendo punida pelo seu adultério e que não poderia haver castigo maior: ver seu filho assassinado pela mão do homem que amava.

O Lito ficou à beira da loucura, chorava e gritava que não podia acreditar no que via e ouvia. O castigo dele era o maior de todos; além de perder o filho, descobriu que era corno duas vezes, pois fora traído pela mulher com o seu melhor amigo.

Marilda, a esposa, passou mal, entrou em trabalho de parto, foi levada às pressas ao hospital e deu à luz um menino: Euclésio Epaminondas Júnior, como era a vontade do pai.

Os filhos entraram em estado de choque, chamando o pai o tempo todo. Queriam porque queriam o pai e foram levados para casa de parentes, longe dali.

Euclésio Epaminondas e a família passaram dois anos fora daquele lugar, ficaram confinados na casa de um compadre. Depois de findo o processo, eles retornaram para a residência de Maracá. Entretanto, a família nunca mais foi a mesma. Todos ficaram marcados pela tragédia. Os filhos, quando passavam pela rua, eram apontados como "os filhos do matador". O casal acabou se separando.

O tempo passou e, como tudo acaba caindo no esquecimento, aquela cena desgraçada foi-se apagando e ficando adormecida na memória de alguns moradores do local onde ocorreu a tragédia. Todavia, não nas lembranças daquele jovem atormentado. A alegria que ele transmitia transformou-se em tristeza. Euclésio tornou-se um homem amargurado, adoecendo a cada dia. Conviveu com aquele espetáculo horrendo até o fim de sua vida.

A família mudou-se do local e nunca mais houve notícias dela.

ROSICLEIA SURCIN DA COSTA
PII na E.M. Holanda / 1ª CRE

HISTÓRIAS DE DONA LALÁ

ROSANGELA BATT DOS SANTOS

Dona Lalá foi uma criança que, até os seus 8 anos de idade, era a irmã mais velha das meninas em uma família de quatro irmãos. A mais nova tinha 2 aninhos quando sua mãezinha engravidou e nasceu Dasdores. De um lado, era só alegria, pois veio mais uma linda menina; de outro, veio a tristeza, pois dona Jandira, em alguns meses, veio a óbito devido à complicação no parto.

Nessa época, os partos eram feitos em casa. Não havia recursos. Deixando cinco filhos aos cuidados de seu marido, o senhor Humberto se viu sozinho para cuidar deles. E pensava: "Como cuidar das crianças, se tenho que trabalhar?". Ele, por ser muito conhecido, contou com a ajuda dos vizinhos.

As crianças tinham de 12 anos até a caçula recém-nascida: Alaino, conhecido pelo apelido de Lão, era o mais velho; Antônio, que era chamado de Tonho, nessa época estava com 10 anos. Alaíde, a nossa protagonista, conhecida também carinhosamente por Lalá, tinha 8 anos. Maria, a outra menina, recebeu o apelido de Balica, aos 2 aninhos, e ninguém sabe contar o porquê. Edileia das Dores era a Dozinha ou Dodô.

Lalá, com seus 8 aninhos, começou a cuidar das irmãs menores. Balica e Dodô tinham um amor muito grande por Lalá. E, não aguentando criar os filhos sozinho, o senhor Humberto partiu para seu segundo casamento, com uma boa moça, que atendia pelo apelido de Tonha. Época de muitos apelidos!

A moça foi uma boa madrasta, cuidou com muito zelo das crianças. E começaram a vir os irmãos do segundo casamento do senhor Humberto.

Epaaa! De cinco foram para doze crianças! Nessa época não tinha televisão, geladeira, fogão a gás, ventilador etc. Certos confortos comuns no dia de hoje.

O bom é que as crianças eram felizes, pois brincavam na rua, de roda, pique-esconde, passar anel e outras diversões. O que chamava atenção nas casas era o fogão à lenha, a lamparina, o lampião, o ferro a carvão, as tranças de alho e de cebola penduradas.

E Lalá, vendo a dificuldade do pai, foi trabalhar em casa de família. Tinha 12 anos e nunca mais retornou para casa, a não ser nos finais de semana. Aos 19, se envolveu com um homem que, aos seus olhos, era o amor da sua vida. Pobre menina! Sonhava em ser feliz e ter encontrado seu príncipe. Só que esse príncipe era um homem sem caráter e infiel à esposa! Isso mesmo, o príncipe era casado e com filhos. E engravidou a menina sonhadora! Então, Lalá continuou a trabalhar e criou seu filho, um menino batizado como Gilberto. Ele foi criado nessa casa onde ela trabalhava.

Chegando aos 25 anos, apareceu outra pessoa e logo ela pensou: "Agora vou ser feliz!". De novo, não era um príncipe! E, mais uma vez, fez a escolha errada: o moço casado por sete meses estava separado, pois havia encontrado a mulher dele com um amante, isso há 55 anos.

Diante desse fato, ele se mostrou, com o passar do tempo, um homem mulherengo; gostava de jogar e sem compromisso com a família. Teve um casal de filhos, João e Maria, desse segundo relacionamento, que só durou nove anos. O moço não respeitava aquela mulher e nem os filhos; até fome passariam se Lalá não lavasse as oito trouxas de roupa pra fora. Não teve um final feliz! Outra separação!

Pensa em uma mulher guerreira, trabalhadora e sempre pronta a ajudar a todos que de alguma forma pediam sua ajuda e que, mesmo com muito sofrimento, tinha um sorriso estampado no rosto sofredor: esta era a Lalá.

RESTAURANT

Com o passar dos anos, sua filha teve uma menina, uma neta que foi o maior presente que Deus poderia ter dado a essa senhora. Lili foi o grande amor da vó Lalá; ela queria comprar tudo o que estava ao seu alcance para dar à neta primogênita. E logo vieram outros netos: Paulinho, Tasses, Vitória e Rebeca. Para completar sua felicidade, Lili a tornou bisa Lalá: nasceu Duda. Quanta felicidade!

Uma de suas irmãs, a Balica, que era casada com um homem muito bom, tinha cinco filhos. Nunca deixou de ajudar a irmã mais velha; seu marido amava os filhos de Lalá, que o consideravam um pai. Um dia, Balica montou um restaurante no sítio onde morava, com alguns sócios, e convidou Lalá para trabalhar como cozinheira; as duas eram implacáveis. Comida gostosa estava ali naquelas mãos abençoadas!

Com o passar dos anos, a querida Lalá já com seus 75 anos e ainda fazendo o que mais gostava – trabalhar – teve um AVC no emprego, e dali em diante sua saúde não foi mais a mesma. O filho mais velho veio a falecer logo depois e Lalá não suportou a dor de não andar mais, e também partiu.

E Deus levou para si aquela mulher, que ensinou para seus filhos que devemos respeitar o próximo. Se aprenderam isso... é uma nova história. Por falar em respeito, acho que todos os pais responsáveis ensinam a seus filhos o caminho certo. E a semente, quando é plantada, um dia ela cresce.

Um dos legados que dona Lalá deixou e sua filha ensina para os filhos até hoje é que "devemos amar ao próximo como a nós mesmos", esperando que eles plantem essa semente também.

ROSANGELA BATT DOS SANTOS
Merendeira readaptada na E.M. Alzira Araujo / 9ª CRE

A REALIDADE DE UM SONHO

JOANA DUQUE DUTRA LEORNE

Em um pequeno vilarejo de uma pacata cidade de interior, viviam famílias tradicionais, cujos casamentos ainda eram arranjados, as moças eram submissas e os homens, machistas.

As mulheres tinham pouco acesso ao estudo e viviam para cuidar da família e da casa. Caso alguma "ovelha desgarrada" resolvesse chegar ao nível superior, seria necessário mudar-se para cidades grandes vizinhas, e assim acontecera com Sebastiana.

É lógico que com tanta tecnologia e acesso às informações, muitas moças faziam reflexão sobre o futuro, mas quase ninguém tinha coragem de enfrentar as normas daquela sociedade. Mas Sebastiana foi audaciosa, juntava seus trocados e as mesadas desde o início da adolescência e, aos 18 anos, após completar o Ensino Médio, resolveu contar seus planos à família. Mesmo sendo contrariada e repudiada por seu pai, ela seguiu seu sonho, comprou a passagem para a Grande São Paulo e foi morar em um albergue no qual vivia uma amiga virtual que conhecera na internet.

A vida no início não foi fácil; teve que trabalhar de babá e doméstica durante o dia e de garçonete nas noites paulistanas. Dormia poucas horas por noite, tudo isso ao mesmo tempo, para custear suas despesas naquele lugar. Mas, após dois anos de muita luta e esforço, Sebastiana ingressou na tão sonhada faculdade e, só aí, voltou a dar notícias à família. A partir desse fato, começou a fazer contato com maior frequência.

Suas irmãs, sempre que podiam, iam a uma lan house local para conversarem pela internet, e Sebastiana omitia as dificuldades que algumas vezes passava; ela demonstrava sempre estar satisfeita com a escolha feita. Seu pai era muito bronco, e, mesmo fingindo não querer saber nada a seu respeito, rezava todas as noites para que Sebastiana estivesse bem.

Finalmente, após cinco longos anos de muito estudo, veio a tão sonhada formatura, e a menina guerreira, com vontade no olhar, que saíra do interior, conseguira realizar seu sonho: ser dentista.

A menina tímida e tranquila agora era uma mulher formada, que trabalhava como auxiliar num consultório dentário, adquiria experiência em sua profissão, tinha um salário melhor e morava sozinha, de aluguel, numa pequena casa. Sua família, vestida de orgulho da nova profissional de Odontologia, juntara suas economias e fora, de surpresa, participar da emocionante colação de grau de Sebastiana. Agora com quase 26 anos, ficou muito feliz com a iniciativa tomada pela família, e juntos passaram uma semana de dias incríveis na Grande São Paulo. Mas todos precisavam voltar para suas rotinas.

A família desejava muito que ela voltasse para sua cidade natal. No fundo, todos tinham esperança de que o momento seria aquele, pois, para eles, a menina já havia realizado seu sonho. Porém, Sebastiana não era mais a mesma, e seus sonhos agora eram outros.

JOANA DUQUE DUTRA LEORNE
PEF no Ciep Gregório Bezerra / 4ª CRE

UMA MANHÃ DE DESVENTURAS

PRODUÇÃO COLETIVA

Anastácia acordou atrasada, não deu tempo nem de tomar café da manhã. Tomou apenas uma dose de coragem, pegou a primeira roupa que viu sobre a cadeira do quarto e, na correria para se arrumar e prender os cabelos sem perder tempo, nem mesmo percebeu que os calçados que colocou eram de pares diferentes.

Pegou ainda seu conjunto de bolsas – sempre repletas de papéis de todos os tipos e estojos com canetas de todas as cores –, que mais pareciam bolsas de viagem. Respirou fundo enquanto fechava a porta de sua casa e girava a chave.

Na rua, todos olhavam aquela confusão de mulher que andava apressada, visivelmente atrasada, só não se sabia se para o trabalho ou para alguma viagem. E sob os olhares curiosos dos transeuntes, com seus passos rápidos, milhares de pensamentos flutuavam em sua mente.

Não podia se esquecer de pagar o cartão no dia seguinte, nem de comprar os remédios de sua mãe; a vacina do cachorro já estava atrasada dois meses; a ração dele, quase no fim; o capítulo do dia anterior de sua novela favorita tinha sido surpreendente; precisava chegar a tempo de ver o capítulo do dia: será que Isabella iria, finalmente, descobrir as armações de Antônio? E a carne! Tinha se esquecido de tirar a carne do congelador a tempo de prepará-la para o jantar...

Envolvida em seus pensamentos, percebeu que estava perto do ponto onde costumava pegar o ônibus, e mais uma vez, quando estava a poucos passos de chegar, o ônibus passou por ela em alta velocidade. Era a terceira vez que isso acontecia naquela semana. Parecia que esse horário era milimetricamente combinado, apenas para fazê-la abanar

os braços freneticamente tentando chamar a atenção do motorista e ainda fazê-la correr para alcançar o lugar onde ele havia parado, sendo claro que era um pouco mais adiante do ponto. Afinal, Anastácia e ônibus definitivamente eram duas coisas que não combinavam.

Para completar a cena, ao passar, o ônibus havia respingado água suja de uma poça próxima em cima dela. Ao olhar para si mesma, conferindo seu estado, percebeu que, além de estar molhada e amassada (já que tinha reaproveitado uma roupa do dia anterior), estava com aqueles sapatos trocados, que vergonha! Mas, diante das circunstâncias, não dava tempo de voltar em casa para mudar e decidiu seguir em frente. Fazer o quê? Era culpa do outono!

Assim que alcançou o ônibus, decidiu que tinha que sentar, a qualquer custo e logo, para evitar que as pessoas percebessem seu estado já deplorável a essa hora da manhã. Assim que subiu os degraus, avistou a resposta aos seus pedidos: um único lugar vago! Era muito bom para ser verdade! E era mesmo, pois assim que chegou ao lado do assento vazio, e já estava pronta para se sentar, percebeu o porquê da disponibilidade daquele lugar. Havia uma goteira pingando bem em cima do assento.

Sem alternativa, ficou de pé com suas bolsas enormes em meio ao corredor do coletivo, atrapalhando a passagem. Poucos minutos se passaram, até que começou uma confusão. Uma senhora que queria descer não conseguia passar de forma nenhuma, pois o ônibus estava relativamente cheio. Ela não era tão esbelta assim e os milhares de bolsas de Anastácia atravancavam o que tinha sobrado da passagem.

Nervosa por não ter como atravessar, a senhora começou a vociferar palavras não muito agradáveis, culpando nossa heroína que, mesmo em meio àquela torrente de impropérios, tentava manter a calma. Respirou fundo e, com um pedido de desculpas e um meio sorriso, tentou dar passagem da melhor forma possível, desejando ainda que a senhora tivesse um excelente dia, e encobriu bem o suficiente os pensamentos explosivos que passavam em sua cabeça.

CONTAS

Percebendo toda a dificuldade de Anastácia, ou incomodado com os constantes e dolorosos esbarrões de suas bolsas, o homem sentado a sua frente cedeu o lugar para ela. Mas, para continuar seu infortúnio matinal, no ponto seguinte o ônibus fez um barulho estranhíssimo e não quis sair do lugar, apesar dos esforços insistentes do motorista em mexer em todas as alavancas e botões disponíveis no painel.

Era o que faltava! O ônibus havia quebrado e todos tinham que descer para esperar, na rua, o próximo que passasse, torcendo para que estivesse vazio, ou pelo menos não tão lotado, se possível com algum lugar, já que nesse ela havia acabado de se sentar.

Sem acreditar em tudo o que já havia vivido naquele início de manhã, Anastácia foi surpreendida pelo barulho de uma buzina, pois o lugar onde tiveram que descer, além de ser pouco convidativo, famoso pelos maus elementos espalhados pelos cantos, tinha o problema da falta de recuo para as pessoas ficarem em segurança fora da via, correndo o risco de serem abalroadas por um veículo desavisado e em alta velocidade.

Para desespero geral, como se não faltasse mais nada, começou a chover. Primeiro uma chuvinha fininha, que todos fingiram não perceber para não piorar o clima de insatisfação, mas que, aos poucos, foi aumentando e engrossando, deixando Anastácia preocupada com suas bolsas, que eram enormes, mas não impermeáveis. Seus muitos e pesados papéis estariam molhados e impróprios para o uso em alguns minutos e pingos mais.

Todos os ônibus que passavam estavam lotados, e seria humanamente impossível até mesmo entrar neles. Por isso, junto com três outros colegas de infortúnio, ela decidiu rachar um carro de aluguel com preço competitivo para transporte de passageiros, desses que chamamos pelo aplicativo do celular. Mas, como tudo é mais difícil quando está chovendo, o carro demorou a chegar, encontrando todos ensopados e irritados, prontos para reclamar ao menor sinal de insatisfação.

A insatisfação foi desfeita assim que o motorista abriu a porta do veículo, em uma visão que compensou toda a demora e os sacrifícios

da manhã, pois ele era como um deus grego, como dizia a música que veio à mente de Anastácia – "moreno alto, bonito e sensual". Claro que nossa querida e ensopada personagem se apressou, um pouco exageradamente, para sentar no banco da frente.

Após todos se acomodarem no veículo – o que não foi assim tão fácil, devido às circunstâncias úmidas e aos pertences volumosos –, finalmente seguiram para seus destinos. Papo vai, papo vem, Anastácia aproveitava para desabafar seus infortúnios.

Os outros passageiros foram descendo e ela, ficando por último, até que, repleta de coragem e inebriada pela visão romântica numa manhã cinzenta, convidou o motorista para um lanche após o trabalho, o que foi educadamente descartado por ele, que explicou não poder aceitar o convite já que era um homem casado.

Muito sem graça, se encolhendo cada vez mais no banco do carona, Anastácia se desculpou pelo convite descabido, deu graças a Deus que já estava chegando ao seu destino e, prometendo a si mesma que nunca mais faria uma coisa assim, finalmente desembarcou.

Assim que desceu do carro com seu conjunto de bolsas, sapatos trocados, roupa amassada e molhada, cabelo desgrenhado e praticamente sem autoestima, levantou os olhos, avistando à sua frente o edifício tão familiar pelo qual atravessara tantas adversidades para chegar naquela manhã.

Achou que estava silencioso demais, as luzes apagadas, e não se via ninguém lá dentro. Estava tão atrasada que, a uma hora daquelas, certamente estaria escutando o burburinho crescente, constante e quase ensurdecedor vindo das salas de aula. Para completar, percebeu o cadeado no portão, impedindo a entrada.

Sem compreender o que poderia ter acontecido para estar vazio e trancado a uma hora daquelas, resolveu telefonar para alguém, procurando o celular dentro de uma das bolsas – o que não era

uma tarefa fácil, pois, como todos sabem, bolsa de mulher é como o Triângulo das Bermudas: tudo se perde ali dentro e encontram-se coisas inimagináveis.

Com o telefone nas mãos, discou o primeiro número que veio à sua mente, buscando socorro em sua amiga que, maravilhosamente, também era sua colega de trabalho. Melhor ainda, dava aula na sala ao lado da sua e, por isso, sempre a amparava em momentos críticos. Ao atender ao telefone, essa amiga disse que era uma grande coincidência, pois estava a ponto de ligar para Anastácia, pois precisavam fazer um programa, careciam relaxar após a semana de provas...

Afinal, todo mundo espera alguma coisa de um sábado à noite!

ADRIANA CABRAL DO NASCIMENTO / PII · **ALESSANDRA SOUZA ANDRADE** / diretora adjunta · **ALISSON CESAR DA SILVA** / PEI · **ANA LÍGIA COUTINHO** / PII · **ARIANA DE ALBUQUERQUE PEREIRA** / PII de Sala de Leitura · **AUGUSTINHO CARLOS GOMES** / PI de Educação Física · **CARLA DO NASCIMENTO COSTA** / PEF · **CLAUDIA CERQUEIRA DE ARAUJO** / PEF de Artes · **CLAUDIA OTÁVIO DA SILVA** / diretora · **CLEIDE DE CARVALHO BARRETO** / PI de Educação Física · **CRISTIANE SANTANA MARTINS** / PII · **DANIELA DE PAIVA BARBOSA** / PII · **DENISE GUIMARÃES FORTES** / PEF · **FABIANE VIEIRA** / PEF · **JOICE TOLENTINO MENDES** / coordenadora pedagógica · **LUCIANA DO NASCIMENTO DA SILVA** / PEF · **LUIZA FERNANDES TEM TEM** / PII · **LUZIMAR CARDOSO** / PII · **MARCOS ROCHA** / PI de Educação Física · **MARIA ESTHER RODRIGUES** / PII · **NATÁLIA ARÊAS BARROS** / PEF · **NILCE CUNHA PINHEIRO** / PI de Inglês · **PRISCILA DE MENDONÇA COENGA** / PII · **PRISCILA GAIA** / diretora adjunta · **ROBERTA DE SOUZA BRETAS** / secretária escolar · **SHEILA DOS SANTOS** / PEI · **VANESSA MARTINS DE SOUZA** / PEF
Ciep Herivelto Martins / 9ª CRE

PARAFRASEANDO A VIDA

ÉRIKA SATLHER

Voltar ao Largo da Carioca! Nada lhe causava tanta nostalgia quanto uma visita ao centro da cidade e, principalmente, ao bom e velho Largo. Seu nome é Maria Lúcia, uma mulher de cabelos alaranjados, pele alva e boca vermelha. Sua mãe a levava, desde que estava ainda no ventre, a um passeio diário ali. Talvez seja esse o motivo de gostar tanto desse lugar.

O ano era 1989. Ela nascera em março. Seu nome não poderia ser outro, afinal, sua mãe havia passado os nove meses de gestação cantarolando *Faroeste caboclo*, uma verdadeira febre musical que acometeu os jovens daquela época. Eram nada mais, nada menos que 168 versos, que duravam nove minutos e três segundos, e que se multiplicavam por várias vezes.

Ninguém conseguia cantar somente uma vez – era necessário mais, e decorar todos aqueles versos era uma verdadeira missão. Uma vez decorados, cantá-los era motivo de orgulho, quase um troféu. Se dizem que o "efeito Mozart" é capaz de trazer uma tremenda qualidade organizacional para o cérebro, imagina o "efeito Legião Urbana" na cabeça de um bebê? E causou! Ela ficou tão ligada às músicas que sua vida parecia ser parafraseada, retirada das letras, às vezes ecléticas. Bom, o que importa mesmo é que Maria Lúcia era uma menina linda que encantava a todos.

Sua mãe tinha uma barraquinha no Largo da Carioca, trabalhava de forma autônoma – era camelô. Não tinha com quem deixar a menina e, por isso, era obrigada a levá-la diariamente com ela. Era desgastante e cansativo, passava muito tempo no ônibus, que saía do

ponto final em Realengo, Zona Oeste do Rio, até a última parada, a Praça Tiradentes. As duas ainda caminhavam um pedaço para chegar ao Largo, onde montavam a barraca e começavam o dia.

Mas, para a menina, tudo aquilo era muito divertido. Ela amava a forma como o ônibus sacudia seu pequeno corpo. Sentar no banco alto era seu maior objetivo na viagem; os da frente proporcionavam a melhor vista e os de trás, os maiores saltos. Ela vinha apreciando todos os lugares por onde a condução passava: as lojas de carro da Intendente Magalhães, a Tradição, o Campinho, Engenho de Dentro!

– Quem não saltar agora, próximo ponto só no Méier! – gritava o motorista.

Sua tia insistia em chamar de "Méiar", um lugar que a menina, na verdade, não lembra, pois sempre cochilava e só acordava quando o ônibus fazia a curva acentuada. Na chegada da Uerj, mais um cochilo e pronto:

– Já chegamos, mamãe! Olha aqueles bichinhos engraçados! – eram as famosas cutias do Campo de Santana, para as quais apontava e sorria.

Era tão maravilhoso tudo aquilo que ela observava que o ponto final, na verdade, era o início da grande aventura que viveria ao longo do dia. Naquele perímetro havia tanta história e cultura, e ela parecia uma esponja, absorvia toda aquela informação e falava. Falava tanto que cansava a mãe com tantas perguntas.

Falava tanto que adquiriu o hábito de "falar com os botões", isso mesmo! Falando com os botões você interage com alguém, que nesse caso é você mesmo, desabafa à vontade. Por mais crítico que seja, você não vai puxar sua própria orelha! Sobretudo, ela sabia que, no fundo, poderia até parecer, com certeza, maluca-beleza, mas não incomodaria ninguém.

Ela gostava de observar os artistas, que, assim como sua mãe, faziam daquele lugar um espaço aberto para apresentar e vender suas artes. O tempo foi passando e a menina, crescendo. Já não podia

acompanhar a mãe, como de costume, pois precisava frequentar a escola, mas sempre que possível não havia outro pedido que não fosse:

– Mãe, posso ir contigo? – e a mãe não hesitava, pois amava a companhia da filha.

Como já era conhecida e amiga de muitos amigos, era comum que a mãe permitisse acompanhá-los em visitas a escritórios. Maria Lúcia teve a oportunidade de conhecer os museus, o Theatro Municipal, o Teatro João Caetano, a Catedral Metropolitana, a Biblioteca Nacional...

Ah, ela amava a biblioteca, ela adorava ler os livros e divertia-se reparando o comportamento das pessoas; as caras e bocas que faziam em diferentes momentos. Ela ria e conversava com seus botões; só eles eram capazes de entender o que ela sentia, e como se divertia. Um dia, leu que seu nome significava "vidente luminosa", e, como boa pisciana, de ascendente em Escorpião, era mística, e acreditou que seria de fato uma vidente capaz de decifrar as pessoas através das observações que fazia.

Sua vida era tão boa e feliz, e na certeza de sua vidência, jamais poderia imaginar a surpresa que estava por vir. Mal poderia imaginar que o mar seria apenas uma gota comparado ao pranto que teria. Sua mãe, aquela mulher forte e trabalhadora, de repente ficou muito doente e enfraquecida, e, após alguns exames, recebera o pior e mais aterrorizante diagnóstico: soropositivo!

Afinal de contas, o que era ser soropositivo? Em sua cabecinha jovem parecia tudo muito confuso. Decidiu perguntar à professora, mas sem dizer quem era a pessoa portadora da enfermidade. A professora, com muita delicadeza, tentou explicar à menina e, entre tudo que falou, a pior coisa que Maria Lúcia poderia ter ouvido é que a morte era certa e seu futuro, incerto.

Ela saiu da sala aos prantos, chorou profundamente e sofreu. Sabia que sua mãe não teria condições de se tratar, sabia que ficaria

sozinha, pois nunca conhecera seu pai. Retornou para casa, abraçou fortemente a mãe e decidiu que com ela iria ficar até o fim.

O fim não demorou muito a chegar. Passaram alguns meses, e, num domingo, sua tia chegou com a triste notícia de que a mãe falecera na noite anterior. Foi um momento difícil. Maria Lúcia precisava avisar aos poucos parentes e aos muitos amigos, aqueles do Largo da Carioca, que haveriam de se encontrar. Ligou para cada um deles, dizendo a hora, o lugar e a razão do encontro. Sua tia tornou-se sua responsável, e numa conversa aberta, decidiu:

– Vamos para Brasília. Não há melhor lugar neste país para eu trabalhar e você estudar!

E, assim, as duas foram tentar a sorte. O destino, então, parecia lhe sorrir. A tia passou num concurso público, que lhe garantiu excelente salário. A jovem Maria Lúcia terminou o Segundo Grau e foi aprovada de primeira na UnB. Decidiu fazer Ciências Farmacêuticas – sonhava em desenvolver drogas que pudessem ajudar as pessoas a controlar os efeitos da Aids e, quem sabe, prolongar suas vidas.

Os anos passaram. A saudade que tinha da mãe e da cidade onde nasceu era tamanha que não se achava verdadeiramente feliz. Era comum ter pesadelos. Tudo que de fato sentia era que algo lhe faltava e, às vezes, ela acordava no meio da noite.

Chegou a sonhada formatura, sua tia era única referência familiar presente. Ela olhava todos em volta sorrindo, abraçando seus pais e irmãos. Sabia que não poderia ter o mesmo. Por um momento pensou: "A vida não presta!". Porém, no instante seguinte, lembrou como era bom conversar com seus botões. Há tempos não praticava, e, num diálogo cheio de afinidade, percebeu que vivia um sentimento quase infantil, que deveria mudar, criar coragem e enfrentar suas dores de outra maneira.

Já em casa, informou à tia sua decisão:

– Voltarei para o Rio de Janeiro!

Muito assustada, sua tia argumentou quase uma noite inteira sobre os riscos que enfrentaria, mas Maria Lúcia estava decidida. Aguardaria apenas o tempo de dar entrada no diploma. Pediu dinheiro para comprar a passagem, arrumou as malas como quem arruma o próprio destino, organizou as peças como se organizasse os sonhos, e num voo direto retornou em busca da felicidade.

Lá do alto teve a consciência de como morria de saudade do Rio, do sol, do céu e do mar, o Cristo de braços abertos; sentiu-se abraçada! Apertou o cinto e fechou os olhos agradecendo por tamanha alegria.

Primeira parada: Largo da Carioca. Teria que ser lá o pontapé inicial, e assim foi! Ao chegar e ver todo aquele movimento de pessoas, imagens e sons, emocionou-se. Viu o local onde ficava a barraca em que sua mãe trabalhava, e chorou, chorou muito. Como numa catarse, libertou-se de tudo que lhe causava aquele aperto na garganta, sentindo que, de tanto acreditar em tudo que achava tão certo, teria o mundo inteiro e até um pouco mais, não deixaria mais suas tristezas ferirem seu peito, teria uma nova vida. Afinal, era tão jovem.

O maior ensinamento que a vida poderia lhe oferecer é que sempre precisamos de um pouco de atenção. Às vezes, não sabemos quem somos, o caminho que seguiremos, só sabemos o que não gostamos. Precisamos buscar o que nos faz feliz, trazer à tona nossa memória afetiva, resgatar nossa essência, não deixar a poeira se espalhando pelos cantos. Este é nosso mundo. O que é demais nunca é o bastante; cabe a cada um encontrar a sua felicidade. Cada dia é único e a primeira vez é sempre a última chance.

ÉRIKA SATLHER
PI de Língua Portuguesa na E.M. Noel Nutels / 7ª CRE

O PÉ DE GALINHA

ANA C. DAS CHAGAS, JACQUELINE DE AZEVEDO, JANAÍNA DE AGUIAR, MARIA C. TEIXEIRA E MARIA C. CHAGAS

Quatro amigas que também desenvolvem o árduo trabalho de ensinar, pois são professoras de alunos de 5 a 10 anos, cada uma em sua devida turma, numa escola do subúrbio do Rio de Janeiro, atendendo crianças com muitas necessidades físicas, materiais e sociais, resolveram viajar durante as férias de verão para descansar e se distrair.

As amigas decidiram que, para alegrar toda a viagem, iriam sempre juntas, convivendo no mesmo quarto, compartilhando todos os momentos, podendo se lembrar de fatos ocorridos durante o ano, dando boas gargalhadas. No entanto, essa tentativa de estarem juntas foi desfeita já no embarque do avião, pois cada uma ficou em um assento distante da outra.

Heleninha era uma mulher madura, destemida, independente, mas que tinha pânico de avião. Quando percebeu que iria ficar afastada das demais, suou frio e paralisou. Diante de tal quadro, suas amigas começaram a tentar com os outros passageiros uma troca de lugar, para que Heleninha se sentisse mais segura ficando junto de uma das amigas. Porém, a tentativa de troca foi em vão; todas já estavam pensando que a viagem mal começara e já havia terminado.

Para que Heleninha se sentisse mais tranquila, ela solicitou ficar no corredor. Todas as amigas se movimentaram, incomodando os outros passageiros, mas, por fim, conseguiram colocá-la no tão sonhado corredor. Porém, ela continuava nervosa e se sentindo desprotegida. Foi então que Celina, a mais aventureira da turma e também mais viajada, teve a ideia de, durante o voo, ficar em pé ao lado dela e segurar sua mão, dando-lhe todo o apoio. Depois de toda a tensão e confusão, o voo seguiu e chegou ao seu destino, mas a aventura continuou.

Logo que desembarcaram, ansiosas para chegar à pousada, foram apanhar as bagagens. Celina, com sua larga experiência em viagens, foi a que conseguiu achar as malas. Gritou para as outras, que já estavam se dirigindo ao setor de reclamações. Tudo resolvido, prosseguiram felizes e ansiosas para desfrutar os dias maravilhosos que estavam por vir.

Chegando à pousada, foram muito bem recebidas por um rapaz simpático e brincalhão. O rapaz era tão brincalhão que quase as enganou, pois fez caras e bocas quando as avistou como quem não esperava nenhum hóspede naquele momento. Para surpresa das meninas, o quarto em que ficariam não estava pronto para uso. Imaginem só a cara de decepção ao saberem que o ar-condicionado estava sendo substituído!

Jane, que era a mais serena do grupo, tratou logo de falar:

– Calma, meninas, ele já disse que daqui a 20 minutos estará tudo pronto, não viemos até aqui para nos estressar...

Celina sugeriu deixar as bagagens na recepção para dar um passeio e conhecer o vilarejo. As quatro amigas professoras saíram tão eufóricas que não prestaram atenção no nome das ruas. Avistaram o mar e decidiram por ali ficar e lanchar. Quando se deram conta, já estava escurecendo. Era hora de voltar...

Começaram a caminhar, distraídas, jogando conversa fora. Foi então que Carlinha, a mais velha do grupo, que era baixinha e pequenina, começou a sinalizar que já estavam andando há muito tempo. E ela já apresentava sinais de cansaço.

A partir de então, se deram conta de que estavam perdidas. Celina, muito prática, chamou um táxi que as levou para a pousada. O taxista, muito surpreso, alertou-as que estavam tão distantes que quase saíram do vilarejo.

Chegando à pousada, pegaram as malas e foram organizar seus pertences para o passeio tão esperado do dia seguinte...

O dia amanheceu lindo e as meninas, supercontentes, foram desfrutar de um maravilhoso passeio de barco. Após diversas paradas em praias paradisíacas, eis que, em uma delas, Carlinha, muito eufórica, não quis aceitar ajuda de Jane para descer do barco.

Apressadamente, acabou pisando em falso numa pedra, vindo a machucar o pé. Para disfarçar o mico, continuou andando e depois mergulhou e nadou como se fosse uma sereia até a praia conhecida pela lama medicinal e rejuvenescedora da região.

As amigas começaram a se lambuzar com a famosa argila, porém Carlinha, que estava um pouco afastada, degustando uma cerveja, sentada, buscando aliviar a dor no pé, foi desafiada pelas companheiras de viagem a passar a lama milagrosa nos "pés de galinha".

Carlinha, tranquilamente, começou a massagear a lama nos pés.

Quando as amigas se depararam com a cena grotesca, deram uma tremenda gargalhada.

Carlinha, muito séria e sem entender o que se passava, perguntou:

– Vocês estão rindo de quê? Não é para passar no pé?

E, em coro, todas responderam:

– É nos pés de galinha, Carlinha! Ou será Garlinha?

Todas caíram no riso...

Essa foi uma das muitas aventuras vividas em Porto de Galinhas.

ANA CLÁUDIA S. DAS CHAGAS / PEF · **JACQUELINE VENTURA DE AZEVEDO** / diretora · **JANAÍNA V. DE AGUIAR** / PII · **MARIA CARLA V. TEIXEIRA** / PII · **MARIA CRISTINA DE S. CHAGAS** / PII
E.M. Lins de Vasconcelos / 3ª CRE

A MENINA-MULHER SONHADORA

CLÁUDIA MARLENE SILVA E LEILA CAMELO LIMA

Era o ano de 2011 e muitas coisas estavam acontecendo na vida de Maria, que era uma menina-mulher sonhadora, alegre e feliz. Ela estava de casamento marcado, e uma das coisas que ela e seu noivo mais esperavam aconteceu.

Ao chegar em casa, seus pais haviam recebido o tão esperado telegrama que comunicava que, finalmente, sua convocação para se tornar professora da Rede Municipal do Rio de Janeiro havia chegado.

Foi um misto de emoções, pois trabalhava no mesmo local há quase oito anos, amava seus colegas e o trabalho que realizava. Teria que deixar tudo aquilo para exercer a tão sonhada atividade de educadora/professora bem distante de sua casa.

Aceitou o desafio! Apresentou-se e realizou todas as etapas. Tomou posse em 31 de março daquele ano e foi conhecer a sua futura escola. Apesar da distância, se apaixonou. Era uma escola pequenina, em uma região rural. Azul e branca, com uma linda escada na entrada.

Foi recebida por uma mulher elegante que estava sentada na primeira sala, onde funcionava a secretaria. Logo chegaram a coordenadora e um simpático professor de Educação Física. Levaram-na para conhecer o local. A escola tinha apenas sete salas de aula, uma quadra de areia e muito verde no entorno. Era um lugar bucólico, que transmitia paz. Depois de conhecer o espaço, apresentaram-lhe a turma, dizendo:

– Nós não vamos te enganar. A turma é pequena e tem crianças com muita dificuldade de aprendizagem. É um 3º ano repetente e bem carente.

O coração daquela menina-mulher sonhadora logo se aqueceu de amor por seus futuros alunos, que ela ainda não conhecera.

Ao sair de lá, uma amiga que acompanhou todo o processo tentou convencê-la a não voltar, argumentando que era muito distante. E era! Ela teria que percorrer, diariamente, mais de 60 quilômetros de sua casa até a escola. Mas de nada adiantou a tentativa da amiga. Ela encarou o desafio que se tornou a melhor experiência de sua vida.

No dia seguinte, estava lá. A diretora da escola, na Sala de Leitura, ansiosa pela chegada da nova professora, assim que a viu disse:

– Todos seus!

Maria olhou nos olhos daquelas crianças e teve certeza de que havia feito a escolha certa! Começava ali uma relação que não foi apenas de professora-aluno, mas uma relação cheia de amor e amizade que os acompanhou até o 5º ano.

Todavia, não foi uma caminhada fácil. Maria não tinha experiência em alfabetizar. Seu trabalho anterior, apesar de ter relação com a educação, estava voltado para o uso de tecnologias digitais. Maria não sabia como iniciar todo aquele processo.

Sua sala de aula era bem pequena. Os alunos e ela mal tinham espaço para se movimentar. Havia um armário branco suspenso, cheio de materiais e matrizes prontas, que professoras anteriores haviam deixado. Maria era a terceira professora a ficar com aquela turma, naquele ano, e ainda era abril, primeiro bimestre.

Sem saber muito o que fazer, começou usando aqueles materiais. Atividades que juntavam sílabas, formavam palavras sem sentido para eles e também para ela. Até que, ainda nos primeiros dias de aula, um dos alunos, o José, falou algo que mudou para sempre a relação deles com ela, dela com eles e com sua prática pedagógica.

José era um dos mais introspectivos. Não aceitava carinho, abraços e beijinhos que Maria gostava de distribuir entre seus alunos.

ESCOLA
PROFESSOR TALENTO

Por isso, quando ele falou o que eles precisavam, Maria ficou surpresa e percebeu que precisava trilhar outro caminho com eles.

Ele disse, no meio de uma das atividades sem sentido que Maria realizava:

– Tia, isso a gente já sabe!

José se referia a juntar letrinhas. Maria parou tudo e disse:

– O que vocês querem?

– Nós queremos ler. A gente não sabe ler.

Com vontade de chorar, Maria pegou um pequeno texto, pôs na lousa e recomeçou.

No final daquele ano, que marcou de tantas formas a sua vida, aqueles 13 alunos repetentes, carentes de afeto e sem autoconfiança estavam alfabetizados e mais confiantes. Maria teve seu trabalho reconhecido e, no seu primeiro ano como professora, recebeu o troféu Professor Talento. Ela recebeu o troféu com a diretora, que reconheceu seu comprometimento em fazer diferença na vida daquelas crianças, que muitos diziam que não iriam aprender. Maria viu que seu esforço valeu a pena!

CLÁUDIA MARLENE SILVA E LEILA CAMELO LIMA
PEFs do Ciep Olga Benário Prestes / 11ª CRE

CONTO SOBRE A VIDA

CYNTIA KELLY MENEZES DA S. BURGUINHÃO

O dia começou às quatro da manhã. Tudo silencioso, como sempre. Olhando para o céu, só se via a negra escuridão. Então, por um momento, ela desejou que tudo fosse diferente, desejou a casa cheia de pessoas como outrora. Seu jeito silencioso aos poucos foi afastando quem não amava, mas, principalmente, quem amava. Agora já estava feito. E os dias corriam assim: mecânicos e frios.

Já pronta para sair, lembrou-se do documento que apresentaria ao advogado na hora do almoço. Voltou, pegou rapidamente e saiu com segundos de atraso. Parecia inglesa com sua mania de horários. Chegou tão envolvida com o atraso mental que produzira, que não observou o novo membro na equipe. Passou a manhã digitando e conferindo o que fora feito, até ser interrompida por uma voz.

Aquela voz não sairia de seus pensamentos. Diferente dos demais, parou próximo, segurando um café e alguns papéis na outra mão. Apresentou-se de maneira rápida e disse que seria o responsável por revisar tudo o que fizessem no escritório. Mas o dono da voz marcou por se aproximar sem rodeios e dizer exatamente o que faria. Não havia reservas nele. Era o que era. Tão difícil nesses tempos modernos encontrar alguém assim. Quase raro. Muitos são o que a mídia produz, o que a sociedade deseja; poucos são originais. E, para ela, já estava tão difícil perceber a essência, que desistira de todos. Melhor não se ferir mais tentando. Sim, tentando ser e ter amigos.

Os dias se passaram e ela começara a perceber mudanças sutis em seu próprio comportamento. Conseguia dar algumas pausas no que fazia, quando "a voz" se aproximava e conversava coisas triviais. Parava para observar pequenos objetos que surgiam em sua mesa. Ria mentalmente, achando graça naquela amizade que se desenhava. Como ficava leve e distraída naquele lugar que antes lhe parecia frio e pesado. E, agora, outros também se arriscavam e passavam lhe desejando um bom-dia tímido, fazendo alguma gentileza. Como estava mudando? O que mudara? A barreira invisível fora construída por quem, afinal?

Lembrou-se da citação de se construir pontes e não muralhas ao redor de si. Sim, o tempo continua correndo, as pessoas são como são, não como ela deseja que sejam. Certamente seria um mundo mais fácil, com dias mais fáceis. Mas quanto tempo perdeu, quantas pessoas perdeu ao tentar ser quem não era? Bendita voz, que ecoou e estremeceu o interior dela. Não, não houve romance, a vida não precisa ser completa só com isso. Amigos que se fazem e permanecem são "a voz" para todos aqueles dias que insistem em silenciar a vida que está em nós.

CYNTIA KELLY MENEZES DA S. BURGUINHÃO
PII no Ciep Grogório Bezerra / 4ª CRE

O PODER DE SONHAR

WILMA GOMES DE LIMA

Hoje venho contar uma história de uma menina, filha de descendentes indígenas, nascida no interior de Pernambuco. Logo na infância, perdeu seu irmão e depois seu pai.

A menina era irmã mais nova de uma família em que ficaram somente mulheres, entre elas sua mãe, uma pessoa sem condições financeiras que criava suas filhas com toda dedicação e sabedoria de Deus.

O lugar onde morava não tinha lugar para brincar nem era um lugar de bom aspecto. À sua volta, só via estrada de barro e morros; no período de seca, a imagem era de tristeza.

Sua alimentação vinha de um pedaço de terra que, no tempo de chuva, dava o que comer. Desde nova, junto com suas irmãs, plantava e colhia para sobrevivência da família.

Não podia estudar porque não tinha escola próxima. Nas idas e vindas, falava consigo: "Vou conhecer terras longe daqui". Aos 9 anos, decidiu sair do interior e ir para Petrolina, sem conhecer nada e sem saber ler. Juntou sementes de mamona, fez óleo e vendeu

na feira mais próxima, até ter o dinheiro para comprar um vestido e um chinelo para sua viagem. Quando achava que poderia viajar, chamou sua mãe para conversar.

– Mãe, preciso sair daqui, conhecer outras terras, arrumar um emprego e ajudar a senhora e as minhas irmãs.

– Menina, que conversa é essa? Você só tem 9 anos. O que você pensa em fazer?

– Vou para Petrolina, vou arrumar um emprego em casa de família ou fábrica e poderei lhe ajudar.

– Filha, você não conhece nada lá!

– Creio que irei conseguir; se não, voltarei.

A mãe confiou nela e, diante de tanta determinação na realização do seu sonho, concedeu o seu desejo, mas com uma condição: que sua irmã mais velha fosse junto.

Diante do pedido de sua mãe, trabalhou mais um pouco para ter dinheiro para ela e para a irmã. Quando tinha a quantia necessária, comprou as passagens de trem para as duas viajarem.

Dentro do trem, um amigo da família a reconheceu e perguntou o que elas estavam fazendo dentro daquele trem.

– Jonathan, eu e minha irmã vamos para Petrolina para trabalhar.

– Mas vocês não conhecem nada lá!

– Eu sei, mas vou conseguir um emprego para mim e minha irmã.

– Vocês vão ficar onde?

– Ainda não sei.

– Meninas, quando chegar o final da viagem não saiam do trem, pois eu vou pegar vocês e levar para minha casa. Eu ajudarei vocês.

Assim aconteceu: o amigo da família levou as meninas para casa de sua família, sua mãe lhes deu comida e abrigo até as meninas se empregarem.

A menina sonhadora arrumou um emprego numa fábrica de bebidas, para limpar as garrafas de vidro, e sua irmã arrumou um emprego de doméstica.

Não se contentando com isso, quando pegou mais idade foi para Salvador para trabalhar como babá e, depois, foi para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como copeira de uma família muito rica. Nessa família, ficou até o seu casamento.

Não posso esquecer: essa família fez a festa de casamento da sonhadora. Hoje, é uma pessoa feliz e realizada em todos os sentidos. Uma prova de que sonhar é muito bom e, se for uma pessoa determinada, esse sonho se realizará.

WILMA GOMES DE LIMA
Agente educadora II na E.M. Paraguai / 5ª CRE

Leitura de textos literários em rodas de conversa. A ideia pode parecer simples ao olhar menos curioso. Mas, para ouvidos atentos, a troca de impressões e opiniões vai além do debate: abre um mundo de possibilidades à criação, encoraja os mais tímidos, incentiva a liberdade de expressão. É o que vemos acontecer com A Arte dos Contos.

A iniciativa desenvolvida pela MultiRio em parceria com a Coordenação do Projeto das Escolas de Turno Único e a Gerência de Leitura e Audiovisual da Secretaria Municipal de Educação chega ao segundo ano não apenas difundindo textos de grandes autores nacionais, mas também revelando em nossa Rede ótimos contistas.

Do prazer de ler ao gosto pela escrita, A Arte dos Contos chegou para ficar. Cresce a cada encontro e vem resultando em histórias que nos motivam a exercer, nas páginas desta edição, o rico hábito da leitura.

Boa descoberta!

Talma Romero Suane
Secretária Municipal de Educação – SME

IMPRESSÃO
Nova Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro

TIRAGEM
2.000 exemplares

OUTUBRO 2018

RIO PREFEITURA
EDUCAÇÃO

A ARTE DOS CONTOS

Muitas vozes: faladas, ouvidas, silenciadas, amordaçadas, gritadas, sussurradas....

Vozes que ditam, ameaçam, apelam, suplicam, convencem. Vozes suaves, doces ou ríspidas, autoritárias, sutis, que imaginam, criam, que estavam esquecidas lá num cantinho da memória, do coração...

Essas muitas vozes afloraram neste livro, por intermédio dos contos criados pelo universo de adultos que compõem as escolas da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro.

Verdades? Ficção? Ouçamos essas vozes!

Catharina Harriet Baptista
Assessoria de Articulação Pedagógica - MultiRio

Muitos leitores têm o desejo de um dia escrever. Fantasias, sonhos, "causos"... Colocar no papel é uma forma generosa de compartilhar o que há no nosso imaginário.

O maior prazer para quem escreve é essa conversa íntima entre autor e leitor.

Nas entrelinhas, a mágica!

Martha Gomes
Gerência de Leitura e Audiovisual - SME

MultiRio - Empresa Municipal de Multimeios Ltda.
Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ
Brasil • CEP 22260-210
Central de Atendimento ao Cidadão: 1746
Fora do Rio: (21) 3460-1746 • Fax: (21) 2535-4424
www.multirio.rj.gov.br • ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br